UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

NARRATIVA, TRADIÇÃO, INTERCULTURALIDADE: OS SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA IDENTIDADE DE JOVENS POTIGUARA

Elaine Freitas de Sousa

João Pessoa
2017

ELAINE FREITAS DE SOUSA

NARRATIVA, TRADIÇÃO, INTERCULTURALIDADE: OS SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA IDENTIDADE DE JOVENS POTIGUARA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, na Linha de Pesquisa Estudos Culturais da Educação, como pré-requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profª Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho

Coorientadora: Profª Dra. Ercília Maria Braga de Olinda

João Pessoa

2017

Catalogação na publicação
Setor de Catalogação e Classificação

S729e Sousa, Elaine Freitas de.
Narrativa, tradição, interculturalidade: os significados da formação acadêmica na identidade de jovens potiguara / Elaine Freitas de Sousa. - João Pessoa, 2017.
203 f. : il.

Orientadora: Maria Eulina Pessoa de Carvalho.
Coorientadora: Ercília Maria Braga de Olinda.
Tese (Doutorado) - UFPB/CE

1. Educação. 2. Identidade indígena - Ressignificação. 3. Narrativas indígenas. I. Título.

UFPB/BC

ELAINE FREITAS DE SOUSA

NARRATIVA, TRADIÇÃO, INTERCULTURALIDADE: OS SIGNIFICADOS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA NA IDENTIDADE DE JOVENS POTIGUARA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, na Linha de Pesquisa Estudos Culturais da Educação, como pré-requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em: 15 de dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Maria Eulina Pessoa de Carvalho

Prof.ª Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho (PPGE/UFPB)
(Orientadora)

Prof.ª Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (PPGE/UFC)
(Coorientadora)

Jeane Felix da Silva

Prof. Dra. Jeane Félix da Silva (PPGE/UFPB)

Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento (PROLING/UFPB)

Prof. Dr. Lusival Antônio Barcelos (PPGCR/UFPB)

Scanned by CamScanner

Aos meus pais, Elevina e José.

Ao meu filho, Kalil.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Elevina, pela minha vida, ensinamentos e aprendizados, paciência e dedicação, por tudo que eu sou e conquistei, pelo que faço a mim e aos outros. Pela sua presença iluminando minha vida.

Ao meu pai, José Braga, que me ensinou a ser guerreira, a correr atrás mesmo com dificuldades, e de que muitas vezes não é no planejamento que as coisas acontecem, mas no meio do caos e quando menos esperamos.

Ao meu filho Kalil, presente maior da minha existência, meu companheiro de jornada e amadurecimento, pelas trocas e o conhecimento de compreender que existe um amor maior, que só ele me fez sentir.

Ao Jonathas, pelo amor, apoio e cumplicidade, nos mais diferentes momentos, nas adversidades, alegrias e conquistas, no desafio da distância e da convivência diária, mas sempre juntos e certos do que queremos.

À minha orientadora Eulina, pela aceitação em me acompanhar nesta etapa tão longa, pelo carinho, atenção e respeito, por ter me estendido a mão num momento em que eu estive sozinha.

À minha co-orientadora Ercília, fazendo de tudo um pouco, porque é amiga, irmã e mãe, estando na minha vida há 15 anos, me acolhendo, apresentando o mundo da educação e me ensinando a trilhar o meu caminho pessoal e espiritual.

Ao meu irmão Adriano, pelo amor, afeto, proteção e sintonia de uma vida inteira, meu "primeiro filho".

Aos meus eternos educandos Josilene, Iranilza, Tiago e Helane, por todo o aprendizado, pelas conversas, risadas e aprofundamento naquilo que consideramos relacionamento mútuo.

Aos professores da banca Jeane, Ricardo e Lusival, pelo aceite e participação em contribuir com um trabalho fundamental para a minha formação.

Ao amigo Erivaldo, por participar da banca, me acompanhando e torcendo por mim em mais uma etapa da minha vida, com todo o carinho e atenção.

Ao Nonato Júnior, por estar sempre ao meu lado, meu amigo verdadeiro, meu irmão.

À Alessandra, minha amiga de jornada, pelas conversas, desabafos e alegrias.

Às minhas parceiras, Joelma e Conceição, que me acolheram com muita satisfação na UFC e me incentivam com muita amizade.

Aos amigos e parentes que ao longo destes quatro anos estiveram ao meu lado, me apoiando, incentivando e acreditando.

À UFC e todos os professores e professoras do DA, pelo apoio que me proporcionaram para concluir essa tese.

À UFPB por ter me recebido em seu quadro docente e discente, me propiciando experiências únicas na minha formação profissional e pessoal, sobretudo, colegas do Campus IV, por tudo.

Às minhas colegas de trabalho e amigas, Chussy, Luz e Maika, que por alguns anos foram a minha família em João Pessoa, me apoiando no que precisei, tanto profissionalmente, como para realização deste doutorado.

À turma 34 de doutorado, pelas experiências, conversas, cafés e muitas risadas.

A todos os meus educandos e educandas, pois também por eles concluo esse trabalho tentando sempre buscar o melhor no que diz respeito a conhecimento.

Ao Universo, aos meus guias espirituais, santos e espíritos de luz, sempre presentes, me alertando, cuidando e protegendo de todos os males.

Ao meu pai Ogum, pela força, determinação e luta.

À mamãe Oxum, pela delicadeza, sabedoria e plenitude.

À minha mãe Iemanjá, pela grandeza em me guiar, pela vibração e o acolhimento, sempre.

Ao Deus Tupã, por resgatar as minhas raízes indígenas de tempos em tempos, me guiando com sabedoria, apoiando e reforçando a minha fé, na força que vivencio sempre através da natureza.

O outro Brasil que vem aí

Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
de outro Brasil que vem aí
mais tropical
mais fraternal
mais brasileiro.
O mapa desse Brasil em vez das cores dos Estados
terá as cores das produções e dos trabalhos.
Os homens desse Brasil em vez das cores das três raças
terão as cores das profissões e das regiões.
As mulheres do Brasil em vez de cores boreais
terão as cores variamente tropicais.
Todo brasileiro poderá dizer: é assim que eu quero o Brasil,
todo brasileiro e não apenas o bacharel ou o doutor
o preto, o pardo, o roxo e não apenas o branco e o semibranco.
[...]

Gilberto Freyre – Casa Grande & Senzala

RESUMO

A tese defendida neste trabalho é a de que o sujeito proveniente de uma identidade cultural Potiguara, através dos conhecimentos e experiências apreendidos nos processos formativos a partir do seu ingresso na universidade, ressignifica seus saberes construídos ao longo de sua trajetória de vida. Sendo assim, as referências teóricas para pensar as experiências que envolvem esta tese se constituiu na inter-relação entre vários campos do conhecimento e prática, tais como: universidade (SAVIANI, 2007 e BOAVENTURA, 2013); etnia e identidade indígena (HALL, 2006 e IANNI,2004); multiculturalismo, interculturalidade e nos estudos culturais (CANDAU, 2008; JOVCHELOVITCH, 2011; GRANDO e HASSE, 2001; SILVA, 2000 e BRANDÃO, 2002), compreendendo a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia e a Educação, ressaltando como categoria central, o conceito de identidade (HALL, 2009; BAUMAN, 2005; SILVA, 2013; ELIAS,1994; dentre outros). Portanto, o objetivo geral desta pesquisa qualitativa foi investigar, a partir das narrativas de vida dos jovens indígenas, os modos como estes ressignificam sua identidade considerando as experiências acadêmicas vivenciadas no curso de Secretariado Executivo, oferecido no campus IV da UFPB, na região do Vale do Mamanguape. Os objetivos específicos envolveram: identificar como os educandos e educandas indígenas têm buscado se inserir no universo acadêmico; reconhecer sujeitos, espaços e processos fundamentais para que estes/estas jovens possam construir interseções entre suas identidades culturais e o conhecimento acadêmico, através de um diálogo intercultural; perceber a partir de suas trajetórias de vida, como suas experiências puderam contribuir para o ingresso na universidade e a escolha de um curso superior. A abordagem metodológica adotada foi a pesquisa (auto)biográfica, por permitir a articulação de sentidos a partir da centralidade das narrativas dos jovens Potiguara, considerando os conceitos de experiência (LARROSA, 2002 e DELORY-MOMBERGER, 2006); experiência formadora (JOSSO, 2004) e narrativas (RICOUER, 1994; BENJAMIN, 1994 e BERTAUX, 2010). O procedimento para a produção das narrativas foi o grupo dialógico (GD) com a participação de três estudantes indígenas, compreendendo as seguintes atividades: aplicação de questionário sobre informações pessoais, acadêmicas e profissionais; atividades práticas para o desenvolvimento dos conceitos embasadores desta tese; e, por fim, a realização da narrativa. A coleta de dados foi complementada com a observação participante, o diário de itinerância e a análise do memorial acadêmico dos envolvidos. Para a análise do corpus da pesquisa, utilizamos a textual discursiva, sob o viés do que Roque Moraes (2014) denomina de “tempestade de luz”, por se tratar de uma metodologia que busca interpretar as produções realizadas e construídas na pesquisa qualitativa, representando uma compreensão de caráter hermenêutico e heurístico. Partindo das narrativas, compreendemos momentos e processos que fizeram com que ele e elas se envolvessem em atividades promovidas pela universidade, buscando a inserção nesse espaço; identificamos os sujeitos que possibilitaram a interseção entre sua identidade cultural e os conhecimentos acadêmicos, destacando os pais, parentes, amigos e professores; e por fim, reconhecemos algumas contradições e complementaridades existentes na interseção entre o conhecimento acadêmico e indígena, possibilitando um processo de ressignificação da própria identidade.

Palavras-chave: Identidade. Indígena Potiguara. Narrativa. Interculturalidade. Formação superior.

ABSTRACT

This thesis defends that subjects coming from a Potiguara cultural identity re-signifies their knowledge, built along their lifetime trajectory, through the knowledge and experiences learned in the formative processes from their entrance into the university. Thus, to reflect about the experiences that involve this thesis, the theoretical references were constituted in the interrelation between several fields of knowledge and practice, such as university (Saviani 2007; Boaventura 2013); ethnicity and native identity (Hall 2006; Ianni 2004); multiculturalism, interculturalism and cultural studies (Candau 2008; Jovchelovitch 2011; Grando and Hasse 2001; Silva 2000; Brandão 2002). It includes Philosophy, Anthropology, Sociology and Education, highlighting the concept of identity as central category (Hall 2009; Bauman 2005; Silva 2013; Elias 1994; among others). Therefore, the general objective of this qualitative research was to investigate, from the life narratives of the native youths, the ways in which they re-signify their identity considering the academic experiences lived in the Executive Secretariat course, offered at campus IV of UFPB, in the Mamanguape Valley region. The specific objectives are: identify how the native students are inserting themselves into the academic universe; recognize fundamental subjects, spaces and processes so that these young people can build intersections between their cultural identities and the academic knowledge through an intercultural dialogue; perceive, from their lifetime trajectories, how their experiences could contribute to the entrance in the university and the choosing of a higher education programme. The methodological approach adopted was the (auto) biographical research because it allows the articulation of meanings from the centrality of narratives of the young Potiguara Natives, considering the concepts of experience (Larrosa 2002; Delory-Momberger 2006), training experience (Josso 2004) and narratives (Ricouer 1994; Benjamin 1994; Bertaux 2010). The procedure for the production of the narratives was a dialogical group (DG) with the participation of three native students, comprising the following activities: questionnaire application on personal, academic and professional information; practical activities for the development of the concepts underlying this thesis; and, lastly, the realization of the narrative. The participant observation, a roaming diary and the analysis of the academic reports of those involved complemented the data collection. We use the discursive textual analysis for the research corpus, under the bias of what Roque Moraes (2014) calls “a storm of light”, because this methodology seeks to interpret the productions made and constructed in the qualitative research, representing a hermeneutic and heuristic understanding. Starting from the narratives, we understand moments and processes that made the subjects get involved in activities promoted by the university, seeking their insertion in that space. We also identified the subjects that allowed the intersection between their cultural identity and the academic knowledge, highlighting parents, relatives, friends and professors; and, lastly, we recognized some contradictions and complementarities existing in the intersection between academic and native knowledge, making possible a process of re-signification of one's own identity.

Keywords: Identity. Potiguara Natives. Narrative. Interculturalism. Higher education.

RESUMEN

La tesis defendida es la de que el sujeto proveniente de una identidad cultural Potiguara, a través de los conocimientos y experiencias desarrollados en los procesos formativos a partir de su ingreso en la universidad, replanta sus saberes construidos a lo largo de su trayectoria de vida. Las referencias teóricas empleadas para reflexionar sobre las experiencias descritas se constituyeron en la interrelación entre varios campos de conocimiento y práctica, como: universidad (SAVIANI, 2007; y BOAVENTURA, 2013); etnia e identidad nativa (HALL, 2006; e IANNI, 2004); multiculturalidad, interculturalidad y estudios culturales (CANDAU, 2008; JOVCHELOVITCH, 2011; GRANDO y HASSE, 2001; SILVA, 2000; y BRANDÃO, 2002), abarcando la filosofía, la antropología, la sociología y la educación, destacando el concepto de identidad como categoría central (HALL, 2009; BAUMAN, 2005; SILVA, 2013; ELIAS, 1994; entre otros). Así, el objetivo general de esta investigación cualitativa fue averiguar, a partir de las narrativas de vida de los/las jóvenes nativos/as, los modos como replantan su identidad considerando las experiencias académicas vivenciadas en el curso de Secretariado Ejecutivo ofrecido en el campus IV de la UFPB, en la región del Vale del Mamanguape. Los objetivos específicos son: identificar cómo los/las estudiantes nativas/os han buscado insertarse en el universo académico; reconocer sujetos, espacios y procesos fundamentales para que estos/estas jóvenes puedan construir intersecciones entre sus identidades culturales y el conocimiento académico, a través de un diálogo intercultural; detectar cómo sus experiencias pudieron contribuir al ingreso en la universidad y la elección de un curso superior, desde sus trayectorias de vida. La metodología utilizada fue la investigación (auto)biográfica que permite la articulación de sentidos desde la centralidad de las narrativas de los/las jóvenes Potiguara, considerando los conceptos de experiencia (LARROSA, 2002; y DELORY-MOMBERGER, 2006); experiencia formadora (JOSSO, 2004) y narrativas (RICOUER, 1994; BENJAMIN, 1994; y BERTAUX, 2010). El procedimiento para desarrollar las narrativas fue el grupo dialógico (GD) con la participación de tres estudiantes nativas/os, y las siguientes actividades: aplicación de una encuesta sobre informaciones personales, académicas y profesionales; actividades prácticas para el desarrollo de los conceptos de esta tesis; y, por último, la realización de la narrativa. La obtención de datos fue complementada con la observación participante, el diario de investigación y el análisis del memorial académico de los/las involucrados/as. Para el análisis del conjunto de la investigación utilizamos el textual discursivo, bajo el sesgo que Roque Moraes (2014) denomina “tempestad de luz”, una metodología que busca interpretar las producciones realizadas y construidas en la investigación cualitativa, una vez que representa una comprensión de carácter hermenéutico y heurístico. A partir de las narrativas, entendemos momentos y procesos que determinaron la participación de los sujetos en actividades promovidas por la universidad, buscando su inserción en ese espacio; identificamos a los sujetos que aceptaron la intersección entre su identidad cultural y los conocimientos académicos, destacando a los padres y madres, familiares, amigos/as y docentes; y, por último, reconocimos algunas contradicciones y complementariedades existentes en la intersección entre el conocimiento académico y nativo, posibilitando un proceso de replantar su propia identidad.

Palabras clave: Identidad. Nativos Potiguara. Narrativa. Interculturalidad. Formación superior.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: O grupo na atividade 1, conceituando no quadro.....38
Imagem 2: O grupo no encerramento do segundo momento.....38
Imagem 3: A pesquisadora com o adorno indígena.....38
Imagem 4: O grupo assinando o termo e respondendo o questionário.....38
Imagem 5: Imagem da Josilene (cedida por ela).....44
Imagem 6: Imagem do Tiago (cedida por ele).....51
Imagem 7: Imagem da Iranilza (cedida por ela).....57
Imagem 8: Oca no Campus IV, em Rio Tinto.....100
Imagem 9: Campus IV, em Rio Tinto.....100
Imagem 10: Os blocos de salas de aula.....100
Imagem 11: Iranilza nas árvores da aldeia.....114
Imagem 12: Lagoa como fonte de vida e lugar sagrado.....114
Imagem 13: O pé de urucum representa o sangue derramado pelos antepassados...114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ações de Assistência aos Indígenas do Campus IV.....,,,,.....101
Quadro 2: Diferença nos conceitos de civilização e Cultura/Kultur.....,.....111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AUP: Associação dos Universitários Potiguara

CD: Círculo Dialógico

CRB: Círculo Reflexivo Biográfico

DIAFHINA: Grupo Dialogicidade, Formação Humana e Narrativa

ECE: Estudos Culturais da Educação

GD: Grupo Dialógico

GDD: Grupo Dialógico Potiguara

GEPES: Grupo de Estudos e Pesquisas em Secretariado

LABSEC: Laboratório de Secretariado

NEPES: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Secretariado

NIPAM: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero

OPP: Observação Participante Periférica

OPA: Observação Participante Ativa

OPC: Observação Participante Completa

REUNI: Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

UFCG: Universidade Federal de Campina Grande

UFPB: Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 16

1.1. Delimitação do objeto de estudo e objetivos da pesquisa..... 16
1.2. As motivações para a escolha do objeto de estudo..... 19
1.3. Abordagem metodológica 23

2. O DESAFIO DE PESQUISAR "COM" OS ESTUDANTES INDÍGENAS: A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NUMA RELAÇÃO DIALÓGICA..... 31

2.1. Procedimentos de pesquisa adotados..... 31
2.2. Os sujeitos da pesquisa 40
2.2.1. Josilene Maria e o respeito pela natureza..... 44
2.2.2. Tiago Fidélis e o compromisso com a educação..... 51
2.2.3. Iranilza Cinésio e o vínculo espiritual..... 57

3. IDENTIDADE: CONCEITO FUNDAMENTAL PARA A COMPREENSÃO DA CULTURA..... 69

3.1. A identidade nos estudos culturais..... 69
3.2. A identidade na cultura popular e no universo acadêmico..... 72
3.3. O multiculturalismo e a interculturalidade dos jovens indígenas..... 81

4. A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO PLURAL PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL, PESSOAL E CULTURAL..... 87

4.1. A universidade no Brasil a partir do século XX: desafios e perspectivas..... 87
4.2. A inclusão social através da educação superior no espaço inter/multicultural..... 96
4.3. A UFPB como "formadora" na integralização de saberes..... 99
4.4. A formação cultural mediada pelas aprendizagens em secretariado executivo: Quais horizontes?..... 102

5. A IDENTIDADE INDÍGENA: A COMUNIDADE LOCAL DOS JOVENS POTIGUARA..... 109

5.1. Costumes, tradições e saberes Potiguara: uma percepção partindo do conceito de cultura..... 109
5.2. O papel da AUP na representação dos jovens Potiguara..... 117
5.3. As aprendizagens experienciais dos jovens Potiguara..... 120

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS – O ENCERRAR PARA RECOMEÇAR..... 126

REFERÊNCIAS..... 130

APÊNDICES..... 138

Apêndice A – Círculo Dialógico..... 139
Apêndice B – Cronograma do Círculo Dialógico..... 140
Apêndice C – Pauta dos encontros presenciais do Círculo Dialógico..... 141
Apêndice D – Questionário sobre o perfil dos participantes..... 142
Apêndice E – Círculo Dialógico elaboração dos conceitos..... 144
Apêndice F – Termo de Consentimento..... 145

ANEXOS..... 148

Anexo I - Resolução 5/2006 (CONSUNI) - Autoriza a Implantação do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba - Litoral Norte..... 149
Anexo II - Resolução 41/2006 - Aprova o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Secretariado Executivo Bilíngue, do CCAE..... 151
Anexo III – Memoriais elaborados pelos participantes para conclusão do curso de secretariado executivo da UFPB..... 154

1 – INTRODUÇÃO

> [...] escrever é tão re-fazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática, de nossas relações com, é tão re-criar, tão re-dizer o antes dizendo-se no tempo de nossa ação [...]
>
> Paulo Freire

1.1. - Delimitação do objeto de estudo e objetivos da pesquisa

Ao iniciar uma pesquisa, se tem em mente a necessidade e preocupação em buscar respostas para as dúvidas que surgem daquilo que nos fez parar, observar, questionar e imaginar possíveis soluções, o que, nas palavras de Paulo Freire, significa uma tentativa de "re-fazer", "re-dizer" e "re-criar" determinada realidade, que aos olhos da pesquisadora pode ser diferente do que está posto para alguém que enuncia.

Alinhar as teorias com a prática cotidiana no processo educativo, envolvendo fatos, pessoas e vivências diárias, permite vislumbrar alternativas para a própria atuação e a identificação dos sujeitos envolvidos, reconhecendo-os capazes de exercer a própria autonomia.

No caso desta pesquisa, a relação existente entre a teoria e a prática aparece imbricada do começo ao fim, exatamente por ter surgido de uma experiência docente vivenciada com profundidade e expectativa na observação diária da sala de aula, diante dos costumes peculiares de seus educandos e educandas, no mergulho em um novo momento social que se abre diante da interculturalidade.

Essa experiência poderá ser compreendida nos tópicos a seguir, a partir da apresentação dos objetivos e objeto de estudo, através da minha experiência docente, que levou à problematização e fez surgir a motivação necessária para o desenvolvimento deste trabalho.

Sendo assim, as referências teóricas para pensar a experiência docente que envolve esta tese se constituiu na inter-relação entre vários campos do conhecimento e prática, tais como: **universidade (**SAVIANI, 2007 e BOAVENTURA, 2013); **etnia e identidade indígena** (HALL, 2006 e IANNI,2004); **multiculturalismo, interculturalidade e nos estudos culturais (**CANDAU, 2008; JOVCHELOVITCH, 2011; GRANDO e HASSE, 2001; SILVA, 2000 e BRANDÃO, 2002), compreendendo a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia e a Educação, ressaltando como categoria

central, o conceito de **identidade (**HALL, 2009; BAUMAN, 2005; SILVA, 2013; ELIAS,1994; dentre outros).

Além desses autores e autoras, para trabalhar a pesquisa (auto)biográfica na questão da **experiência** utilizei (LARROSA, 2002 e DELORY-MOMBERGER, 2006); nas **narrativas** (RICOUER, 1994; BENJAMIN, 1994 e BERTAUX, 2010) e na **experiência formadora** (JOSSO, 2004).

Diante desta relação teoria e prática na minha própria experiência, busquei conhecer o universo que estava inserida naquele momento, pesquisando acerca do lugar, das pessoas, e sobretudo, da cultura local e percebi que historicamente, a região do Vale do Mamanguape atravessou inúmeras fases, principalmente, com relação a sua ocupação que vai desde a criação da capitania da Paraíba, no século XVI, destacando-se neste período, a luta territorial entre os europeus e os indígenas, neste caso, os Potiguara, que residem aí até os dias atuais (MELLO, 2013).

Com isto, percebe-se atualmente nesta região, uma forte influência cultural destes povos, através dos costumes, da religião, da dança e dos objetos. Quanto aos indígenas, "Hoje, os potiguaras, que foram os senhores da Paraíba, reduziram-se a estreita faixa de terra, nas proximidades do município da Baía da Traição, onde praticam agricultura rudimentar e conservam algumas das primitivas danças, como o *toré*" (MELLO, 2013, p. 38).

A Universidade Federal da Paraíba – UFPB, que tem como missão o ensino, a pesquisa e a extensão, até 2002 estava distribuída em sete campi, nos seguintes municípios: João Pessoa, Campina Grande, Areia, Bananeiras, Cajazeiras, Sousa e Patos. Porém, com a criação da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que abrangeu quatro dos sete campi, a UFPB passou a constituir novos campi, para suprir as demandas em determinadas regiões.

No ano de 2006, ocorreu um projeto de expansão das Instituições Federais de Ensino Superior, e devido às imensas dificuldades socioeconômicas e educacionais que configuram a microrregião Litoral Norte do estado da Paraíba, a UFPB, em seu compromisso com o social, resolveu criar o Campus IV (Litoral Norte), com sede nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto.

Com a instalação do campus, houve significativo crescimento e desenvolvimento da região, sobretudo, com relação ao comércio, de acordo com depoimentos não apenas de estudantes, mas também de moradores e comerciantes locais. Tal desenvolvimento social, econômico e até mesmo cultural não se restringe à

comunidade que reside no centro da cidade e nos sítios nos arredores, mas se estende também à comunidade Potiguara.

O envolvimento de muitos professores que compõem o quadro docente do campus IV, através de projetos sociais e ações assistenciais, volta-se à preocupação em resguardar, resgatar e preservar a cultura indígena como um patrimônio cultural de suma importância não apenas para o conhecimento acadêmico, mas também como identidade local.

Desta forma, para contemplar a diversidade do conhecimento, além da interação e do contato entre as áreas, com a preocupação em manter uma relação direta com as características naturais e sociais da região, os cursos de graduação do Campus IV são: Bacharelados em *Design*, Sistemas da Informação, Ecologia, Antropologia, Ciências Contábeis, Secretariado Executivo Bilíngue e Hotelaria; Licenciaturas em Ciências da Computação, Matemática, Pedagogia, Letras, além dos cursos de Letras Inglês e Espanhol, na modalidade Educação à Distância.

O número significativo de jovens estudantes Potiguara, distribuídos nos cursos mencionados, sugere os seguintes questionamentos: como estes jovens têm ressignificado a educação de nível superior? Como a cultura e relações acadêmicas podem influenciar na preservação da identidade cultural de cada um destes educandos?

Sendo assim, partindo da convivência direta da pesquisadora com essas comunidades, como docente no período de três anos no Campus IV da UFPB, surgiu a necessidade e o interesse em compreender como a universidade tem contribuído para que os jovens Potiguara possam se inserir na comunidade acadêmica e, assim, colaborar com seu povo, reforçando sua identidade cultural, mas ao mesmo tempo, adquirindo uma profissão e fazendo parte do crescimento da região.

Desta forma, a **tese** defendida nesta pesquisa é a de que o sujeito proveniente de uma identidade cultural Potiguara, através dos conhecimentos e experiências apreendidos nos processos formativos a partir do seu ingresso na universidade, ressignifica seus saberes construídos ao longo de sua trajetória de vida.

Portanto, o **objetivo geral** da pesquisa qualitativa que gerou esta tese foi investigar, a partir das narrativas de vida dos jovens indígenas, os modos como estes ressignificam sua identidade considerando as experiências neste processo de ensino oficial vivenciado na universidade, contribuindo na sua formação, através do curso de Secretariado Executivo, oferecido no campus IV, na região do Vale do Mamanguape.

Embasado em tal objetivo, apresenta-se os seguintes **objetivos específicos**:

- ✓ Identificar como os educandos e educandas indígenas têm buscado se inserir no universo acadêmico;
- ✓ Reconhecer sujeitos, espaços e processos fundamentais, para que estes/estas jovens possam fazer uma interseção entre suas identidades culturais e o conhecimento acadêmico, através de um diálogo intercultural;
- ✓ Perceber a partir de suas trajetórias de vida, como suas experiências puderam contribuir para o ingresso na universidade e a escolha de um curso superior.

Para realização destes objetivos, a abordagem metodológica proposta foi a pesquisa (auto) biográfica, com o intuito de dar centralidade às narrativas dos jovens Potiguara, além de proporcionar uma integração entre ele/elas e a pesquisadora, algo já viabilizado e previamente acordado com os sujeitos envolvidos, e que será detalhado mais adiante.

A partir destes objetivos, apresenta-se a seguir, as motivações para a escolha do objeto de estudo, considerando diferentes aspectos pessoais, profissionais, acadêmicos e sociais.

1.2 - As motivações para a escolha do objeto de estudo

O âmbito acadêmico se caracteriza pela grande diversidade de pessoas, culturas, conhecimentos, aprendizagens, experiências, formações, identidades, dentre outros aspectos que acabam pluralizando as relações existentes entre todos aqueles e aquelas que compõem este universo.

O mais curioso na mistura desses elementos é poder perceber que dependendo da condução de quem está inserido neste contexto, no papel de educador ou educando, as relações podem estabelecer uma "dialogicidade" a partir das diferenças e similaridades encontradas no conhecimento da experiência e cultura de cada pessoa inserida na universidade, mesmo que para isso, em alguns momentos, o/a professor/a se posicione com certo antagonismo, o que faz lembrar de Freire (2007, p.17) ao dizer:

> É não só interessante, mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão dos fatos, as posições às vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no

> equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica a postura dos outros.

Partindo desta realidade, o docente acaba vivenciando experiências que o levam a confrontar, inclusive, a própria formação, seja ela acadêmica ou oriunda de outros espaços que são significativos ao longo de sua trajetória de vida, como a família, a religião, seus posicionamentos políticos e, até mesmo, alguns saberes que são transmitidos como sendo folclóricos, além de determinados estereótipos e representações culturais que acabam sendo desvalorizadas por não "contribuírem" com aquela lógica estabelecida pelo sistema educacional imposto.

Exemplo desses estereótipos e rótulos pode ser percebido quando se depara com a realidade e cultura indígena apresentada nos livros, alguns dados em material escolar e até mesmo na sala de aula quando se debate este tema, vendo o indígena como algo folclórico, sem acesso a tecnologia, a universidade e a espaços pertencentes a outras esferas sociais, que não seja a aldeia, como se isso não fosse possível.

Na verdade, essa realidade apresentada acaba sendo distorcida e "fantasiada", criando um contexto não condizente com o que de fato ocorre nessas comunidades. Porém, as diferenças apresentadas, mesmo sob os prismas destes rótulos, devem ser reavaliadas e ressignificadas, pois lidar com a pluralidade cultural não deve ser visto como um desafio negativo, mas como uma oportunidade de crescimento pessoal, social, cultural e profissional.

Foi a partir do meu posicionamento de abertura quanto ao diferente, atrelado à minha formação pessoal e profissional em desmistificar essa realidade imposta que houve um interesse da minha parte, enquanto professora do Campus IV da UFPB, em compreender a cultura, a tradição e os costumes do povo Potiguara, não apenas como compromisso pessoal, mas principalmente, com meus educandos e educandas Potiguara.

Assim, vivenciei uma aproximação com os discentes e o entrosamento mútuo em sala de aula, onde dei inicio a observações e conversas informais, visando ao resgate de memórias e experiências por parte desses jovens, suas contribuições e disseminações da própria cultura aos demais estudantes. Houve interesse dos jovens em contribuir com esta pesquisa, pois acharam importante registrar sua cultura para que outras pessoas possam entendê-los e, assim, respeitá-los dentro da sua realidade étnica.

Além disso, a UFPB ao criar a oportunidade para a formação acadêmica destes e destas jovens Potiguara, torna-se responsável não apenas em propiciar seu

ingresso no mercado de trabalho, mas também em contribuir com conhecimentos que possam fortalecer e defender a identidade deste povo, possibilitando que, a partir desta pesquisa, se identifique como e quais contribuições estão sendo significativas para eles e elas.

Cada sujeito e comunidade, assim como a sociedade em sua totalidade, se constituem a partir das mais diversas formas de experiências e transmissão de "saberes aprendidos", considerando os conhecimentos repassados de geração a geração, num movimento contínuo de preservação das tradições e da cultura de cada povo, conhecidos como conhecimento do senso comum.

No caso dos indígenas que ingressam na universidade, recebem este conhecimento em suas comunidades de origem, através da transmissão intergeracional, mesmo que essa prática venha mudando em outras culturas, devido à evolução tecnológica e dos recursos existentes para a comunicação, acarretando também na diminuição e distanciamento das novas gerações do movimento de interiorização da própria cultura.

Esse processo de mudança na transmissão do conhecimento acarreta em certo descaso pelos costumes e tradições repassados ao longo do tempo. De algum modo, hábitos outrora vividos como relatos, narrativas e histórias de vida, acabam ficando em "segundo plano", muitas vezes, sem a valorização das experiências de vida, embora seja algo natural no processo de formação da sociedade. Segundo Norbert Elias (1994, p. 63),

> [...] E, embora todas essas sociedades certamente tenham consistido e consistam em nada além de muitos indivíduos, é claro que a mudança de uma forma de convívio para outra não foi planejada por nenhum deles. Pelo menos, é impossível constatar que qualquer pessoa dos séculos XII ou mesmo XVI tenha trabalhado deliberadamente pelas sociedades de nossos dias [...].

Embora tais mudanças de alguma maneira possam ser consideradas "naturais", observa-se que em determinadas comunidades, neste caso com os índios Potiguara, as atividades simples, como a rotina do dia a dia, a utilização de determinados rituais e utensílios, a valorização do saber dos mais velhos e das mulheres, repassados às novas gerações através dessas narrativas de vida, do compartilhamento da experiência a partir do ato de contar, ainda têm um valor significativo e representativo para as gerações mais novas.

Desta forma, ao pensar que a partir do momento que essa "rotina" de manter a tradição é afetada, sobretudo, por conhecimentos distintos da cultura local, neste caso, o conhecimento acadêmico visto até certo ponto como algo global, possibilitar a relação entre esses saberes da tradição e os acadêmicos de forma a agregar e não desvalorizar a própria cultura, considerando que essa formação acadêmica não envolve a relação entre individuo e coletividade (no sentido de buscar apenas um beneficio individual, sem a preocupação se minhas decisões afetaram o todo), o que acaba se configurando em tempos atuais, como algo extremamente desafiador. De acordo com o pensamento de Hall (2006, p. 79),

> Por outro lado, as sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares "fechados" – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a "alteridade": uma "fantasia colonial" sobre a periferia, mantida pelo ocidente que tende a gostar de seus nativos apenas como "puros" e de seus lugares exóticos apenas como "intocados". Entretanto, as evidências sugerem que a globalização está tendo efeitos em toda parte, incluindo o Ocidente, e a "periferia" também está vivendo seu efeito pluralizador, embora num ritmo mais lento e desigual.

Diante deste cenário, onde determinadas sociedades ocidentais viviam de maneira "isoladas" para manterem seus costumes "intactos", percebe-se que o processo de globalização altera esse contexto, o que no caso desta pesquisa, ocorre com os sujeitos participantes através do ingresso na universidade, desmistificando essa ideia do indígena "intocável".

Para se entender melhor esse processo de formação a partir da experiência dos sujeitos é necessário perceber que os estudantes indígenas ao ingressarem na universidade acabam por trazer seus conhecimentos adquiridos na cultura Potiguara e enfrentam o desafio de atrelar seu próprio estilo de vida ao universo acadêmico tão distinto de suas realidades.

1. 3. - Abordagem metodológica

Historicamente, as relações sociais encontram-se imbricadas não somente nos indivíduos na sua singularidade, mas também na coletividade. Nesta perspectiva, pode-se considerar as experiências individuais e coletivas no processo de formação da identidade de cada sujeito.

Norbert Elias, em sua obra *A Sociedade dos Indivíduos* (1994), especificamente, na segunda parte aborda exatamente essa relação existente entre sociedade e indivíduos. O autor ressalta que apesar de possuírem perspectivas diferentes, não se configuram enquanto entidades engessadas, que não possuem relação entre si, mas pelo contrário, se complementam.

Partindo deste pensamento, realizou-se a escolha da metodologia de natureza qualitativa, por ser a que mais se adequa para alcançar os objetivos pretendidos, já que ao abordar as narrativas de vida dos estudantes indígenas, reportou-se diretamente a essa relação indivíduo/coletivo.

A escolha do método se constitui como fator primordial no direcionamento dos resultados, através dos processos e procedimentos envolvidos, mas também no reconhecimento daquilo que se descobre sem esperar, pois ao lidar com o subjetivo acaba-se por vivenciar experiências "não planejadas", digamos assim, ao mergulhar no universo do outro e de nós mesmos, ou seja, com aquilo que compõe e forma o humano na sua interação com a realidade. De acordo com Minayo (2009, p.21),

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto de pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. Por isso não existe um *continuum* entre abordagens quantitativas e qualitativas, como muita gente propõe, colocando uma hierarquia em que as pesquisas quantitativas ocupariam um primeiro lugar, sendo "objetivas e científicas". E as qualitativas ficariam no final da escala, ocupando um lugar auxiliar e exploratório, sendo "subjetivas e impressionistas".

No universo da investigação qualitativa, se escolheu a pesquisa (auto) biográfica, já que desta forma é possível trabalhar diretamente com conceitos como cultura e formação, tentando compreender a relação destes através do aprofundamento das definições de narrativa, biografização e experiência formadora, ressaltando que estes se encontram atrelados aos conceitos embasadores deste trabalho, conforme apresentados a seguir. Segundo Josso (2004, p. 38),

> Como objeto de observação e objeto pensado, a formação, encarada do ponto de vista do aprendente, tornar-se um conceito gerador em torno do qual vêm agrupar-se, progressivamente, conceitos descritivos: processos, temporalidade, experiência, aprendizagem, conhecimento e saber-fazer, temática, tensão dialética, consciência, subjetividade, identidade. Pensar a formação do ponto de vista do aprendente é, evidentemente, não ignorar o que dizem as disciplinas de ciências do humano. Contudo, é, também, virar do avesso a sua perspectiva ao interrogarmo-nos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares, nos contam. Em outras palavras, procurar ouvir o lugar desses processos e sua articulação na dinâmica dessas vidas.

Para o entendimento dos processos de formação num contexto mais recente, vale salientar que devido às mudanças ocorridas nas décadas de 1970 e 80 com o movimento de globalização nesse período, quando a profissionalização e a identidade de cada sujeito ganharam um viés individualizado, houve a necessidade de emergir em processos formadores diferenciados, que contemplassem esse "individualismo" nascente, ou seja, a partir de uma (auto)biografização, realizada com a narrativa. Para Delory-Momberger (2008, p.38),

> Essa escrita, pela qual tornamo-nos os *recitantes* da nossa vida, nos inscreve na história e na cultura. A imersão do fato biográfico na linguagem da narrativa remete à historialidade das linguagens da narrativa: as histórias que contamos de nossa vida se *escrevem* sob as condições sócio-históricas da época e da cultura (das culturas) às quais pertencemos. Há uma história (uma historialidade) do "narrar a vida", como há uma história (uma historialidade) do "indivíduo", da "consciência de si", do "sujeito". As formas que toma a linguagem da narrativa em tal estado da sociedade, em tal relação do indivíduo com o político e o social, imprimem sua marca em nossas representações biográficas. Os escritos que fazem a narrativa de vida, em suas múltiplas formas (biografias, autobiografias, diários, correspondências, memórias, etc.), constituem, desse modo, o material privilegiado para se ter acesso à forma como os homens [e as mulheres] de uma época, de uma cultura, de um grupo social, *biografam* sua vida.

Portanto, a biografização proporciona uma reflexão e uma dimensão de resgate das próprias experiências como forma de definir uma singularidade, através dos

métodos que propiciam uma reflexividade, como um balanço dos seus percursos e de suas competências, para um caminho de formação do projeto pessoal e profissional de cada um.

A partir do momento em que tenho condições de realizar minha (auto) biografia, eu me construo não de uma maneira mecânica e impositiva devido às circunstâncias e aspectos que me rodeiam, mas consciente por estar no comando das escolhas, se configurando como um processo autônomo.

Sendo assim, o conceito de biografização também é essencial para complementar as categorias teóricas apresentadas, necessárias para o embasamento dessa tese, primordiais para o alcance de um pensamento crítico e complexo, advindo das narrativas que, por sua vez, se inscrevem no paradigma do "singular-plural" (FERRAROTTI, 1988).

Por isso, ao realizar a pesquisa (auto) biográfica, além do conceito de biografização faz-se necessária a compreensão de conceitos como experiência e experiência formadora, ocorrendo assim, uma construção de saberes a partir das narrativas. Tal debate apenas será possível por ser analisado pela óptica dos sujeitos que, ao viverem e conviverem com os demais produzem memórias e experiências que significam suas vidas; ou seja, sujeitos do conhecimento, conforme afirma Sousa Santos (1999).

Salienta-se que nesta pesquisa, perceber que o sujeito possui um papel atuante enquanto ser pensante, não somente daquilo que é ou possa vir a ser, mas também das aprendizagens vivenciadas em seu cotidiano, não sendo induzido em nenhuma das etapas deste trabalho a se posicionar de algum modo, ou responder e narrar algo que não fosse da própria vontade ou pensamento, justifica o fato de que entender o conceito de sujeito na perspectiva desenvolvida por Foucault (2011), em sua obra a *Hermenêutica do Sujeito*, ao falar do "cuidado de si mesmo", explica como os sujeitos deste trabalho foram considerados. Conforme o autor,

> [...] É um tanto paradoxal e sofisticado escolher essa noção, pois todos sabemos, todos dizemos, todos repetimos, e desde muito tempo, que a questão do sujeito (questão do conhecimento do sujeito, do conhecimento do sujeito por ele mesmo) foi originariamente colocada em uma fórmula totalmente diferente e em um preceito totalmente outro: a famosa prescrição délfica do *gnôthi seautón* ("conhece-te a ti mesmo"). (FOUCAULT, 2011, p.4)

Desta forma, quando um sujeito passa a refletir sobre suas próprias experiências, este alcança a possibilidade de atingir a consciência de si, através de um processo de racionalização, levando-o a ter consciência da sua possibilidade de vir a ser, em que tais experiências ganham significação devido ao aspecto de poder dar sentido aos eventos e acontecimentos de seu próprio cotidiano, ou seja, não deixando de compreender que tais experiências podem contribuir em sua evolução, enquanto sujeito em particular e na coletividade em que se situa (FOUCAULT, 2011).

Para que haja uma "captura" dessas experiências no que tange ao consciente, faz-se necessário que ocorra um resgate do vivido, tendo em vista que não se pode dar significado aos fatos no momento presente, mas apenas quando estes já ocorreram, ou seja, quando o acontecimento se torna passado, pois só ocorre a compreensão deste passado quando relacioná-lo através do tempo. De acordo com Ricouer (2010, p. 108),

> [...] Como se sabe, *Heidegger* reserva o termo temporalidade (*Zeitlichkeit*) à forma mais originária e mais autêntica da experiência do tempo, isto é, a dialética entre ser-por-vir, tendo-sido e tornar-presente. Nessa dialética, o tempo é totalmente des-substancializado. As palavras futuro, passado e presente desaparecem, e o próprio tempo figura como unidade fragmentada desses três êxtases temporais. Essa dialética é a constituição temporal do Cuidado. [...].

Devido a essa unidade fragmentada que acaba por não ter uma linearidade no ato de narrar é que a ideia de trajetória acaba sendo contestada, tendo em vista a ruptura dos processos em sua ordem cronológica.

Segundo Delory-Momberger (2008), a biografização não é somente um processo sócio historicamente inscrito, formal e estruturalmente determinado, pois trata-se de um processo essencial de socialização e de construção da realidade social, como pode ser identificado no caso dos Potiguara, trazendo a pluralidade de suas experiências nos mais diferentes âmbitos. Segundo a autora,

> [...] por *abordagem biográfica* diz respeito a fatos e práticas dispares em domínios heterogêneos das ciências humanas e sociais. No pólo sociologia-etnologia, a abordagem biográfica refere-se à utilização de documentos pessoais e à escolha de um procedimento de tipo qualitativo para explorar a realidade social e cultural a partir das situações e das representações individuais. No pólo educação-formação, ela é representada, particularmente, pela corrente das histórias de vida, cujos dispositivos têm o intuito de esclarecer projetos pessoais e profissionais a partir da apropriação de uma história pessoal. [...]. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.26)

Nesta perspectiva, a biografização a partir das narrativas dos participantes, como fonte inesgotável de um saber vivido individualmente a partir das experiências, pessoas, espaços, processos, expectativas, dificuldades, dentre tantos outros aspectos constituintes na formação de um indivíduo com suas verdades e incertezas, mas que conseguem se conduzir na elaboração do próprio projeto de vida, com suas expectativas e planejamentos.

Dentro deste trajeto que se adotou para seguir essa sistematização e análise, os procedimentos utilizados para a coleta de dados e geração de informações foram: **a observação participante, o diário de itinerância, o memorial e o círculo dialógico**, compreendendo as seguintes atividades: aplicação de questionário sobre informações pessoais, acadêmicas e profissionais; atividades práticas para o desenvolvimento dos conceitos embasadores desta tese e, por fim, a realização da narrativa.

Com o intuito de cumprir a interação entre os pilares constituintes da Universidade em seu compromisso em atender o ensino, a pesquisa e a extensão, este trabalho vincula-se aos seguintes grupos de pesquisa: Dialogicidade, Formação Humana e Narrativa – DIAFHNA; Estudos e Pesquisa em Secretariado –GEPES; Gênero, Educação, Diversidade e Inclusão (PPGE e NIPAM/UFPB), além de se configurar enquanto uma ação de extensão do NEPES - Núcleo de Pesquisa e Extensão em Secretariado, o que contribuiu na legitimidade dos estudos teóricos e na prática do trabalho de campo.

Com relação aos sujeitos, inicialmente, se tinha cinco participantes, sendo que, duas delas não puderam participar, uma devido a dificuldades de acesso, pois em seu local atual de moradia, a internet e o celular possuem sinais restritos, então, não se conseguiu contato em tempo hábil para sua participação, nas datas programadas com os demais. A outra se encontra no retiro espiritual, em preparação para sua formação como freira em um convento de João Pessoa.

Desta forma, foram três participantes, que fizeram questão de apresentar as próprias identidades sem nomes fictícios, e que acompanharam toda a preparação da pesquisa desde o princípio de sua elaboração: Iranilza Cinésio, Josilene Maria de Souza e Tiago Tavares Fidélis. Esses participantes, através de suas falas e experiências, contribuíram na "costura" de todo o texto, ressaltando-se que suas falas serão vistas ao longo da análise proposta.

Assim, a pesquisa (auto) biográfica revela uma nova forma de compreensão da narrativa e da experiência, apontando para sua presença na relação entre a teoria e os

sujeitos sociais, o que possibilita uma interação direta com a visão de mundo dos sujeitos atuantes na pesquisa, requerendo uma teoria apropriada não apenas para embasamento do trabalho em questão, mas também de conhecimento necessário para desenvolver as técnicas e realizar a análise das narrativas e das informações relatadas e apresentadas nas atividades ocorridas ao longo do trabalho.

Neste caso, escolheu-se a análise textual discursiva por se tratar de um método de análise que busca interpretar as produções realizadas e construídas na pesquisa qualitativa, representando uma compreensão de caráter hermenêutico e heurístico, o que dispensou neste caso, a elaboração de hipóteses.

No procedimento de análise textual discursiva, perceber sua estruturação em fases sequenciais, possibilitando a aproximação com os textos, desde a sua elaboração até o "fechar" do pensamento, porém, com uma lógica bem sistemática, tentando conciliar todas as partes foi algo possível. Essa forma de análise, em algum momento, lembra muito o método sociológico de Durkheim, que introduziu tal método nas ciências sociais, com o intuito de transmitir uma identidade científica, a partir de uma visão positivista, racionalista e funcionalista.

Durkheim (2012), em sua obra As regras do método sociológico, lança uma sistematização dos instrumentos de pesquisa para a sociologia, a partir do reconhecimento do objeto de estudo, que para ele seriam os fatos sociais, e na sequência, a observação, a classificação e a explicação dos fenômenos sociais.

Já na análise textual discursiva, a diferença se configura no fato de podermos trabalhar com a subjetividade dos sujeitos, diferente do método sociológico, por mais que exista tal estruturação de forma objetiva em algumas etapas necessárias para concretização dos resultados da pesquisa, embora ambos estejam no campo das ciências sociais.

Estas etapas estão distribuídas em quatro elementos constituintes, que juntos, seguem uma lógica de organização, desenvolvimento e análise, denominados na sequência de: 1) desmontagem dos textos ou processo de unitarização; 2) estabelecimento de relações ou processo de categorização; 3) captando o novo emergente; 4) um processo auto-organizado, denominado de "tempestade de luz". De acordo com Moraes e Galiazzi (2014, p. 12),

> Ao longo da apresentação e discussão desses elementos, pretende-se defender o argumento de que a análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três

> componentes: a desconstrução dos textos do "corpus", a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar o emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. Esse processo em seu todo é comparado a uma tempestade de luz. Consiste em criar as condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, formam-se "flashes" fugazes de raios de luz sobre os fenômenos investigados, que, por meio de um esforço de comunicação intenso, possibilitam expressar novas compreensões alcançadas ao longo da análise. Nesse processo a escrita desempenha duas funções complementares: de participação na produção das novas compreensões e de sua comunicação cada vez mais válida e consistente.

Para Moraes e Galiazzi (2014), neste método existem metodologias de categorização classificadas como método dedutivo, que parte do geral ao particular, constituindo categorias deduzidas das teorias, antes de analisar o "*corpus*"; já no método indutivo, que parte do particular para o geral, é exatamente o contrário, pois é na análise do "*corpus*" que se produzem as categorias. Porém, nesta pesquisa utilizamos a análise mista, por se tratar da combinação dos dois métodos. Para Moraes e Galiazzi (2014, p.24),

> Os dois métodos, dedutivo e indutivo, também podem ser combinados num processo de análise misto pelo qual, partindo de categorias definidas "a priori" com base em teorias escolhidos previamente, o pesquisador encaminha transformações gradativas no conjunto inicial de categorias, a partir do exame das informações do "*corpus*" de análise. Nesse processo, segundo Laville e Dionne (1999), a indução auxilia a aperfeiçoar um conjunto prévio de categorias produzidas por dedução.

Portanto, apresentados os objetivos, a motivação para desenvolvimento da pesquisa, os sujeitos participantes que nortearam através de suas falas e experiências ao longo deste trabalho, juntamente com a metodologia e método de análise, mostraremos a seguir, a estrutura da tese.

No segundo capítulo, **O Desafio de Pesquisar "com" os Estudantes Indígenas: a produção de narrativas numa relação dialógica,** tratar-se-á de modo aprofundado acerca da metodologia, dos procedimentos utilizados, da análise realizada e, por fim, serão apresentados os sujeitos, a partir de suas narrativas.

Destaca-se que foi através das narrativas dos jovens Potiguara envolvendo o seu processo formador, que eles ressaltaram os aspectos pessoais, sociais, religiosos, familiares, dentre outros, fundantes para suas trajetórias, e que foram complementados com a elaboração de conhecimentos realizados no Grupo Dialógico dos Indígenas (GDI), aplicados com o grupo, em que se procurou identificar a ressignificação realizada por estes jovens sobre a própria cultura atrelada à formação acadêmica. Essa

ressignificação será apresentada também, através de suas falas no decorrer dos capítulos, de forma destacada, em itálico, para que se diferencie das citações.

No capítulo teórico denominado, **Identidade: conceito fundamental para compreensão da cultura,** se abordou os conceitos e fundamentos de estudiosos e representantes desta temática, como forma de embasamento da pesquisa, sempre com a preocupação em vincular a fala dos sujeitos participantes, sobre o conceito fundante desta tese que é o de Identidade, na perspectiva dos Estudos Culturais, percebendo sua relação com a cultura, o multiculturalismo e a interculturalidade.

No quarto capítulo, **A universidade como espaço plural para a formação profissional, pessoal e cultural**, o histórico da universidade, com enfoque a partir da década de 1960, através dos seus desafios e perspectivas, com a inclusão social em um ambiente que é multicultural e plural, considera-se o papel da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, possibilitando a integralização dos saberes distintos.

No quinto capítulo, **A Identidade Indígena: a comunidade local dos jovens Potiguara,** mergulhou-se no universo da etnia Potiguara, aprofundando os conceitos de identidade, embasada na experiência, buscando situar quanto aos costumes, tradições e saberes dessa comunidade.

Por fim, na conclusão, ressalta-se toda a importância e conhecimento proporcionados pelo processo e etapas que envolveram esta pesquisa, pois se acredita que a partir da união de todos os procedimentos adotados, desenvolver um trabalho que propiciou uma reflexão por parte do e das jovens participantes, criou uma integração ainda maior entre eles, reforçando seus laços coletivos, pois embora tenham uma identidade coletiva que busca um propósito único, possuem e se reconhecem também em sua identidade pessoal.

2. O DESAFIO DE PESQUISAR "COM" OS ESTUDANTES INDÍGENAS: A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS NUMA RELAÇÃO DIALÓGICA

> Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca a sua direção prévia. Questionar é buscar cientemente o ente naquilo que ele é como ele é. A busca ciente pode transformar-se em investigação se o que se questiona for determinado de maneira libertadora [...]
>
> Martin Heidegger

Neste capítulo, se apresenta a maneira de lidar com os questionamentos iniciais, que deram todo um sentido a esta pesquisa, direcionando para tudo aquilo que tornasse possível a sua realização. Ao buscar compreender o conceito de identidade, percebeu-se antes de mais nada, a necessidade em estabelecer um planejamento prévio que envolvesse as teorias existentes e a experiência e conhecimento dos sujeitos participantes, para dar sentido ao que se propôs a trabalhar.

Sendo assim, será explicada em detalhes como se todo o caminho metodológico desde os procedimentos de pesquisa até a construção das narrativas em sua versão final, após ser elaborada envolvendo todas as etapas planejadas para este fim.

2.1. Procedimentos de pesquisa adotados

Conforme mostrado no capítulo anterior, utilizou-se como coleta de dados e informações, juntamente com a construção de conhecimentos e conceitos, a **Observação Participante, o Diário de Itinerância, o Memorial e o Círculo Dialógico.**

No caso da **Observação Participante**, utilizada aqui como técnica de pesquisa com suas particularidades, pode ocorrer de duas formas: 1) através de um aceite do grupo a ser pesquisado, atuando de forma periférica (OPP) ou de maneira ativa a contribuir com o grupo estando simultaneamente dentro e fora (OPA); 2) o/a pesquisador/a já faz parte do grupo antes de começar a pesquisa, denominado de observação participante completa (OPC). Para o Barbier (2007, p. 126 e 127),

> Na OPC, o pesquisador ou está implicado desde o início, porque já era membro do grupo antes de começar a pesquisa; ou ele se torna membro do grupo por conversão, porque provém de fora, como é o caso de Benetta Jules Rosette que se converteu e adota a religião dos Bapostolo da África, ao

> trabalhar com eles, nos anos 70. A OPA e a OPC são os dois tipos de observação mais apropriados à pesquisa-ação predominantemente existencial. Denominarei a observação participante, ligada a esse tipo de pesquisa, de observação participante existencial (OPE).

Pelo fato das observações e atividades terem iniciado a partir do contato direto da pesquisadora, enquanto professora, já se constituindo como membro efetivo do grupo, em atividades de sala de aula e em laboratório, além de participações em projetos de extensão e orientações de atividades e projetos, no período que compreende desde o ano de 2012 a 2015, nos enquadramos no que Barbier denomina de Observação Participante Completa (OPC).

Com relação ao **Diário de Itinerância**, anotar as informações, ideias surgidas inesperadamente, pensamentos acerca de observações de forma a registrar tudo que se tem como relevante para o desenvolvimento da pesquisa propicia segurança à pesquisadora, pois este dispositivo acaba se tornando um "companheiro" na jornada da pesquisa, por proporcionar liberdade para anotar, direcionar e perceber as próprias sensações ao desempenhar este papel.

Mesmo que muitas ideias e sentimentos em alguns momentos possam parecer irrelevantes e desordenados, ao registrar, se garante sua autenticidade no momento em que surgem, de modo que, em sua maioria, podem ser amadurecidos e utilizados de forma coerente e estruturada posteriormente.

> Trata-se de um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo e em que se emprega a tríplice escuta/palavra – clínica, filosófica e poética – da abordagem transversal. Bloco de apontamentos no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à sua vida. (BARBIER, 2007, p. 133).

No gênero textual **Memorial,** utilizou-se o formato de memorial formador, proposto por Passegi (2010), que ela se inspirou nas contribuições de Bakthin (1992, 2010), Delory-Momberger (2008); Josso (2006a, 2006b); Passeggi (2008a, 2008b, 2011); Pineau (2004, 2006a, 2006b). O memorial formador caracteriza-se pelo seu teor biográfico de formação, denominado pela autora de memorial autobiográfico.

Como o memorial possui um caráter avaliativo e de formação, no caso dos sujeitos participantes desta pesquisa terem elaborado um memorial para conclusão do curso de Secretariado Executivo, sob a condição avaliativa, entende-se que recuperar esse documento e "reviver" essa experiência da escrita na época, através da leitura,

oralidade, escuta e compartilhamento com os demais do grupo, como sendo uma das etapas do Círculo Dialógico (CD), posteriormente, tendo sido atrelado à própria narrativa, contemplou o segundo papel de um memorial, que é o de formação.

Quanto à etapa do **Círculo Dialógico,** dispositivo que direcionou as práticas nesta pesquisa, proposto por Sousa e Almeida (2016), foi inspirado em alguns elementos do Círculo Reflexivo Biográfico – CRB[1], elaborado por Olinda (2009, 2010 e 2016), além dos Ateliês Biográficos, trabalhados por Delory- Momberger (2006) e os memoriais (auto) biográficos de Conceição Passegi (2008), mas por sua vez, se caracteriza por algumas distinções e peculiaridades, conforme observa-se a seguir.

> As principais características que distinguem o círculo dialógico são as seguintes: não limitar o número de participantes, nem definir número de encontros, que podem ocorrer de acordo com as necessidades dos pesquisadores; apontar temas/conceitos relacionando a assuntos peculiares da comunidade, porém, atrelados a percepções pessoais e culturais dos envolvidos; este processo não deverá ocorrer necessariamente no espaço de sala de aula; deve haver o cuidado em realizar registros do processo. (SOUSA e ALMEIDA, 2016, p.431)

Partindo dessas características, outro fator determinante do Círculo Dialógico se dá pela constituição e elaboração de atividades desenvolvidas na prática com o grupo, denominado de Grupo Dialógico (GD). Para estruturação das etapas, foram desenvolvidos vários procedimentos, que adotados junto aos sujeitos participantes, direcionaram as atividades realizadas nas etapas pré-estabelecidas, organizadas a partir de roteiros, com o intuito de complementar e aprofundar o conhecimento construído no processo narrativo.

No **GD**, entende-se que as atividades devem ser desenvolvidas para o alcance dos objetivos da pesquisa e em prol dos sujeitos participantes, e que pode compreender duas ou mais pessoas que, reunidas, buscam um propósito comum, a partir do diálogo, sendo este o elo entre os participantes, através da troca de saberes e experiências, que, articuladas, contribuem para um conhecimento comum da própria realidade. Para Marcondes e Japiassú (1996, p. 71), diálogo pode significar,

> (gr. *Diálogos*, de *dialegesthai*, lat. *Dialogus*: conversar). 1. Para Sócrates e Platão, o diálogo consiste na forma de investigação filosófica da verdade através de uma discussão entre o mestre e seus discípulos, cabendo ao mestre

[1] Aplica-se a pesquisas relacionadas à cultura popular, tendo em vista que se baseia nos ateliês biográficos de Cristine Delory-Momberger; de experiências através da História de Vida e Formação, de Marie-Christine Josso; da contribuição de Paul Ricouer, com as narrativas e de Paulo Freire, com os Círculos de Cultura, com a preocupação de destacar a inter/transdisciplinaridade, peculiaridade da pesquisa (auto) biográfica.

> levá-los a descobrir um saber que trazem em si mesmos, mas que ignoram. 2. Para o pensamento fenomenológico e existencialista, o diálogo é uma troca recíproca de pensamentos através da qual se realiza a comunicação das consciências. 3. O pensamento liberal reduziu o diálogo a um mero esforço de conciliação nas disputas concernentes às questões trabalhistas envolvendo o patronato e os sindicatos, a preocupação dominante sendo a de resolver tais problemas a fim de se evitar o confronto pelas greves. 4. Dialogar tanto pode significar aceitar o risco de não ver prevalecer seu ponto de acordo quanto ao essencial, quanto acreditar que, para além dos interesses e das opiniões que opõem os homens entre si, exista um lugar comum dependendo de um outro registro do ser do homem (distinto do mundo sensível) e que seja possível tomar um caminho capaz de superar as particularidades individuais (e passionais) e impor uma universalidade (caminho da verdade).

No caso desta pesquisa, o sentido utilizado é o que segue o pensamento fenomenológico e existencialista, tendo em vista a troca de percepções e saberes. Portanto, neste CD, as atividades tiveram as seguintes características:

- ✓ Quanto ao Grupo Dialógico Potiguara (GDP), destaca-se a participação ativa de todos os sujeitos, desde a escolha e aprovação do cronograma de atividades, sempre guiados e orientados pela pesquisadora até a construção e autonomia em desenvolver as atividades propostas, através das várias formas de linguagem pertencentes à oralidade, escuta e escrita.

- ✓ No caso da construção da narrativa, houve um momento de reviver o próprio memorial elaborado na época de colação de grau do curso, quando a maioria não tinha mais ciência do que estava escrito, tendo em vista já terem se graduado há algum tempo, se constituindo como uma etapa de rememoração daquilo que foi realizado anteriormente.

- ✓ A junção de todos esses procedimentos e etapas resultou na construção e elaboração do que chamou-se de **Portfólio Biográfico,** tendo em vista a junção de materiais múltiplos de criação e registro de significados, que permitiram uma reflexão das experiências vividas e refletidas, proporcionando um processo de formação autônomo, construído na individualidade e na coletividade.

Nesta pesquisa, as características dialógicas, reflexivas, construtivas foram fundamentais para se trabalhar com os jovens Potiguara, pois devido a sua cultura se

constituir por uma riqueza de opções no sentido da arte, dos objetos e dos instrumentos utilizados por eles, permitiu a interação entre pesquisadora e sujeitos participantes.

Para dar início às atividades que foram desenvolvidas, houve uma organização sistemática quanto aos encontros necessários para um contato direto com os sujeitos participantes na pesquisa. Sendo assim, o primeiro passo tomado foi o de conversar com os próprios alunos do curso de Secretariado Executivo, pelo contato direto com a pesquisadora em sala de aula, atividades de pesquisa e extensão.

É importante salientar que para se iniciar as atividades práticas nestes encontros, o projeto precisou se estruturar de forma detalhada e organizada de acordo com os objetivos e as etapas necessárias, juntamente com todos os documentos exigidos, inclusive a autorização do grupo em contribuir com a pesquisa, com a possibilidade de publicação, para submissão ao comitê de ética, neste caso da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Outro ponto que merece destaque ocorreu na etapa de levantamento dos discentes do Campus IV pertencentes às comunidades indígenas, o que levou à AUP – Associação dos Universitários Potiguara, criada há aproximadamente cinco anos, para representatividade estudantil vigente.

Sendo assim, alguns critérios foram adotados para que, de alguma forma, houvesse o comprometimento dos estudantes na participação na pesquisa em todos os momentos, sem o prejuízo de abandono do grupo durante a formação, sem esquecer também o interesse pessoal por parte daqueles que demonstraram o desejo em participar desde os primeiros contatos. Os critérios foram:

- ✓ Associados ou ex-associados que participam e/ou participaram da AUP;
- ✓ Graduados do curso de Secretariado Executivo, por participarem da pesquisa desde o período de sua idealização, como estudantes nas disciplinas que a pesquisadora lecionou;
- ✓ Ter elaborado o memorial sob o viés avaliativo, como pré-requisito para conclusão do curso de graduação.

Quanto às atividades realizadas no momento dos encontros com os jovens participantes, para o Círculo Dialógico, foram distribuídas em cinco momentos, num total de três encontros, ocorridos nos meses de agosto e setembro de 2017. Cada

encontro se constituiu de fases e essas fases se articulam entre si, para conectar o processo como um todo e alcançar o objetivo da pesquisa a ser realizada.

Partindo dessas considerações, no Grupo Dialógico dos Indígenas, ocorreram três etapas: a primeira, de aproximação prévia com os estudantes que se voluntariaram a participar da formação com os acordos formais e articulação das atividades e cronogramas; a segunda foi a elaboração das biografias educativas, produto das narrativas de vida, incluindo a releitura das interpretações individual e coletivamente para atingir a versão final, juntamente com a leitura e exposição do memorial apresentado na época de conclusão do curso; e a terceira, constituída das atividades voltadas à reflexão e interação do grupo, complementando a escrita de si e construindo conceitos fundantes de acordo com o objetivo da pesquisa.

Tais etapas foram distribuídas em encontros, contemplando as atividades que envolveram a releitura do memorial elaborado, o ato de narrar, a transcrição, a escuta do outro, a escrita de si, a intervenção dos demais participantes, além de atividades que envolveram a arte, levando-os à reflexão da própria cultura e dos seus valores provenientes da tradição e dos conhecimentos acadêmicos.

Além disso, houve um contato permanente através de um grupo eletrônico, via celular, onde se esclareceram as principais dúvidas e dificuldades, fornecendo informações para contemplar a pesquisa, desenvolvendo uma interação direta devido à distância geográfica entre a pesquisadora, que reside em Fortaleza e o grupo, que mora na Baía da Traição e em João Pessoa.

Num primeiro momento, devido a essa distância, ocorreram alguns desencontros que dificultaram a formação do grupo. No período de qualificação da pesquisa, a ideia inicial era trabalhar com um representante de cada curso oferecido no Campus IV, mas devido ao problema de comunicação e dificuldades em participar das atividades, conseguimos apenas quatro participantes para responder o questionário sobre os dados pessoais e acadêmicos. Infelizmente, depois disso, o contato ficou inviável.

Somente num segundo momento, após um ano, foi possível reunir e afunilar apenas para os egressos do curso de Secretariado Executivo, tendo em vista a proximidade da pesquisadora, sendo os potenciais sujeitos seus alunos e estarem cientes da pesquisa desde a sua idealização. Decidido isso, se deu início ao desenvolvimento e escolha do instrumento de pesquisa que pôde contemplar os objetivos do trabalho e iniciar as etapas.

A primeira etapa foi agendada com antecedência de um mês, devido aos compromissos de trabalho e estudo de cada participante, com convite estendido para mais duas alunas, que, infelizmente, não puderam participar da primeira etapa, uma por motivo de comunicação, por residir numa aldeia com dificuldade de acesso, enquanto a outra se encontra num processo de formação para se tornar freira, então, pelo fato de estar reclusa, não teve permissão para encontrar o grupo, porém, ficou à disposição da pesquisadora para conversar e conceder uma entrevista, já que foi ela a primeira indígena que despertou na pesquisadora o desejo e o anseio de realizar este trabalho. Em decorrência do tempo e do "choque" nos compromissos, a entrevista não pôde ser realizada.

Sendo assim, o primeiro encontro foi realizado numa sala de aula, do Campus IV, em Rio Tinto, com autorização da diretora do Campus, que incentivou e estruturou o espaço físico para a realização da formação. Nesse momento houve a explicação e informações acerca da pesquisa e de nossa prática, de maneira formal estabelecendo-se, inclusive, o cronograma para os demais encontros. Não foi necessária apresentação dos sujeitos, já que todos se conheciam anteriormente, tanto da aldeia, como da própria universidade.

Ainda nesse encontro, ocorreu a entrega do Termo de Consentimento para cada participante, com o intuito de lerem e opinarem acerca dos pontos a serem trabalhados na formação, para que houvesse uma segurança no sentido moral e ético dos envolvidos. Feito isso, deu-se início ao processo das narrativas orais, em que cada sujeito teve trinta minutos para realizar sua fala, partindo das seguintes perguntas: **Qual o papel da universidade na minha formação pessoal? Que mudanças ocorreram para ressignificar minha identidade Potiguara?**

Nos dois encontros seguintes, cada um dispondo do arquivo de áudio da própria narrativa (entregue logo após encerrar o momento da narrativa oral), ocorreu de maneira individual para transcrição do áudio e reflexão acerca de sua fala quanto aos acontecimentos, processos, pessoas e experiências, realizando, assim, a construção de uma reflexão acerca do vivido, embora a realidade dos fatos passados não pudesse ser retomada, mas tendo a possibilidade de ser revivida, pois não trata-se de frases soltas e sem sentido. De acordo com Paul Ricouer (2010, p.99),

> Por outro lado, a narrativa não se limita a fazer uso de nossa familiaridade com a rede conceitual da ação. Acrescenta a ela aspectos *discursivos* que a distinguem de uma simples sequência de frases de ação. Esses aspectos já

> não pertencem à rede conceitual da semântica da ação. São aspectos sintáticos, cuja função é gerar a composição das modalidades de discursos dignos de serem chamados narrativos, quer se trate de narrativa histórica ou de narrativa de ficção [...].

No encontro seguinte (presencial), houve o reencontro do grupo com suas transcrições e o posicionamento de cada participante acerca do estranhamento quanto à escuta de suas falas, e da forma como pensaram compreender o que foi relevante. Concluímos o encontro com a primeira atividade, do Círculo Dialógico, acerca da construção de conceitos, embasados no conceito principal da tese, identidade.

Imagem 1: O grupo na atividade 1, conceituando no quadro

Imagem 2: O grupo no encerramento do segundo momento

Terminada a atividade, houve um momento de interação e descontração com a partilha de um lanche e a entrega das lembranças a cada participante como forma de agradecimento pela participação na pesquisa. A pesquisadora também foi presenteada com adornos confeccionados pelas indígenas da aldeia.

Imagem 3: A pesquisadora com o adorno indígena

Imagem 4: O grupo assinando o termo e respondendo o questionário

No último encontro, realizou-se a leitura final das narrativas, a partir de um paralelo com o narrado e o memorial escrito como forma de avaliação para conclusão do curso.

Para que ocorresse a equivalência de saberes e que estes pudessem ser percebidos e identificados, a partir da reflexão em que os sujeitos participantes ressignificaram os conhecimentos aprendidos na própria cultura e na cultura acadêmica, o diálogo nesse momento foi fundamental para fortalecimento da relação singular/universal, levando em consideração todo o processo histórico da nossa cultura, assim como afirma Ferrarotti (2010, p. 45),

> [...] Uma antropologia social que considera todo o homem como a síntese individualizada e ativa de uma sociedade, elimina a distinção do geral e do particular num indivíduo. Se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual.

Portanto, nesta concepção ressalta-se também o papel da pesquisadora, que participou de forma bastante atuante, interagindo no processo como um todo, trazendo suas próprias experiências e percepções, inclusive pelo fato de ter feito parte do corpo docente do referido campus, no período de três anos, quando muitos registros foram realizados no Diário de Itinerância, além das Observações Participantes através de conversas diretas com alguns educandos que se dispuseram a fazer parte da pesquisa, na época em que esta era apenas um projeto embrionário.

Ao pesquisar acerca da cultura indígena, depara-se com inúmeras peculiaridades provenientes da cultura deste povo, que sempre tem lutado em prol de manter e legitimar o próprio conhecimento ao longo das várias gerações, mesmo diante de tantos desafios e estigmatizações.

Partindo do contato direto com esses sujeitos, conhecendo o seu cotidiano e participando de maneira colaborativa na formação dos jovens potiguara que ingressam com muitos desafios no universo acadêmico, surgiu a necessidade de realmente aprofundar e compreender mais intimamente a realidade destes educandos, percebendo como ocorre a relação dos conhecimentos da sua cultura com os conhecimentos acadêmicos.

Para realização da análise, conforme o método definido, de acordo com o processo de unitarização, a primeira etapa ficou dividida em dois momentos: nas

narrativas, realizou-se a escuta de todos os áudios, a leitura das transcrições foi examinada a partir das falas com suas relações, separando em unidades de acordo com as categorias estruturadas teoricamente nesta tese. No momento seguinte, quanto às atividades, o memorial e o questionário, tendo em vista já ocorrer a fragmentação no próprio direcionamento, partiu-se diretamente para leitura e análise do que foi elaborado e respondido por nossos sujeitos participantes.

No processo de categorização, as relações entre as unidades conceituais embasadoras do trabalho e que aparecem espontaneamente nas narrativas, foram combinadas e classificadas entre as falas de todos, constituindo um sistema de categorias, podendo, assim, relacionar as falas dos participantes ao longo do texto, sem perda do sentido no todo, mas pelo contrário, "costurando" a cada etapa apresentada.

Ao captar esses conceitos e ideias surgidos da narrativa, percebeu-se a compreensão do trabalho como um todo, vinculando as falas dos sujeitos aos conceitos teóricos abordados, resultando no que Moraes e Galiazzi (2014) denominam de metatexto, sendo considerado o último elemento do ciclo de análise.

Por fim, chegamos a um processo auto-organizado, tendo em vista que os resultados não podem ser previstos, pois os conceitos e experiências emergem de maneira natural no ato de narrar, possibilitando a preparação para o novo, no nosso caso, as narrativas e o texto teórico.

2.2. Os sujeitos da pesquisa

Mesmo que seguindo os critérios mencionados, a escolha dos sujeitos participantes da pesquisa ocorreu de maneira natural e espontânea, inicialmente através de conversas informais em sala de aula, mediante algum assunto que surgia eventualmente nas discussões dos conteúdos ministrados, e que se estendia além desse espaço físico, com diálogos formais que envolviam o conteúdo das disciplinas, no momento da aula, envolvendo toda a turma, dando um caráter mais político quanto aos direitos e de maneira mais informal, na articulação quanto aos espaços destinados aos indígenas na universidade de uma forma geral.

Posteriormente, esses educandos começaram a participar de forma mais atuante nas aulas, contribuindo para fortalecer a disseminação de sua cultura indígena, enriquecendo diálogos e mostrando a verdadeira realidade dos jovens potiguara, desmistificando muitas ideias e opiniões formadas sobre seu povo, mesmo que vivendo

tão próximo geograficamente e até culturalmente do restante dos colegas de sala, moradores dos arredores das aldeias e da universidade.

Sendo assim, diante desses fatores, o convite veio como consequência de um trabalho coletivo entre pesquisadora/professora e estes discentes que aceitaram desde o princípio este desafio tão enriquecedor e gratificante para ambas as partes.

Dando continuidade aos debates que levaram à idealização desta tese, além da narrativa construída por cada um, em momentos coletivos e individuais, anexada em sua íntegra neste trabalho, tendo algumas falas destacadas no corpus desta tese, poderemos conhecer um pouco mais dos seus perfis, através das atividades desenvolvidas de maneira dialógica e de um questionário contendo informações mais objetivas.

No acordo formal assinado por todos os envolvidos, realizado antes de serem iniciadas as atividades da pesquisa, foi unânime a escolha da não utilização de um nome fictício para serem apresentados, sendo alegado o desejo de revelação de suas identidades como forma de legitimar ainda mais a história e participação de cada um, para o resgate e preservação do seu povo.

De acordo com o questionário aplicado, foi possível descrever as principais características no que diz respeito aos dados pessoais, acadêmicos e profissionais dos sujeitos participantes, apresentados a seguir.

Com relação ao número de indígenas que estudam no Campus IV da UFPB, partindo de uma pesquisa através do sistema utilizado pela universidade, SIGAA, registrou-se apenas nove estudantes no curso de Secretariado Executivo, ressaltando que este número na prática é bem maior, porém, pela falta de conhecimento e de informação, na hora da identificação, eles se assumem como pardos, dificultando, assim, o trabalho de reconhecimento e de cotas do número exato.

Considerando apenas esse quantitativo, participaram da pesquisa 1/3 deste número, na faixa etária entre os 24 e 28 anos, se constituindo de jovens recém egressos da universidade, todos naturais de Rio Tinto, sendo um participante do sexo masculino e duas do sexo feminino.

Vale ressaltar que no curso de Secretariado Executivo num contexto nacional, percebe-se a predominância do sexo feminino, inclusive, como temática em muitos trabalhos de pesquisas, artigos e monografias, mas que no nosso caso, a participação de um rapaz como representante do sexo masculino, em nada acarretou quanto ao posicionamento na questão dos problemas, das respostas e da construção

realizada no trabalho prático desenvolvido, nem ao mesmo se identificando uma postura diferenciada quanto a papéis estruturados e estabelecidos socialmente para essa profissão.

Apesar de não fazer parte dos objetivos desta pesquisa, destaca-se que a participação de um membro do sexo masculino, formado e atuante da profissão, num contexto predominantemente feminino, trata-se de um fator cada vez mais frequente e necessário, quebrando paradigmas que há muito tempo se configura como um tabu para a profissão.

Com relação aos dados acadêmicos, o curso de graduação que concluíram foi o de Secretariado Executivo, sendo formados nos anos de 2015, 2016 e 2017, ressaltando que dois deles foram laureados em suas turmas, e apenas uma delas não foi devido a um problema de disciplina, ou seja, ressalta-se o nível de destaque que esses estudantes adquiriram ao longo da formação acadêmica, sendo possível perceber que seu desempenho diante do conhecimento acadêmico e frente aos demais alunos com uma base escolar diferenciada por não terem tido tanta estrutura, em nada afetou o compromisso que tiveram na universidade.

Desses egressos, dois deles iniciaram uma segunda graduação, no curso de Letras Inglês, com o intuito de poder ensinar ao próprio povo, sendo que a Iranilza, devido ao seu ingresso no mestrado não teve mais tempo para continuar; e o Tiago, que optou pela modalidade à distância, para poder possuir uma formação em língua estrangeira, desistiu do curso por não se adaptar ao método de ensino.

Dos três sujeitos participantes, apenas a Iranilza ingressou num curso de pós-graduação, e no caso dela, no mestrado em Ciências das Religiões, pretendendo concluir no ano de 2018.

No que diz respeito aos dados profissionais, a Iranilza, por ser aluna do mestrado, possui bolsa do programa para se dedicar à pesquisa; a Josilene, tem experiência na área de secretariado, onde trabalhou, inclusive, na prefeitura da cidade, mas no momento não está exercendo atividade remunerada, com o intuito de estudar para concursos; e o Tiago, ministra a disciplina de inglês, há dois anos, no ensino fundamental II. Para auxiliar no campo profissional, buscaram formação em língua inglesa e curso de informática.

A primeira participante, Iranilza Cinésio Gomes Félix, estudou como minha aluna apenas em seu último semestre do curso, na disciplina de Cerimonial, Protocolo e Etiqueta Empresarial, porém foi um dos presentes mais ricos que todos os envolvidos na

disciplina recebemos, pois como única estudante indígena na turma, ela teve um papel fundamental em sala de aula, apresentando e esclarecendo aos demais sobre a existência e peculiaridades da sua cultura.

Em seu trabalho final de avaliação na disciplina, em que cada equipe deveria apresentar um tipo de cerimônia, com seus protocolos próprios, destacando temas específicos, abrangendo desde o cerimonial de funeral ao cerimonial desportivo, no seu caso foi realizada uma apresentação sobre o cerimonial indígena, em que tivemos o privilégio de visualizar e aprender sobre as pinturas, as vestimentas e o significado dos rituais.

A segunda participante é Josilene Maria de Souza, que ao contrário da Iranilza, nos conhecemos em seu segundo semestre de curso e pude acompanhá-la durante alguns semestres posteriormente. Esse fato facilitou nossa interação e o aceite de participação da pesquisa, tendo em vista que quando a conheci, ainda estava amadurecendo a ideia para elaboração do projeto de seleção para o doutorado.

O terceiro participante, Tiago Tavares Fidelis, da mesma turma que Josilene, teve um papel ativo e significativo durante todo o percurso deste trabalho, não apenas pela sua participação como sujeito da pesquisa, mas também no papel de auxiliar a pesquisadora com suas informações, conhecimento e dados sobre a comunidade e a AUP, além de estabelecer o contato com as demais participantes. Lembro, ainda, que sua monografia foi fundamental para análise dos dados empíricos e estatísticos sobre o curso de Secretariado Executivo Bilíngue da UFPB.

Apresentam-se, a seguir, as narrativas desses jovens Potiguara, elaboradas como ponto principal do Círculo Dialógico, como resultado da produção que envolveu um aspecto temporal significativo do antes (com a releitura do memorial), do durante (o ato de narrar) e do depois (da escuta desta narrativa, das contribuições do grupo, da transcrição e finalização) até chegar a esse ponto de apresentação da narrativa final, que hoje pode contribuir não apenas com a própria história de quem se apresenta aqui, mas com a história de um povo.

2.2.1 - Josilene Maria, e o respeito pela natureza

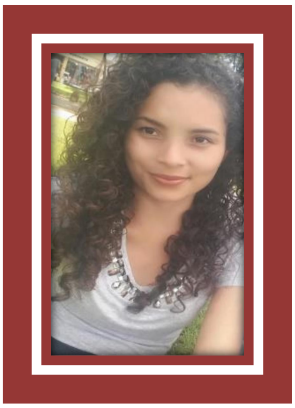

Imagem 5: Imagem de Josilene (cedida por ela)

Meu nome é Josilene Maria de Souza, sou natural de Rio Tinto, porque nasci aqui, mas me considero natural de Baía da Traição. Sou filha de Josivânia Maria de Souza, tenho 4 irmãos, que compartilha do mesmo sangue, mas só conheço dois. Não fui criada com meu pai, só com a minha mãe. Minha história de vida não foi, e nem tem sido muito fácil. Quanto a questão de incentivo pra estudar, é engraçado, porque sempre foi muito da minha parte, sempre quis estudar, meus amigos costumam dizer que eu sou esforçada, eu costumava me dedicar muito, estudar muito, mas nessa parte de incentivo tem a questão do meu pai de criação, eu até falei pra ele, porque eu estive passando dois meses com ele no Rio de Janeiro, e eu lembro que ele chegava comigo em casa, não tinha energia, ele colocava dois tamboretesinhos, virava um e outro era usado como uma banquinha, e ele sentava comigo ali com uma luz de candeeiro, isso aos 5 anos de idade, fazia com que eu estudasse, com que eu aprendesse a ler. Então aprendi a ler aos 5 anos por causa muito do incentivo dele. Mas aí ele se separou, enfim. Quanto a questão do estudo eu não tinha realmente muito incentivo da parte da minha mãe, mas eu sempre me dedicava, sempre queria passar, nunca passou pela minha cabeça reprovar, reprovar pra mim era um ano que eu tinha perdido, era isso que significava pra mim, eu perdi um ano da minha vida. E sempre foi muito, como eu falei, partindo de mim essa questão de incentivo, e eu tive muita dificuldade porque mainha mudava muito de um lugar pro outro, porque mesmo sendo Baía da Traição, mas ela ia, morava numa aldeia, depois ia pra outras, e permanecíamos questão assim de 6 meses, eu até costumo dizer que, em um desses períodos, nessas mudanças dela, em alguma escola elas me colocaram pra repetir, pela questão de idade, porque eu comecei, eu creio que eu comecei muito nova a estudar, mas pelo ano que eu terminei eu já tinha 18 anos, e pelo ano que eu comecei, nos meus cálculos eu deveria ter

terminado aos 17, mas nessa mudança, inclusive a gente morou em outra cidade, foi em Camaratuba, passamos 6 meses lá, teve muito esse... vai pra uma cidade, vai pra outra, e transferência vai, transferência vem, eu acredito que nesse período eles me reprovaram, por algum erro de documentação, que até hoje eu nunca procurei e até nem tem registros meus assim de escolaridade, referente às outras escolas. E sempre foi essa luta, eu comecei a trabalhar aos 11 anos pra me manter e ajudar minha família, minha mãe sempre viveu de bolsa família, nunca teve trabalho remunerado, nem muitos bicos, eram muito poucas coisas, inclusive até hoje ela faz as coisas dela, ela gosta de juntar latinha, só questão de bolsa família mesmo a renda da casa. E eu tentava ajudar da maneira que eu podia, eu sempre gostei de ter minhas coisas, gosto de ter o meu dinheiro, fazer o que quero né? Eu tenho essa necessidade de ter e conseguir comprar, conquistar aquilo que eu quero pra mim. Então eu comecei a trabalhar muito nova, de babá, fui babá acho que de umas cinco crianças no total, isso desde a gestação até uns 3, 6 meses de idade da criança. Trabalhei em mercadinho, trabalhei em bar também, como garçonete, em casa de família. Aos 16 anos eu fui morar com uma senhora, saí da casa da minha mãe e fui morar com ela, no início eu apenas dormia na casa dessa senhora e passava o dia na casa da minha mãe. Entrei no ensino médio, do primeiro ano eu já comecei me dedicar ao vestibular, porque eu tinha, não, eu tenho planos. Assim, não tinha muita expectativa de vida, a gente não tem muita expectativa de vida, é ficar, morar na Baía e pronto. E eu não, eu sempre tive um plano, eu quero terminar os estudos, mas eu quero fazer mais alguma coisa, não quero parar de estudar. Não sabia se era uma universidade, mas eu tinha meus planos, terminar os estudos com tantos anos, aos 21, 22 anos eu quero tá formada e aos 26 eu quero casar (risos). Então eu tinha isso na minha cabeça, então no 1º ano não cheguei a fazer o PSS, mas no segundo eu já fiz, e aí foi quando entrou a questão do cursinho que a universidade trouxe pra gente, e isso até hoje me emociona muito porque era muito difícil, a gente saia da Baía às 4 horas da manhã, a gente tinha que acordar cedo pra fazer o café, o almoço né? E ir pra São Francisco, que era onde o curso era ofertado, e quando a gente chegou lá tivemos outra realidade, e esse incentivo, que aquelas pessoas, eu não lembro dos nomes delas, mas às vezes eu vejo na rua e digo assim: aquela foi minha professora do cursinho pré-vestibular, eu lembro mas eu não sei o nome. Então, assim, eu sei quanto esse curso foi importante pra nossas vidas. O quanto ele nos incentivou, porque como já falaram, citaram, Lusival, ele era o máximo, quando chegava em sala de aula, tentava estar um outro final de semana lá com a gente, e fazia aquela festa,

incentivando mesmo em sair daquele mundo, buscar outros horizontes pra nossa vida. O curso, a escolha do Secretariado em si, engraçado que ele (Tiago) fala muito dessa questão, de querer Serviço Social, mas eu mesmo não consigo lembrar que eu queria fazer Serviço Social, eu falo assim que não lembro. E Secretariado não foi um "tiro no escuro" porque a gente teve incentivo dos próprios alunos de Secretariado, eles sempre comentavam sobre o curso e aí a gente foi estudar a grade curricular e aí tinha as Línguas. Línguas, gente, aprender inglês, espanhol, vamos fazer Secretariado. E era essa força, nós três, eu, Tiago e Antônio, e eram duas pessoas pra uma vaga, e a gente não tinha isso, a gente não, os três vão passar, serão os três, a gente vai passar pra esse curso. E começamos. Fizemos o PSS 1, e o PSS 2 e 3 num único ano, e quando eu fiz a terceira prova eu disse: "eu não vou conseguir, eu não vou passar". Por que? Eu lembro que uma semana antes do vestibular, lá no município tamparam parte do rio para passarem com carros onde dava acesso para um bar que tinha lá, então eles literalmente mataram uma parte do rio, eles tamparam, colocaram barro e aquilo me deixava muito indignada. Quando eu ia pra casa da minha mãe pela manhã que eu via, eu ficava com raiva porque eles tinham feito aquilo, questão de natureza, então eu ficava indignada. Véspera do vestibular, da prova, redação, que era o PSS3, a gente estudou sobre a transposição do Rio São Francisco, naquela época tava muito citado isso e tudo mais. Então a gente estava estudando sobre isso, que era uma possibilidade de cair na prova, na redação, e quando a gente começou a fazer a prova, que eu cheguei no tema, era o seguinte, pedia pra gente citar um caso, denunciar um caso de poluição na sua cidade. E eu simplesmente fugi do tema da poluição e fui falar dessa questão que fizeram no rio, quando eu saí da sala estava todo mundo comentando sobre o tema, eu lembrava que era sobre poluição, mas tava tão indignada com a questão do rio, que eu esqueci, só falei sobre aquele assunto, quanto iria prejudicar a natureza, quantos peixes iriam morrer, e tudo mais. Então eu falei sobre isso, não tava diretamente relacionado ao tema que eles pediram na prova, e quando eu sai, todo mundo esperando o ônibus e vi o pessoal falando sobre o tema, eu disse, eu vou zerar, não vou passar. Porque isso era uma questão muito discutida pelos professores do cursinho, não pode fugir do tema, fugir do tema zera em redação, era o que vinha na minha cabeça. Quando saiu o resultado do vestibular, ligaram pra mim, "Josilene tu passou", então eu fui numa Lan House e quando eu cheguei lá tinha meu nome, Josilene, e tinha outra, tinham duas Josilene. Meu pensamento na hora, até porque a redação foi do jeito que eu imaginava, eu não zerei porque foram dois temas, então eu

tive duas possibilidades, então foi bem fraquinha a minha média, chegou a ser menos de 400 na redação por causa disso. E eu realmente tive certeza que não passaria. Quando eu cheguei na Lan house que eu vi que tinha duas Josilene, então se tem possibilidade de ter duas, não sou eu. Era outra Josilene, porque meu nome era muito difícil de se encontrar, na escola eu nunca estudei com uma Josilene, eu estudei com Rosilene, mas nunca com uma Josilene. Eu digo ah, deve ser outra pessoa, não sou eu. E fui caminhando, fui pra casa. Quando eu ia no caminho um amigo meu disse: "Josy tu passou, eu vi teu nome lá". Eu fiz: não é, tem duas Josilene, então deve ser outra menos eu. E fui nesse pensamento. Ele fez: "Não! É você, é Josilene Maria de Souza". Eu disse: tem certeza? "É você!" Aí foi quando eu fui me alegrando. Quando eu cheguei em casa, como a minha mãe tinha ideia do que era, ela é analfabeta, ela me incentivava sim, mas no sentido da gente não perder aula, estudar, mas não em fazer uma Universidade, quando eu cheguei em casa eu deitei numa rede e disse: Jojo, eu chamo de Jojo. Jojo eu passei no vestibular. Aí ela disse: "Foi, minha filha? Que coisa boa". Me deu um cheiro e disse: "Graças a Deus", pronto, acabou (risos), acabou ali, não tinha... pra ela não tinha noção, não tem, e pra mim, eu tava muito feliz, mas eu também não sabia expressar. Ai quando eu voltei à noite pra casa da senhora, que eu passava a maior parte do tempo, no início eu só ficava a noite com ela, essa senhora que eu fazia companhia, isso já há 8 anos, fez 8 anos, quando eu cheguei na casa dela, que eu falei: Dona Nininha, eu passei no vestibular. Nossa! Foi completamente diferente: "Minha filha, estou muito feliz por você". A família dela estava lá, as meninas rasparam minha sobrancelha e eu não queria. Então foi uma realidade que minha mãe não tinha noção, mas que eu recebi lá na casa dela. Aí, assim, foi uma festa muito grande. E aí passamos os três, primeiro, décimo terceiro e eu na vigésima nona posição, os três. Passamos! Que alegria, vamos fazer um curso superior, vamos fazer uma universidade. Aí começamos a fazer o curso de Secretariado Executivo no Campus IV de Mamanguape. E aí começaram as dificuldades, já citadas, em relação ao transporte, que era muito difícil realmente sair de 4 horas da Baía da Traição e chegar em Mamanguape por volta de 5:30, e ficar esperando o horário da aula, e às vezes a gente não tinha condições... Porque no início a gente não pensou em levar a janta, a gente ia sem dinheiro e ficava até o horário, até voltar, chegar em casa e comer alguma coisa em casa, porque não tinha condições de comprar lá. E aí a gente começou a pensar nessa questão de levar a janta. Éramos os mochileiros, com garrafa de café, quentinhas, e a gente sentava por trás do bloco das coordenações em Mamanguape. E

eu lembro que o outro bloco não estava nem sendo construído, ou estava só a base. A gente sentava e ficava na janelinha e as pessoas viam, e os seguranças viam, tinha uma funcionária que vinha com a gente participar da janta, era muito interessante, e quando a gente terminava a gente ia pra sala de aula e começava a cantar, e quando os alunos chegavam e encontravam os três cantando, louvando, era uma coisa muito bacana. Quanto à questão da Universidade trazer, vamos dizer assim, esse significado da Cultura Indígena pra mim, como é que eu posso explicar? Eu acredito que pela forma que eu fui criada, e essa mudança de estar sempre saindo de um lugar pro outro, eu não vivi a minha cultura. É tanto que eu falo: eu sei muito pouco da minha cultura. Quem trouxe pra mim o que é ser um indígena, como é ser um indígena, minha própria cultura, foi a própria Universidade, através dos próprios comentários. A gente parecia pessoas estranhas, vocês são indígenas? Como vocês se vestem? E como são as coisas e as casas de vocês? É oca? – Não gente! É normal, é uma cidade normal. E eu não sabia nem como me expressar, porque eu não vivi a minha cultura. Eu sabia que tinha toré, eu sabia que tinha a pintura indígena, mas eu mesma não dançava toré, eu não fazia pintura, nenhum.... eu não sabia o que é ser indígena, então pra mim quem trouxe a AUP foi a universidade, não fui eu que cheguei trazendo o que é ser um indígena, eu não sabia o que era viver isso, eu vim vivenciar dentro da Universidade, e as meninas até riam, porque... Como eu comecei o curso... eu comecei o curso com Tiago e Antônio no primeiro e segundo período, no segundo período eles tiveram a brilhante ideia de trancar para estudar para um concurso do Banco do Brasil, salvo engano. E eles me abandonaram e isso pra mim foi uma queda muito grande, porque eles sabem que na minha vida eles são tudo, eles são como meus irmãos e... eu tenho uma dificuldade muito grande... eu tenho uma dificuldade muito grande de acreditar em mim mesma, acho que até pela forma que eu fui criada, o abandono do meu pai, eu não consigo confiar em mim, então assim eles sempre foram, assim, "Você vai conseguir, você é muito esforçada, você é inteligente". Entrar na universidade também foi muito por causa deles, a força que eles me davam, eram... eu costumo dizer que Tiago era o cabeça no Raciocínio, Antônio é parte de História, Português e essas coisas, e eu fico no meio termo entre os dois, porque eles são minha base, são quem me impulsiona e sempre 'tão' me levando a fazer alguma coisa, por mais que eu não acredite em mim, mas eles eram isso pra mim. Tanto que quando eles trancaram o curso, os comentários que ouvia em sala era: "eu quero ver agora ela tirar nota boa, eu quero ver agora como ela vai fazer pra se sair", porque era tudo com eles, eu não consegui fazer

amizades nos dois primeiros períodos, era muito eles, era só eles, porque a gente se ajudava, apesar de eu ter essa dificuldade de dizer que eu não sou capaz, mas eles viam isso em mim e eu conseguia contribuir sempre, entendeu? Ajudava nos trabalhos, sempre estava ajudando eles, e quando eles saíram pra mim foi uma queda, acabou! Não vou conseguir, não vou conseguir sem eles, eles trancaram por que? Consegui fazer amizades, me envolver com outros grupos, e provar que eu era capaz, provar que eu era capaz, por mais que eu sentisse que não, eu queria mostrar que eu era, mesmo não acreditando naquilo ali, eu não conseguia acreditar, e continuei, conclui, graças a Deus conclui o curso. Infelizmente, eu me tornei aquela aluna que ela literalmente quase "passou" pela universidade, porque eu não consegui me envolver tanto, com nada. Comecei a trabalhar na Prefeitura e eu acho, eu sinto, que eu me acomodei, né? Comecei a trabalhar e não consegui me envolver com monitoria, não consegui me envolver em extensão, eu fiquei muito presa a sala de aula, então hoje, por mais que eu busque, eu procure algo assim que eu possa dar de retorno, pra minha aldeia, eu não encontro, e é engraçado, porque assim eu tenho essa necessidade que eu preciso sair pra trabalhar, pra ajudar a minha família, preciso exercer a minha profissão, porque eu amo, acredite, eu amo, eu preciso exercer, eu preciso trabalhar, mas assim, eu desejo estar em casa, de volta a Baía da Traição. Eu passei dois meses no Rio, recentemente, mas o meu pensamento era Baía da Traição. Não sei como posso contribuir com a minha aldeia, com a minha cidade, mas o meu pensamento era de retorno, sempre de retorno, não sei se pela questão familiar... e eu tenho muita proximidade com os meus amigos, e eu sentia muita falta disso quando estava lá. Então assim a universidade contribui muito, tanto que foi ela que trouxe pra mim a própria questão da minha identidade Indígena, foi a universidade que me aproximou da minha cultura, foi a universidade que me levou a participar do evento que há em São Francisco, no dia 19 de abril, em que vamos pro terreiro sagrado, foi a universidade que trouxe a AUP, foi a universidade que me fez participar da Assembleia Indígena, então tudo que eu sei hoje, praticamente, da minha cultura, foi a universidade que me proporcionou, através do professor Lusival, através dos projetos como o PET, não participei do PET, mas conhecia, mas conhecia Iranilza, conhecia Josy, que fazia ou faz parte ainda. Não participava, mas conhecia, foi a universidade que trouxe isso pra mim. Creio que o que eu sou hoje, o que eu me tornei e que eu ainda vou conquistar, foi a universidade que trouxe, as mudanças... eu consigo ver em mim, eu mudei muito, eu abri mais a mente pra muitas coisas. E é engraçado, até na questão de a Baía não ser

interior, mas as pessoas veem a Baía como cidade do interior... Quando eu fui, em uns dos trabalhos que eu fui fazer com o grupo, meu segundo grupo, que eu fiz dentro da universidade depois que os meninos trancaram, foi em Santa Rita... as meninas começaram a rir, porque elas colocaram uma pipoca de micro-ondas, no micro-ondas, e eu nunca tinha visto aquilo ali, eu já tinha visto na TV, mas eu não sabia como era que fazia, e quando ela tirou e colocou no micro-ondas, eu simplesmente fiquei parada admirando aquilo ali, tão pequeno né? Tão simples pra elas, mas pra mim era uma coisa nova, porque até a universidade chegar na minha vida eu só ia até a capital se eu estivesse doente. Então, imagina, pra muitas pessoas isso não é nada. "Ah, Josilene, tu nunca fosse em João pessoa pra passear, não? A gente não tinha essas condições de ir a João Pessoa, de ir pra um passeio, e a universidade trouxe isso, trouxe eventos, fui pra Salvador, por meio da universidade, fui conhecer outra cultura maravilhosa. Então, assim, é a Universidade que traz isso. Tem os pontos negativos? Tem, tem sim, aquela questão de... realmente não tem aquela união, do coletivo, de trabalhar juntos, era tudo muito individual, eu senti muito isso quando Antônio e Tiago trancaram o curso, eu senti isso, essa questão da individualidade, de eu ter que provar eu era capaz. E assim não tem isso 100%, mas proporciona outras coisas que, se eu vivesse ainda onde eu estava, eu não teria vivenciado, entendeu? Eu não teria tido o conhecimento, tem a parte de conhecimento que trouxe pra minha vida, e essas outras oportunidades de conhecer um outro mundo que eu não tinha oportunidade de conhecer, pra mim é... Infelizmente, como eu falei, eu só passei pela universidade, mas ela não passou por mim sem deixar nada, então eu posso ter passado por ela, mas ela está inserida no que eu sou hoje, ela faz parte do que eu sou hoje, do que eu me tornei hoje, a menininha que não ia ter expectativa de vida alguma, hoje é formada em Secretariado Executivo Bilíngue. Gente, isso pra mim, pra minha família, eu sou a única a ter uma formação, então é muito especial, por mais que minha mãe não entendesse naquela época, "ah minha filha passou que legal", mas hoje ela vê, hoje ela fica... Quando eu fui embora ela chorou muito porque não queria que eu fosse pro Rio de Janeiro, mas quando eu voltei, ela fez: "Por que que você voltou? Por que você não volta? Por que você não vai buscar o seu futuro? Você não queria estudar, se formar, trabalhar? Então volte, vá procurar o que você quer pra sua vida". E é isso que estou tentando hoje, agora estou tentando um concurso, não sei se, futuramente, se eu vou poder voltar e fazer algo pra contribuir pra minha aldeia, mas o desejo e a vontade de sempre estar lá, existe, eu quero estar lá, por mais que eu preciso sair agora, mas eu quero estar lá. Então a

universidade faz parte do que eu sou hoje, e eu espero que outras pessoas tenham a oportunidade que eu tive.

2.2.2 – Tiago Tavares, e o compromisso com a educação

Imagem 6: Imagem de Tiago (cedida por ele)

Meu nome é Tiago Tavares Fidelis, tenho 26 anos, sou filho de Valdomiro Francisco Fidelis e Adenízia Tavares Simão. Nasci na cidade de Rio Tinto, mas me considero natural de Baía da Traição, afinal fui na cidade de Rio Tinto apenas nascer, isso á algo que eu não entendo. Toda minha família de uma cidade, criado a vida toda em uma cidade, mas ser natural de outro lugar só pelo fato de nascido lá. Não entendo mesmo. Na Baía da Traição há uma Aldeia chamada São Miguel, onde morei até meus 18 anos. Na comunidade nós não tínhamos recursos financeiros, por ser uma área pobre, desde criança, querendo ou não, vemos a necessidade de ajudar nossos pais em algumas coisas. Eu lembro que quando eu tinha entre 11 e 12 anos eu trabalhava em bares na praia. Por ser litoral e uma cidade turística, há muitos bares na orla. Então eu trabalhava como garçom, fiquei trabalhando em torno de cinco anos, justamente para ajudar a minha mãe com as despesas. Nessa época meu pais já eram separados e continuam até hoje, meu pai não dava nada a gente. Somos três irmãos e era muito complicado porque a gente tinha que se "virar nos trinta". Nesse meio tempo meu avô vendeu um imóvel e comprou uma rede de "três malho", uma rede enorme que equivale a várias redes menores juntas. Então eu passava o dia todo pescando, nesse período eu estudava no turno da noite. Pescávamos todos os dias, exceto fins de semana. Aos dezessete anos me envolvi com um projeto de construção de casas populares, um trabalho financiado pela Caixa Econômica Federal. Eu trabalhava para o encarregado da obra, e não para a empresa. A princípio eu fazia atividades de ajudante de

caminhão, enchendo as caçambas com aterro e areia, posteriormente, o encarregado me chamou para trabalhar com ele sendo uma espécie de assistente, tipo o "Secretário", fazer anotações, organizar os pedidos de materiais solicitados pelos pedreiros, controlar o estoque e acompanhar ele durante as fiscalizações na construção. Como esse projeto abrangeu várias cidades, surgiu uma oportunidade de construção na cidade de Mataraca, cidade vizinha de Baía da Traição. Então, o encarregado perguntou se eu queria ir trabalhar lá. Surgiu uma preocupação muito grande da minha mãe em relação aos estudos, porque eu tinha de estudar e esse trabalho não poderia atrapalhar meus estudos. Então me certifiquei de preparar toda documentação escolar para me matricular na nova escola, então continuei estudando e fiquei trabalhando. No final da segunda etapa da construção, quando já havia 60 casas prontas, aconteceram uns desentendimentos com ele e os donos da empresa, ele foi demitido, e como eu não tinha vínculo com a empresa, eu vim embora para minha cidade. Passei seis meses em Mataraca trabalhando, eu ganhava em torno de R$50 por semana, eu sofria muito porque quando você é muito apegado a sua família, tem uma ligação muito forte com o povo, com suas raízes, quando se afasta, sente muita falta, e eu vinha para casa todos os fins de semana, mas quando chegava quinta-feira eu começava a chorar para ver minha família, para voltar para casa. Toda semana tinha isso, quando eu vinha começava a chorar já no caminho. Então voltei para minha cidade, mas aí, com cerca de um mês, o pessoal da empresa veio me chamar pra trabalhar pra eles, então eu fui trabalhar para a empresa de fato, eu fui ser encarregado junto com outro rapaz da empresa que eu já conhecia, assim fomos trabalhar em Rio Tinto. Nesse momento eu passei a ganhar R$ 1.000,00. Essa foi uma etapa muito boa porque eu já tinha certa experiência e estava trabalhando de fato para a empresa. Eu fazia a fiscalização da obra, era responsável pela marcação dos terrenos, estoques de material, entrega de material, enfim, eu e outro rapaz éramos os responsáveis por todo o andamento da obra. Vez ou outra aconteciam algumas coisas bem interessantes. Eu tinha 17 anos e muitas vezes os pedreiros ficavam perguntando como é que eu sabia sobre construção de casas populares. Eu lembro que certa vez o pedreiro estava tentando colocar as formas das portas, mas ele não estava conseguido, então quando eu vi, fui ajudá-lo, mostrei a ele como aprumar, colocar na altura certa, prumo, nível, enfim, deixei tudo certo para chumbamento, e ele me perguntou quantos anos eu tinha. Então falei que tinha 17 anos e ele questionou como é que eu sabia dessas coisas. Falei que observava muito eles fazendo e começava a aprender ao vê-

los, ou seja, "vocês são meu professores", falei para ele. Esse e vários outros momentos despertaram em mim uma paixão muito forte por engenharia civil. A partir daí, passei a desejar para meu futuro profissional a profissão de engenheiro civil. Por outro lado, nesse mesmo período, senti uma dificuldade muito grande de continuar com meus estudos. Eu trabalhava o dia todo, a noite eu ia para a escola no centro da cidade de Rio Tinto. Como eu morava cerca de 4km de distância da escola, eu sempre percorria esse trajeto de ônibus fornecido pela Prefeitura, só que naquele tempo, faltavam muitos professores, as aulas não eram legais, sem contar com meu cansaço, além do mais, ainda que as aulas terminassem mais cedo, o que geralmente acontecia, eu sempre tinha de esperar até a hora do ônibus retornar, então eu sempre chegava em casa muito tarde e no outro dia tinha de levantar cedo para o trabalho. A partir daí tomei a decisão de não continuar com o ano letivo, por conta do ensino que não era legal, e por conta do trabalho, então foquei apenas em fazer um ótimo trabalho. Quando terminamos as construções, veio o fiscal da Caixa Econômica Federal e, graças a Deus, foi tudo aprovado. Em seguida voltei para minha cidade mais uma vez, mas dessa vez com o objetivo de concluir o ensino médio e ingressar na universidade para fazer o curso dos meus sonhos. Vez ou outra o pessoal da empresa vinha a minha procura para eu trabalhar com eles novamente em outras cidades, mas eu sabia que se eu fosse, atrapalharia meus estudos, então, agradeci muito o convite e a confiança, mas não pude ir, eles entenderam. Então voltei a estudar no ensino médio e comecei a estudar para um concurso que Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizou. Foi um concurso para contrato provisório, era apenas para a realização do Censo Demográfico Brasileiro, realizado em 2010. Graças a Deus passei em segundo lugar, trabalhei e com o dinheiro abri uma lanchonete. Nesse mesmo ano prestei vestibular, eu já sabia qual curso queria fazer, mas nem sempre temos a possibilidade de fazer tudo o que queremos. O curso de Engenharia Civil era ofertado no Campus I, é um curso integral e eu não tinha condições de pagar transporte todos os dias para a capital, como também não tive como morar em João Pessoa ou cidade mais próxima. Então tive de escolher um curso que fosse ofertado pelo Campus IV, localizado nas cidades de Mamanguape e Rio Tinto. Pesquisei entre os cursos ofertados pelo Campus, o que eu mais me identificava. Escolhi, então, o curso de Secretariado Executivo Bilíngue. Eu lembro que antes de prestar vestibular, estudei no cursinho pré-vestibular oferecido pela Universidade, criado pelo professor Luzival a fim de atender os indígenas que não tinham condição de cursar na capital e também para nos

conscientizar de que havia um Campus universitário bem ali pertinho de nós e que esse é um espaço feito para nós, porque a princípio estava vindo mais gente de outras regiões do que a galerinha daqui mesmo. Mas a ideia principal da criação dos Campi no interior é atender a demanda local, então o Campus IV instalado em Rio Tinto e Mamanguape era para atender esse povo que anteriormente não vislumbrava a oportunidade de ingressar na educação superior. Sendo assim, o professor Luzival começou esse projeto que ensinava, orientava e, principalmente, incentivava os jovens da terra para ingressarem na Universidade. No Cursinho, nós, alunos, tínhamos os professores, que eram alunos da Universidade no Campus IV, e esses monitores nos ensinavam as disciplinas que deveríamos estudar para o vestibular e nos orientavam sobre os cursos ofertados e sobre o que é ser aluno de educação de nível superior. Lembro da professora de Português que foi Maria Aparecida, ela falou sobre os cursos e esclareceu algumas de nossas dúvidas, então posso dizer sem medo de errar que o curso pré-vestibular foi muito útil para que eu pudesse ser aprovado como também para escolher um curso que eu me identificasse. Escolhi o Curso de Secretariado Executivo Bilíngue. Como têm idiomas, logo me identifiquei porque sempre gostei muito de estudar inglês. Outro fator que levei em consideração foi a composição da grade curricular, é um curso muito completo. Prestei então vestibular e fui classificado na primeira chamada. Então começamos a estudar e eu logo pensei que os desafios já tinham sido superados. Mas aí, quando eu cheguei na universidade, me perguntei onde eu estava, não tinha conhecimento do que é universidade, não sabia o que era o mundo fora da minha cidade, então eu acreditava que era um novo mundo que estava se abrindo. Outro grande desafio foi quando começamos a estudar, que não tinha transporte para irmos à universidade. Na nossa cidade só tinha um ônibus que levava o pessoal que estudava no Campus I. Esse ônibus saia às 16:30, então a gente ia nele até Mamanguape, descíamos próximo ao ginásio e seguíamos andando para a Universidade. Chegávamos lá por volta de 17:20, então esperávamos até às 19:00, horário que começam as aulas no turno da noite. Ao terminar as aulas, às 22:00 tínhamos de ir de carona para a cidade de Rio Tinto para que, quando o ônibus que foi para o Campus I retornasse, pegasse a gente, pois não poderíamos esperar no Campus em Mamanguape pois não era trajeto natural do ônibus, e não dava para ficar próximo ao ginásio por ser uma área perigosa no que se refere a assaltos e outros tipos de violência. Ao retornar de João Pessoa, o ônibus chegava na praça de Rio Tinto por volta de 23:40. Como saíamos muito cedo de casa em relação ao horário das aulas e

não tínhamos dinheiro para comprar lanche todos os dias, levávamos janta, e jantávamos nas instalações da Universidade que ainda estavam em processo de construção. Posso dizer que o transporte foi o principal problema nos primeiros períodos, mas não desistimos. No ano seguinte, mais pessoas fizeram o vestibular e alguns foram aprovados, então um único ônibus não estava comportando todos os alunos, desse modo, nós, alunos, nos reunimos e fomos ao Prefeito de nossa cidade contar a situação e esperar uma providência de solução para o fato. Então foi nos cedido um ônibus exclusivo para o Campus I. Este saía da Baía da Traição para o Campus IV às 18:20 e retornava às 22:00, ou seja, seguia o nosso horário de aulas, o que foi muito bom para todos nós. Com relação a nossa cultura dentro da Universidade, foi algo muito interessante, os outros alunos não conheciam a nossa cultura, conheciam de ouvir falar e quando eles encontravam com a gente ficavam perguntando se vivíamos em grupos, se ainda morávamos em ocas, se vivíamos da pesca e agricultura. Então falávamos a eles que não era mais dessa maneira, o mundo está modernizado, como continuar vivendo nesse mundo sem ser "atingido" pela tecnologia? Não dá mais para viver isolado. Então todas as mudanças que aconteceram na sociedade trouxeram mudanças na nossa vida. A partir do ingresso na educação de nível superior reafirmamos nossa etnia pois a universidade nos trouxe um caminho para nos reafirmarmos enquanto etnia. Foi a partir dessa instituição que conhecemos a Associação dos Universitários Potiguara (AUP). Mais uma vez o professor Lusival merece destaque neste sentido, de ter esse olhar para nosso povo, ele quem encaminhou essa organização. Então a universidade foi o caminho que trilhamos e creio que, quando passamos por ela, também deixamos um pouco de nós. Eu lembro de um evento que realizamos, a primeira assembleia dos universitários Potiguara, fizemos no Campus IV na cidade de Rio Tinto. Foi um momento muito bom e muito gratificante com a presença de vários professores, repercutiu na Universidade como um todo, conseguimos atrair mais atenções para nós e conseguimos mostrar quem somos, que temos entendimento e que somos capazes como qualquer outra pessoa, enfrentando estereótipos e discriminação. Eu, particularmente, posso dizer que a partir da universidade ocorreram muitas mudanças na minha vida. Muitas vezes o aluno fica limitado à sala de aula, se limita dentro de quatro paredes sem se dar conta que ali é um mundo de oportunidades, pois a universidade em si tem caminhos que você pode trilhar, você pode sair da sala de aula, você pode mostrar o seu diferencial, você pode buscar e ir além. Creio que o aluno não deve fixar suas ações apenas à sala de aula. Eu

lembro que eu ouvi uma frase que dizia o seguinte: "não devemos passar pela Universidade sem que ela passe por nós". Acredito que devemos deixar a nossa história e mostrar as nossas raízes, mostrar quem somos e o que podemos fazer. Quando eu estava no segundo período da minha graduação, fiz uma prova de seleção para um curso de extensão em língua inglesa. Graças a Deus fui aprovado e não tenho nem palavras para descrever o que foi esse curso de extensão para mim, porque até hoje eu trago consequências positivas do curso em minha vida. Apesar das dificuldades de conclusão devido ao transporte, consegui concluir. O curso era ofertado duas vezes na semana no horário da tarde, então eu tinha de ir em um horário que não tinha ônibus público, nesse caso tinha de pagar e, quando não dava, paciência, mas com muito esforço deu tudo certo. Quando estava em meados do curso de extensão, abriu seleção para monitoria em língua inglesa, então decidi que eu tinha de fazer essa seleção, além de ser uma ótima oportunidade de aprendizagem, era remunerada e eu sabia que me ajudaria muito na minha permanência na graduação. Só que eu havia passado por uma cirurgia de apendicite, eu não tinha nem como fazer a minha inscrição, então pedi para uma grande amiga minha, Josilene, fazer minha inscrição. Ela foi para a universidade e levou meus documentos e fez a minha matrícula. Feita minha inscrição, cinco dias após a cirurgia fui fazer a prova, cheguei na universidade e fiz a prova, foi um desafio muito grande, mas eu disse a mim mesmo, tenho que passar, então enfrentei todos os desafios e passei em primeiro lugar, o que me possibilitou ser monitor durante dois semestres. Em seguida fiz parte da composição do Centro Acadêmico de Secretariado Executivo Bilíngue (CASEB), então me envolvi em vários eventos, em várias oportunidades que a universidade possibilitou. Quando eu estava no sétimo período abriu seleção para ser monitor e ensinar no cursinho pré-vestibular. Então, falei, tenho que fazer, será meu momento de contribuir com meu povo, foi o momento em que lembrei que um dia alguém fez isso por mim, como eu falei anteriormente, participei do cursinho, então quis muito ser monitor e ajudar mais pessoas a ingressarem na universidade. No entanto, quando eu já tinha organizado toda a documentação, aconteceu algo inesperado. Eu estava na frente da minha casa quando passou um colega meu, Alex, que trabalha na escola Antônio Azevedo, e disse que estavam precisando de professor de inglês na escola, e me aconselhou a ir verificar. Então nem esperei mais, fui na mesma hora, fui lá e conversei com a Secretária de Educação, ela pediu a minha documentação, então entreguei o certificado do curso de extensão, quando ela perguntou se eu tinha experiência

lecionando, mostrei o certificado da monitoria. Eu tinha um curso de extensão que me dá essa habilitação, então entreguei toda documentação a ela. Mas depois me perguntei: e agora? Entrego a documentação para a seleção de monitores para o cursinho? Nem deu tempo porque no outro dia eu recebi o contato da Secretaria de Educação que eu fui contratado para ensinar na escola, então eu não entreguei a documentação para fazer parte da monitoria. Mas estou muito feliz porque até hoje eu estou ensinando Língua Inglesa, já faz dois anos que contribuo com meu povo a partir dos conhecimentos adquiridos na universidade, a partir do que a universidade me proporcionou. Se eu tivesse ficado dentro da sala de aula isolado, não teria como eu estar onde eu estou, hoje eu me tornei professor de língua inglesa na mesma escola em que eu estudei. No primeiro dia de aula que eu entrei, eu disse aos meus alunos: "eu estudei aqui, eu estudei aqui, sabe? Eu sentava bem aqui nessa cadeira que você está". E isso foi muito gratificante para mim, percebi o quanto valeu a pena lutar, buscar e vencer os obstáculos, então ajudo meus alunos e incentivo eles a lutar, a querer ir além, para que possam ocupar cadeiras importantes, posições, para que tenham um futuro brilhante pela frente e até melhor do que tivemos.

2.2.3 – Iranilza Cinézio, e o vínculo com a espiritualidade

Imagem 7: Imagem da Iranilza (cedida por ela)

Meu nome é Iranilza, tenho 28 anos, sou Potiguara, filha de Maria Cinesio Soares e João Condado Gomes. Moro na aldeia Jacaré de Cesar. Os meus pais também são Potiguara. Tenho 10 irmãos e uma família linda que eu amo muito. Na realidade eu sempre trabalhei na agricultura com meu pai, como eram treze

pessoas na minha casa, então os filhos também contribuíam com a renda familiar, meu pai sempre trabalhou na lavoura, na roça e a gente sempre ajudou, eu, minhas irmãs e meus irmãos, desde a educação básica até o ensino médio. Eu comecei a estudar com sete anos de idade, porque a gente morava numa aldeia pequena, por isso não tinha escola, então meu pai procurou o Prefeito, mas não tinha como fazer uma escola lá, aí o meu pai cedeu a sala lá de casa pra poder dar aula. O meu pai e a minha mãe os dois eram analfabetos, pois nunca tiveram condições de estudar nem oportunidade, mas eles sempre tiveram um sonho de que a gente tivesse acesso a essa educação mesmo que eles nunca tivessem tido, por isso o maior exemplo que a gente segue é justamente essa força de vontade dos meus pais, pois mesmo eles não tendo acesso à educação, à escola, eles sempre correram atrás pra que a gente tivesse. O Prefeito queria pagar o aluguel da sala da nossa casa, mas o meu pai não aceitou, pois ele disse que o valor maior que ele iria ganhar era a educação da gente. Então meu pai convenceu as outras famílias, que moravam lá na aldeia, da importância de estudar, porque os pais não queriam que os filhos deixassem de trabalhar na roça pra estudar, porque iria perder tempo, mas o meu pai conversou com os pais e convenceu os pais a deixarem os filhos estudarem. Então começamos a estudar, a noite era a sala de casa, mas durante o dia era sala de aula. A gente cresceu com a importância e tendo essa percepção de educação vinda dos meus pais. Durante a educação básica estudei na sala da minha casa, quando entrei na 5ª série fui estudar em Marcação, porque não tinha a 5ª série na aldeia. A gente ia de manhã, quando voltava almoçava e ia pra roça com meu pai. Eu tinha uns 12 anos, todo dia era assim. Depois de dois anos a gente foi estudar a noite para poder passar o dia todo na lavoura e ajudar mais o meu pai. A gente andava 4 km a pé, de ida e de volta todos os dias para pegar o ônibus na Aldeia Caieira e ir para Marcação. A gente trabalhava até às 16:00h, já saía do roçado correndo, chegava em casa só dava tempo de tomava banho, colocar uma roupa e sair para pegar o ônibus. Na volta quando chegava em casa, jantava e ia dormir. Levantava às 5 horas da manhã para ajudar a minha mãe fazer o café, depois saíamos para trabalhar na roça com meu pai. A gente estudava, mas também tinha esse compromisso de ajudar a família. Eu observava que estudar era mais que uma vontade minha, era um desejo dos meus pais também, a gente queria mudar a nossa realidade, por isso eu acredito que esse desejo de estudar partiu de todos, mesmo que a gente passasse dia todo no roçado e tivesse que andar a pé os 8 km por dia para puder estudar, isso nunca foi obstáculo... para a gente desistir de estudar, porque a gente tinha esse sonho de que estudando era a

melhor forma de conseguir alguma coisa para ajudar e dar esse orgulho aos nossos pais, de puder ter acesso à educação que eles não tiveram e de certa forma a gente estava realizando o sonho deles de estudar. E aí foram muitas caminhadas... longos anos... A minha irmã mais velha foi a primeira a entrar na universidade e foi pra gente uma conquista muito grande, um orgulho imenso porque ela era a primeira da família a entrar no ensino superior. A gente se espelhava nela porque assim como ela a gente também queria chegar na universidade, assim como ela conseguiu, a gente também conseguiria. Hoje já são cinco filhos que tiveram acesso ao ensino superior, quatro mulheres e um homem. Meu pai não tinha condições de ajudar no transporte nem na alimentação, a gente sempre fazia alguma coisa, vendia revista para se manter na universidade, porque eles não tinham condição de nos manter, na verdade o apoio dos nossos pais era o apoio moral, pois não tinham como nos apoiar financeiramente, por isso a gente sempre se virou. Quando eu passei no vestibular em 2009, eu nem acreditei que tinha passado, porque eu achava tão distante, mesmo tendo essa vontade, era um sonho meio impossível. Eu sempre tive um sonho de ser professora, antes de entrar na universidade eu queria optar pelo curso de Letras Inglês, mas só tinha no Campus I, então optei por Secretariado e aí eu ficava pensando: 'meu Deus, o que é que eu vou fazer com Secretariado?' Porque de certa forma a gente também é cobrado e tem também essa responsabilidade de contribuir com as nossas aldeias, de dar o retorno, enquanto professor você pode dar esse retorno, ir para sala de aula e contribuir com a formação de outros parentes, mas enquanto secretária executiva o que eu posso fazer pelo meu Povo? Eu ficava me questionando. Eu tive a experiência de estagiar dois anos no INSS, durante o ensino médio, e dois anos na Delegacia da Receita Federal, a partir do terceiro período de Secretariado, e eu tentava sempre ver o que eu poderia aproveitar nessa questão da gestão pública que contribuísse com o meu Povo. Mas eu não me via fazendo nada na gestão pública, pois a experiência dos estágios me fez perceber que não era o que eu queria. Eu sempre fui militante do movimento indígena e sempre tive um pezinho, querendo ou não, na Antropologia, porque as coisas que eu mais gostava de fazer estavam muito mais ligadas aos movimentos sociais. Não que o Secretariado não tenha esse olhar, mas eu ainda não tinha encontrado essa abertura. Quando eu comecei a participar dos "Sem terrinha", em 2011, através da professora Maika, aí eu descobri que era a área que eu queria, trabalhar e participar de encontros e projetos de movimentos sociais, pois eu vi que a sala de aula ela era muito limitadora, era muita teoria que não satisfazia a minha realização pessoal, estava

tendo uma formação muito mais mercadológica, que na verdade não era o que eu queria, porque eu tive uma formação familiar coletiva, pois os meus pais sempre passaram essa questão de cuidar do outro, pensar no outro, de que tudo que a gente consegue com esforço, quanto mais difícil mais a gente dá valor, é preciso olhar pro outro sempre. A nossa educação familiar sempre foi assim. Na universidade eu não via isso, na universidade o que eu via era uma formação mercadológica e aí eu sentia falta dessa questão mais humana, embora tivesse essa formação voltada para pessoas, mas eu não via essa formação humana de você se colocar no lugar do outro, não tinha. Em 2010 quando eu comecei a participar do projeto PET- Indígena, e comecei a dar aula na aldeia Grupiuna, eu me senti realizada porque eu sempre quis ser professora e eu estava contribuindo com meu Povo, ensinando no cursinho e contribuindo com a vontade dos meus parentes de entrar na universidade, pois assim como eu, eles também conseguiriam realizar seus sonhos. Eu via que eles se espelhavam em mim de certa forma, pra poder entrar na universidade, isso era gratificante. Até lembro que alguns alunos chegavam: "Professora eu passei, eu passei, muito obrigado". E eu dizia: 'gente, foi mérito seu'. Eu comecei a observar que o PET me possibilitou dar essa contribuição, que eu jamais pensei que o curso de Secretariado poderia me proporcionar e o PET me proporcionou isso. Mesmo quando os estudantes do cursinho pensavam que não iriam conseguir, a minha história de vida era motivação pra eles. Isso eu não tenho nem como expressar. Outro ponto muito importante do PET eram as nossas reuniões toda sexta feira, onde existia a preocupação de saber como estava o outro, como estava a sua relação com o curso, na sua aldeia, o que estava acontecendo, como estavam as lideranças, entre outras coisas que eram importantes para a nossa vida pessoal enquanto Potiguara e universitário. O professor Lusival foi pra mim a base da minha formação na universidade, embora ele não seja do Secretariado, mas eu aprendi muito com ele e estou aprendendo até hoje, sou muito grata, ele deu essa formação humana da gente se conhecer, pois são 33 aldeias, não tem como todo mundo se conhecer, e quando algum Potiguara entrava na universidade o PET era esse suporte de acolher todo mundo, de conhecer, quem participou do PET sabe, de saber como o outro estava, está preocupação com quem estava chegando e estava tendo dificuldade e precisando de ajuda. O PET era muito mais do que um projeto de extensão, era um projeto de vida, de você realmente se preocupar com o outro, pois dava o suporte que a sala de aula não dava e jamais vai dar, na minha opinião. Quando eu comecei a participar do Proext-2013, trabalhando com os assentamentos do

MST, na região da Borborema na Paraíba, foi muito interessante porque eu e Sanderline éramos as únicas indígenas do projeto e ficamos desenvolvendo as atividades no Assentamento Carnoió, que era uma etnia indígena que foi exterminada, assim como tantas outras. Os assentados acreditam que também são descendentes de indígenas Carnoió, eu não acredito que fomos para lá por coincidência, mas sim pela força dos nossos encantados, pois vivemos experiências incríveis. No assentamento não tinha energia elétrica nem água encanada e algumas pessoas que não eram do nosso grupo, que as vezes iam pra lá, ficavam reclamando pela falta de energia e água nas torneiras, mas eu me sentia tão em casa porque a minha vida toda foi sem energia elétrica e sem água encanada, eu me sentia tão em casa que eu conseguia me colocar no lugar deles, ou seja, as dificuldades que eles estavam passando eu também já tinha passado e sei como é. É isso que falta muitas vezes na universidade, é você se colocar no lugar do outro, porque a sala de aula são práticas tão rápidas que você entre sai, bom dia, boa tarde, boa noite, você estudou aquele material e vai pra casa, mas você não se coloca no lugar do outro, você não percebe a necessidade do outro, o que está acontecendo com o outro. Às vezes você nem percebe que aquela pessoa veio à aula, você é muito engessado na sala de aula, eu vejo assim, você está ali só pra atingir seu mérito e o seu deseja e eu acho que a universidade falha nisso, por mais que enha os cursos de humanas e ciências sociais, mas as vezes são cursos meramente em sala de aula, que você não vê a realidade do outro, que você não vê que ao lado da universidade tem uma comunidade passando dificuldades, com pessoas à margem da violência. Eu acho que isso é uma questão que a universidade precisa se preocupar, eu critico este aspecto negativo da sala de aula, mas ao mesmo tempo eu sei que preciso beber da teoria da sala de aula, para poder vivenciar a prática, na verdade é como Paulo Freire fala, é uma via de mão dupla. A universidade me proporcionou conhecimento, mas não posso esquecer a minha formação familiar, pois a minha base foi a formação familiar. A universidade de certa forma concretizou a formação que eu já tinha, trazendo alguns elementos. Se eu não tivesse entrado na universidade eu não teria essa experiência que tive. O conhecimento da universidade é importante, mas você tem que saber como usar esse conhecimento, porque quando você entra na universidade você não pode pensar que você está se formando só pra atender os seus objetivos, o papel da universidade é algo maior. Universidade é esse universo de você perceber o outro também, de você ter acesso ao outro, de se colocar no lugar do outro e eu acredito que o mais importante é isso. A universidade proporciona um

conhecimento até mesmo com relação aos meus próprios parentes, até então, muitos que eu não conhecia, pois a gente fica muito na nossa aldeia desenvolvendo atividades e acaba não tendo muito contato com outras aldeias, e a universidade me proporcionou isso, o contato com parentes que eu não conhecia antes de entrar na universidade, isso é muito bom. A universidade através do PET, pôde possibilitar uma reafirmação maior enquanto espaço social, porque em outros lugares você chega, você se identifica, mas às vezes, por exemplo, você vai fazer uma ficha no hospital, vai no posto, aí a atendente olha pra sua cara e coloca pardo, não coloca indígena, às vezes nem pergunta e às vezes você não tem nem abertura de se identificar e na universidade não, na universidade você tem essa abertura de se identificar e também de mostrar pra universidade que você está aqui, e que mesmo com os preconceitos que a gente enfrenta, e esta luta diária que a gente enfrenta, que é justamente se identificar como indígena independente se tem cabelo cacheado ou não, se tem olho puxado ou não, porque a questão do estereótipo é muito forte, mas você tem esse espaço, mesmo com todo preconceito, mas você tem esse espaço. Eu sempre costumo dizer que enfrentar os preconceitos é justamente você reafirmar pro outro a sua identidade e lutar por nesse espaço. Eu acredito que através do PET a gente conseguiu sim deixar nossa marca no Campus IV da UFPB, mas em outros espaços muitas pessoas... até hoje mesmo quando você diz que é indígena, tem pessoas que olham assim meio torto e dizem: 'ah?' Tipo assim: ainda existe índio na Paraíba? Apesar de tudo, a universidade dá essa abertura, não é algo que a gente conquista de um dia pro outro, mas são lutas que temos que travar todos os dias, quando as pessoas olham e veem eu pintada, pensam que eu fiz uma tatuagem, já olham meio torto, ficam perguntando se doeu muito, perguntando como eu tive coragem. Quando eu falo que é uma pintura indígena e me identifico como Potiguara, aí começa o interrogatório: índia com cabelo cacheado? você não parece índia, entre outros absurdos. No Campus IV, isto acontece com menos frequência, mas no Campus I, já é outro espaço e outra luta que temos que enfrentar, temos que estar toda hora reafirmando a nossa identidade. E se reafirmar não é só dizer que é indígena, é lutar por espaços e conquistar espaços. Essa resistência que a gente tem que ter não é fácil, porque a gente é criticado e questionado a todo momento: "mas você tem celular? você está na universidade?" Na ideia dessas pessoas a gente tem que estar isolado no meio da mata e não ter contato nenhum com a sociedade. Essa falta de conhecimento das pessoas de não conhecer a própria história, não saber porque eu tenho o cabelo cacheado e não tenho o olho puxado, porque hoje eu tenho celular, eu

estou na universidade, é justamente não conhecer o processo histórico do Brasil. A universidade tem um aspecto muito importante na minha vida porque através dela estou conseguindo trilhar meu caminho. Eu já sei a minha direção, pois eu tenho a proteção dos meus antepassados, que estão me encaminhando no caminho certo. Quando eu me casei em 2014, fui morar em João Pessoa, porque estava me formando e precisava conseguir um emprego, passei um ano procurando, mas não consegui, eu chorava todos os dias porque não conseguia emprego e também porque não estava feliz longe da minha aldeia. Eu também queria um mestrado e para mim foi reservado o mestrado, que era algo que eu queria muito. O que eu quero não é entrar numa empresa e todos os dias viver a mesma rotina, desta forma eu não vou poder contribuir com meu povo, porque se eu fosse trabalhar numa empresa o que eu vou dar de retorno para os meus parentes? Nada, no máximo vou morar em João pessoa, ou em outra cidade qualquer e ter uma vida longe do meu povo, mas eu não quero isso. Por isso o mestrado veio na hora certa. Eu acredito que através do mestrado eu vou conseguir trazer projetos, vou conseguir trazer muitas coisas pro meu povo e, assim, querendo ou não, a universidade tem esse papel, tem esse aspecto positivo, muito embora eu também acho que a universidade, através da sua formação, muitos realmente não têm esse espaço ou esta oportunidade, muitas vezes você se forma e tem que morar em João pessoa, ou fazer um curso e ir para outro estado, aí você vai fazer o que? Você vai sendo trilhado pelas oportunidades que estão aparecendo e aí, às vezes, você vai se guiando... quando você vê, você já está lá, e você não tem mais como contribuir mais. E eu não quero me desviar, na verdade o meu papel é muito maior, eu tenho sim este compromisso com meu povo, eu quero fazer isto e eu estou aqui para isto. Eu sempre tentei participar o máximo das atividades extraclasse na universidade. Outra contribuição muito importante foi a monitoria, que me fez despertar um outro olhar sobre a docência e me fez despertar o desejo pela pesquisa. Mas antes da monitoria teve uma pessoa que profetizou que eu seria pesquisadora, o Professor Erivald. Quando eu estava no terceiro período, no último dia de aula, na avaliação da disciplina, ele disse para cada estudante a profissão que tinha o dom de seguir. Quando chegou a minha vez, apontou para mim e disse: "Iranilza, você vai ser uma ótima pesquisadora. Então eu perguntei: 'Eu? Por que?' E ele respondeu: "Porque você gosta das coisas muito detalhadas, certinhas". E eu não me encontrava enquanto pesquisadora. Em 2012, quando eu estava participando do PET e estagiando na receita federal, teve a seleção para a monitoria da disciplina de Pesquisa Aplicada. Eu me inscrevi, mas quando eu passei eu

estava muito perdida ainda e a Professora Maika me deu uns livros pra ler de Pesquisa Social, era um amarelo e um azul, e quando eu comecei a ler os livros, nossa! Eu me via naquele processo de pesquisador, nem sabendo na verdade do que se tratava a questão da pesquisa, que era e vai muito mais além, mas eu me encantei por aquilo. E depois, quando eu comecei a fazer os relatórios, participar da monitoria, e os estudantes vinham tirar dúvidas comigo, aí foi quando eu me dei conta: 'gente, o professor Erivaldo profetizou'. Aí foi quando surgiu o meu desejo realmente de ser pesquisadora, porque eu me encontrava naqueles livros, e aí eu falei: 'Maika, eu não vou devolver esses livros nunca pra você!!' Então, são coisas que acontecem na nossa vida que na hora a gente não se dá conta da importância, e você não tem noção de que, quando você faz uma prova pra monitor, de quanto aquilo vai ser gratificante e vai te enriquecer, não pela questão do currículo, não é a questão do currículo, mas pela questão pessoal, o conhecimento que você vai ter, saber que se você está ajudando o outro, você também está aprendendo com ele, a monitoria foi isso. Foi a partir da monitoria que surgiu o desejo, esta paixão pela docência. Se a minha pesquisa de TCC não tivesse sido sobre a importância de projeto de extensão para a formação do profissional de Secretariado Executivo, com certeza seria sobre a importância da monitoria para a formação do profissional de Secretariado Executivo, porque esses projetos realmente são muito determinantes nesta questão. Eu vejo nos relatos de experiência, e sei que a partir destas oportunidades você tem a possibilidade de se encontrar e se identificar e dizer: é a partir daqui que eu quero trilhar o meu caminho. Falar das dificuldades, eu não consegui não me emocionar, porque acredito que todos os meus parentes passaram por dificuldades na universidade. Hoje não tanto porque tem a bolsa permanência, que foi aprovada em 2013. Eu consegui acessar a bolsa permanência em janeiro de 2014, mas eu entrei em fevereiro de 2010, eu passei por muita aflição porque não tinha dinheiro para tirar xerox, alimentação, moradia nem transporte. Por isso tive que ficar em Mamanguape, na casa de uma colega da minha irmã que eu chamava de tia. Mesmo assim, eu tinha que andar uma distância enorme a pé e sozinha de dez horas da noite, da parada de ônibus até a casa dela. Morria de medo, quando passava um carro ou uma moto eu pensava que ia parar e fazer alguma coisa comigo. No segundo semestre do curso eu sofri uma tentativa de assalto próximo à universidade, por isso tive que morar em Rio Tinto com a minha irmã, que já pagava aluguel, num apartamento de um quarto, onde dividia o aluguel com duas meninas, uma do sertão da Paraíba e outra do Rio Grande do Norte. A gente se virava nos trinta

pra pagar o aluguel, porque os nossos pais não tinham condições de nos ajudar. Vale lembrar novamente aquela percepção que meus pais falam, quanto mais difícil mais a gente dá valor, porque tudo que vem fácil também vai embora fácil. Quando você está na universidade e passa por dificuldades, depois que se forma, parece que você esquece de certa forma tudo que passou, tem que ter um momento deste para relembrar, porque no dia a dia a gente não vai lembrar de tudo que aconteceu, o tempo passa e quando a gente se dá conta já estamos em outro lugar fazendo outras coisas, e estes momentos de conversar e relembrar a gente não tem todos os dias, por isso acaba ficando pra trás. Quando eu me formei e procurei emprego durante um ano e não consegui, tentei o mestrado e até hoje a minha ficha ainda não caiu que eu estou no mestrado. Eu lembro que todas as etapas da seleção do mestrado foram um sufoco, porque eu e meu esposo estávamos desempregados, morando na casa dos meus pais. O meu sonho sempre foi me formar e ajudar os meus pais, mas estava acontecendo o contrário: eu me casei, me formei, voltei para a casa dos meus pais e ainda com meu esposo para dar mais despesa. Essa era a minha consciência e todos os dias eu pensava nisso e me perguntava: o que que aconteceu comigo? Porque não era esse o destino que eu queria, de me formar e voltar para a casa dos meus pais e ficar dependendo deles. Eu quero contribuir de alguma forma e durante muito tempo eu passei por este processo de acreditar que eu era um fracasso, porque eu tinha me formado, mas não estava dando contribuição nem para a minha família, porque eu tinha casado, mas estava desempregada com o meu esposo na casa dos meus pais, meus pais estavam sustentando a gente e todas as nossas despesas, mesmo o meu esposo ajudando meu pai na roça eu ainda me sentia incomodada com a situação. Quando eu estava fazendo a seleção do mestrado, a minha mãe e minhas irmãs perguntaram como eu iria me virar no mestrado, porque no edital não falava de bolsa, e eu disse: 'nem que eu tenha que catar latinha nas festas seja lá onde for, mas eu vou dar um jeito e vou fazer o mestrado, se vier a bolsa é consequência'. Eu lembro que durante as etapas eu estava meio desacreditada porque tinha 46 inscritos e só eram 30 vagas. Apenas 13 pessoas passaram e, quando eu vi meu nome, eu não acreditei. Por isso até hoje a minha ficha não caiu, porque eu sou de outa aérea totalmente diferente. Não é desmerecendo a área de Secretariado, mas durante a graduação de Secretariado a gente não tem nenhuma leitura da área de Ciências da Religião. Eu cai lá de paraquedas e eu sei que eu estou no lugar certo porque o universo e os meu antepassados que me guiaram e estão guiando até hoje. No primeiro semestre do mestrado eu comecei a passar apertos por

falta de dinheiro, desta vez com uma amiga do Ceará, a gente ficava contando as moedinhas para ver o que dava para fazer, enquanto tinha professor que falava que a gente tinha que comprar e importar livro da França, a gente estava contando as moedinhas e escolhendo entre comer ou comprar os textos da disciplina. Muitas vezes a gente tinha que optar pelos textos porque tinha que debatê-los na aula, mas como a gente poderia comprar todos os textos e participar do debate se a gente não tinha dinheiro? Se for comparar, eu não sei onde eu sofri mais, se foi no mestrado ou na graduação, porque na verdade a universidade não é para pobre, a universidade é pra rico, e aí, quando a gente chega na universidade e não tem como acompanhar o padrão da universidade, aí só tem uma escolha: se apoiar em outra pessoa que está igual a você, como foi no meu caso, ou fica invisível para todos. Eu acho que quando você encontra uma pessoa igual a você, não é que você vai ser melhor, mas é que você se apoia naquela pessoa para enfrentar as dificuldades juntas. Tem algo que eu acho engraçado, porque eu criei um laço tão forte com Raquel, que duas amigas que estudaram comigo na graduação de Secretariado ficam falando: "Iranilza abandonou a gente, agora só quer saber de Raquel". E não é bem assim, é porque eu não passei tantas dificuldades com as meninas como eu passei com Raquel. A nossa turma saía da sala, chamava a gente para almoçar em algum restaurante, e perguntava onde a gente ia almoçar, a gente se olhava e dizia: 'não, a gente não vai almoçar não'. Muitas vezes a gente não tinha dinheiro nem para lanchar, imagine para almoçar. Eu percebo que a gente não pode esquecer estes momentos de dificuldades porque são esses momentos que fazem com que a gente faça essa reflexão do quanto é importante você ter alguém para lhe apoiar e justamente se colocar no lugar do outro. Algumas amigas minhas ficam falando que eu estou toda "besta" porque estou no mestrado e não tenho mais tempo pra sair com elas, mas não é isso, eu não tenho dinheiro para ficar saindo e nem tenho tempo, nem para a minha família. O mestrado está vindo pra reafirmar essa conquista tão sofrida que eu estou tendo. Em janeiro eu fui contemplada com a bolsa, eu vejo que a bolsa realmente ajuda muito, mas o antes pra mim foi muito mais importante porque foi lá no antes que eu consegui superar maiores dificuldades. Parece que quando você está no momento de sofrimento... parece que você se agarra mais às coisas, não sei... não sei como é... eu acho que é do ser humano, parece que você se agarra mais e diz: 'não, eu tenho que, mesmo que o sofrimento, eu tenho que sair daqui'. Eu fui contemplada com a bolsa antes de Raquel, mas a gente ficava na fila do RU porque ela não queria que eu pagasse seu almoço, a gente não tinha cadastro, mas

ficava na fila dos estudantes não cadastrados. O pessoal da nossa turma me chamando para almoçar no restaurante junto com eles, ficava falando: "Iranilza você está recebendo uma bolsa de 1.500". Mas eu tinha ela comigo, se eu estava com ela no tempo do sofrimento, que eu estava contando as moedas, então eu tinha que continuar com ela. Algumas vezes eu tinha que inventar mentiras pra poder pagar almoço para ela porque ela não queria, não aceitava. Eu acredito que o maior aprendizado é você poder se colocar no lugar do outro e poder ajudar o outro, por mais que a universidade proporcione isso em algum momento, na maioria das vezes ela é muito individual. Comigo a vida sempre foi muito boa, mesmo diante das dificuldades, eu sempre encontrei uma pessoa para poder dividir os meus sofrimentos e contar as moedas juntas. Meu esposo ainda sem emprego, às vezes vendia camarão e me ajudava, me dava R$50 e eu tinha que passar um mês com os R$50, por mais que faltasse dinheiro, eu não poderia chegar para os meus pais e dizer que estava sem dinheiro, pois não era mais obrigação deles arcar com as minhas despesas, eu não me sentia no direito de cobrar nada, porque eles já estavam sustentando a gente. Eu fui muitas vezes pra aula sem texto e alguns professores falavam que quem não estivesse com os textos era melhor nem entrar na sala para participar da aula: 'vocês estão no mestrado, têm que trazer os textos e participar dos debates'. Mas como eu ia participar do debate se o dinheiro eu tinha só dava para pagar as minhas passagens? Quando eu chegava lá, eu não tinha dinheiro pra nada, só para pagar as passagem de volta para casa. Por isso eu falo que a vida é boa comigo, porque se não tivesse uma Raquel no mestrado, com quem eu iria dividir esse perrengue, com quem eu iria contar as moedas? Tem gente que no primeiro semestre já estava com a dissertação quase pronta, pois só vivia pra estudar e eu não, eu tinha que ter dinheiro pra pagar passagem, tinha que ajudar minha mãe nas tarefas domésticas, tinha meu esposo para dar atenção, mas eu sempre deixei ele largado na casa dos meus pais. Hoje são outras dificuldades: não consigo cortar o cordão umbilical com a minha mãe, como algumas pessoas falam, que eu tenho que fazer para poder produzir a minha dissertação. Mas como eu vou fazer isso? Se no momento que eu precisei foram os meus pais que me acolheram e agora que eu estou com a bolsa e o meu esposo também, daqui a pouco, vai ter acesso a bolsa permanência, a gente vai sair da casa dos meus pais e vai virar as costas para eles? E dizer que não precisamos mais ficar lá porque agora a gente já pode se virar sozinhos? Os meus pais, os nossos pais, eles contribuem a vida toda com a gente, chega uma hora que você se sente na obrigação de retribuir, pelo menos eu, e aí quando você tem

condições você vira as costas? Eu estou me sentindo assim, por isso já chorei muito, quase todos os dias eu choro. Outro motivo do meu choro é o campo, que está mostrando coisas que eu não quero ver, nem sei como colocar na minha pesquisa. Eu sei que tenho que me isolar e me dedicar mais a minha pesquisa, mas em contrapartida eu não quero deixar minha mãe sozinha, porque eu tenho um compromisso com a minha família, a minha qualificação está chegando e eu não tenho quase nada feito. Um amigo meu sonhou que eu não ia conseguir me qualificar, eu falei para ele que foi um aviso. Deixar a família em segundo plano vai contra o que eu acredito, porque a família é mais importante, porque o que eu vejo na universidade são doutores de nariz empinado que passam por você... só faltam pisar em você. E na verdade a minha busca pelo conhecimento na universidade é justamente de poder valorizar o ser humano. Mas como valorizar o ser humano se você não dá prioridade a sua família? Como valorizar o ser humano se você tem que deixar a sua espiritualidade de lado pra poder escrever e fazer uma dissertação? É se qualificar, defender a dissertação, ter um título de mestra e deixar os valores familiares de lado? Eu acho que eu não consigo separar essas coisas todas, eu acho que eu tenho um problema... eu não sei, eu acho que eu não consigo separar.

3. IDENTIDADE: CONCEITO FUNDAMENTAL PARA COMPREENSÃO DA CULTURA

> Certas tribos acreditam que o homem tem várias almas. Esta crença traduz o sentimento de alguns povos primitivos de que cada ser humano é constituído de várias unidades interligadas apesar de distintas. Isso significa que a psique do indivíduo está longe de ser seguramente unificada. Ao contrário, ameaça, fragmentar-se muito facilmente sob o assalto de emoções incontidas.
>
> Carl G. Jung

Pensar nos nossos vários "eus" nos faz refletir acerca das várias possibilidades, construções e referências que se crias e aprimora ao longo da nossa vida, de forma que a nossa personalidade vai sendo moldada, formada, (re)criada, aprendida, filtrada, elaborada, resultando naquilo que se pode denominar de nossa identidade.

Neste capítulo, aborda-se o conceito de Identidade e suas relações com outros conceitos e categorias, tendo em vista os vários "eus" constituídos nos e pelos sujeitos participantes dessa pesquisa, partindo de uma premissa histórica sociológica, dos conceitos estabelecidos e defendidos por vários teóricos, inclusive, no que concerne à própria compreensão dos jovens Potiguara, considerando também sua importância para os Estudos Culturais.

3.1. A identidade nos estudos culturais

Como já mencionado, trata-se de um dos principais conceitos que constituem os Estudos Culturais, que entendem a identidade como constituída a partir das relações com o outro, destacando o contato com aquele que é diferente. Este conceito se torna fundamental para entender seu sentido simbólico, estabelecendo posições e critérios quanto à legitimidade de grupos, religiões, tradições, hábitos e costumes, justamente porque é nessa interação com o outro que a identidade se constitui como algo inacabado e inconcluso, em constante movimento e transformação. De acordo com Bauman (2005, p.17),

> Tornamo-nos conscientes de que o "pertencimento" e a "identidade" não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio individuo toma,

> os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade".

Com base nas três concepções de identidade, apresentadas por Hall (2006), que são: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno, pode-se compreender, a partir de uma linearidade histórica, como se deu essa constituição social da identidade, a partir da modernidade.

Com o movimento Iluminista, que considerava a religião como "idade das trevas", o sujeito passou a ter uma visão de mundo e uma liberdade de pensamento dissociada da Igreja ocorrendo, inclusive, mudanças estruturais, políticas, culturais, econômicas e científicas. As "velhas identidades" estruturadas no tradicionalismo e conservadorismo, entram em declínio dando lugar a novas identidades, constituídas de fragmentações, construindo o indivíduo moderno.

Diante da enorme complexidade do mundo moderno, que afasta a concepção individualista da identidade Iluminista, o sujeito moderno ou sociológico (HALL, 2006) se descentra de si mesmo, absorvendo as influências, conhecimentos e experiências provenientes das interações sociais e pessoais, cada uma com sua importância, significado e consciência daquilo que se vive com o outro.

> Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. [...]. (HALL, 2006, p.9).

A partir desse processo de mudanças, em que tudo se transforma de forma rápida, constante e contínua, surge o sujeito pós-moderno, caracterizado por não ter uma identidade fixa e permanente. Pode-se perceber essa diferenciação, segundo o pensamento de Castells (2013, p. 23),

> [...] Identidades por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação. Embora, conforme argumentarei adiante, as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam,

> construindo seu significado com base nessa internalização. Na verdade, algumas autodefinições podem também coincidir com papéis sociais [...]. Contudo, identidades são fontes importantes de significado do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. [...].

Perceber, então, que a modernidade fez surgir um sujeito único e singular, capaz de racionalizar e seguir as próprias escolhas e caminhos, opinando e refletindo, em um processo em que cada um se constrói individualmente, embora atrelado aos universos externos.

Buscando compreender o conceito de identidade com suas múltiplas influências, processos, aprendizados, escolhas, (re)construção e (re)afirmação permanente de si, para os sujeitos participantes desta pesquisa, identidade significa e representa não apenas para si, mas também no contexto da universidade, fluxo e abertura, construção, afirmação e reafirmação, conforme explicam:

> *Creio que o que eu sou hoje, o que eu me tornei e que eu ainda vou conquistar, foi a universidade que trouxe, as mudanças, eu consigo ver em mim, eu mudei muito, eu abri mais a mente pra muitas coisas. (Josilene)*
>
> *A gente a partir desse momento de ingresso na universidade, a gente reafirma a nossa etnia na universidade... que ela possibilitou pra nós a nossa reafirmação, ela trouxe caminho pra gente nos reafirmar enquanto etnia, com certeza. (Tiago)*
>
> *A universidade ela pôde possibilitar uma formação maior enquanto espaço social porque em outros lugares você chega, você se identifica, às vezes, por exemplo, você vai fazer uma ficha no hospital, você vai no posto, aí olha pra sua cara e coloca pardo, não coloca indígena, às vezes nem pergunta, e às vezes você não tem abertura de se identificar e na universidade não, na universidade você tem essa abertura de se identificar como indígena, independente ou não... que é muito forte você ter esse espaço... mesmo com todo o preconceito, mas você tem esse espaço, e eu sempre costumo dizer, que é enfrentar os preconceitos. (Iranilza)*

Através dessas falas, percebe-se que a identidade pode ser reafirmada, ressignificada e realocada, adentrando e transitando entre momentos, lugares e pessoas, se consolidando e enfrentando barreiras, como por exemplo, a busca por legitimação diante do preconceito, principalmente, no âmbito acadêmico quando unimos as falas

desses sujeitos aos conceitos desenvolvidos por Hall, Castells e Baumann, compreendendo esse conceito nos Estudos Culturais.

3.2. A identidade na cultura popular e no universo acadêmico

Como se sabe, o conhecimento e os saberes transmitidos no universo acadêmico encontram-se vinculados a uma corrente de ensino tradicional e moderna, um saber colonizante e eurocêntrico, que desconsidera a "cultura popular", valorizada nos Estudos Culturais como sendo legítima – cultura daqueles que são excluídos por não terem condições de se constituir a partir da cultura hegemônica vigente e predominante em cada sociedade. Conforme Silva (2013, p.134),

> O que distingue os Estudos Culturais de disciplinas acadêmicas tradicionais é seu envolvimento explicitamente político. As análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações. Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social.

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2013), ao tratar de identidade nos Estudos Culturais, dentro de uma corrente pós-moderna, deve-se observar que é considerável a análise da cultura como uma forma de vida, inclusive a partir das experiências vivenciadas de maneira individual e coletiva, com dinâmica própria se comparada a outras esferas sociais.

Sendo assim, perceber o perfil político dos Estudos Culturais, além de uma preocupação em atuar e se posicionar diante das mais diferentes esferas sociais, de modo consciente e autônomo, já que constrói ideias e estabelecem ideais, também busca legitimar grupos e esferas que não são atendidos nem reconhecidos por serem minorias, e tudo isso com o intuito de valorizar e constituir uma identidade que represente e fortaleça aos menos favorecidos e excluídos socialmente.

Diante disso, vale ressaltar a importância de explicar brevemente a diferença entre os conceitos de etnia e raça, mesmo não sendo nosso foco principal, mas com o intuito de compreender a identidade nesse contexto de cultura popular e universo acadêmico.

No caso desse trabalho, com relação aos jovens Potiguara, ao falar de etnia perceber que não se trata propriamente de uma escolha ou opção de qual etnia devo pertencer, mas algo que se adquire com o próprio nascimento através da cultura do grupo, pois envolve uma identidade cultural, coletiva, indígena. De acordo com Hall (2006, p.62), uma forma de unificar as identidades se dá através da etnia.

> Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de "um único povo". A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de "lugar" – que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma "fundacional". Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais.

Nos estudos sobre as questões de etnia e raça, frequentemente, se depara com abordagens restritas à descrição e ao processo histórico que relaciona tais realidades aos conhecimentos aplicados pela classe dominante para legitimação dos conteúdos e saberes "impostos" nos espaços educacionais.

> É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque – contrariamente à crença generalizada – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no interior do que chamamos de "raças" quanto entre uma "raça" e outra. [...] A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2006, p.62).

Nas últimas décadas, estes conceitos ganharam crescente interesse no âmbito da pesquisa, inclusive com surgimento de trabalhos e projetos no campo dos movimentos sociais, em decorrência de demandas não apenas simbólicas, mas também materiais. Segundo Ilze Sherer-Warren (2008, p 506),

> As demandas materiais têm como referência objetiva as exclusões e carências cotidianas dos sujeitos-base das lutas e são, portanto, histórica e espacialmente referenciadas. Nessa direção, podemos nomear alguns dos movimentos sociais populares mais expressivos na América Latina atual (sem-terra ou campesinos, sem-teto ou de moradores, indígenas, quilombolas, negros, mulheres, piqueteiros, desempregados, dentre outros). Essas demandas se tornam signos e representações simbólicas através da tradução de seus significados em políticas de cidadania.

Apresentar estes conceitos de etnia e raça possibilita um melhor entendimento da proposta aqui apresentada, destacando sua importância na ruptura de um ensino voltado apenas para os interesses da classe dominante, pois a universidade acaba se caracterizando por ser um espaço que promove o conhecimento científico e privilegiado, considerado como conhecimento de alto nível, que se mantém distante da cultura popular. Para Santos (2013, p. 379),

> A dicotomia alta cultura-cultura popular constitui o núcleo central do ideário modernista. A alta cultura é uma cultura-sujeito enquanto a cultura popular é uma cultura-objeto, objeto das ciências emergentes, da etnologia, do folclore, da antropologia cultural rapidamente convertidos em ciências universitárias. A centralidade da universidade advém-lhe de ser o centro da cultura-sujeito. A crise desta dicotomia no pós-guerra resulta da emergência da cultura de massas, uma nova forma cultural com uma distinta vocação para cultura-sujeito e assim disposta a questionar o monopólio até então detido pela alta cultura.

Partindo dessa necessidade de mudança quanto à cultura-sujeito que alcance não somente a alta-cultura, conforme afirma Santos (2013), no sentido de segregar as classes, sujeitos, grupos minoritários, ao classificá-los em determinadas categorias para não envolver a cultura popular, ressalta-se que essa segregação acaba sendo mais fortemente observada quando se trata de raças e etnias devido as suas raízes e seus papéis no contexto histórico, principalmente, quando se observa o campo educacional.

Considerando o fato de que, para alguns autores, a raça se caracteriza como algo atribuído apenas aos aspectos físicos, enquanto a etnia envolve os aspectos culturais, considera-se fundamental para a compreensão destes conceitos, o pensamento de Silva (2013, p.100), que afirma:

> A identidade étnica e racial é, desde o começo, uma questão de saber e poder. A própria história do termo mais fortemente carregado e polêmico, o de "raça", está estreitamente ligada às relações de poder que opõem o homem branco europeu às populações dos países por ele colonizados. Consolidado no século XIX, como uma forma de classificação supostamente científica da variedade dos grupos humanos, com base em características físicas e biológicas, o termo raça tornou-se, nesse sentido, crescentemente desacreditado [...]. Em geral reserva-se o termo "raça" para identificações baseadas em caracteres físicos como a cor da pele, por exemplo, e o termo "etnia" para identificações baseadas em características supostamente mais culturais, tais como religião, modos de vida, língua etc.

Atrelando esses conceitos com o desenvolvimento dos Estudos Culturais, observa-se uma preocupação em "ir além" dessa simples descrição, mas de agregar tais investigações com aprofundamento teórico e aplicabilidade prática, com o intuito de alcançar avanços para essas minorias que se enquadram na categoria "raça", destacando os indígenas, que estão à margem desde muito tempo, principalmente pela diversidade cultural existente na sociedade brasileira. Para Grando e Hasse (2001, p.102),

> A diversidade, longe de construir um entrave ao desenvolvimento e ao progresso de todas as culturas, de cada uma das culturas, de cada indivíduo, hoje é encarada como exigência profunda de consciência e de respeito pelo outro, seja qual for a sua cultura, idade, sexo, raça, riqueza ou religião. Contudo, a aprendizagem que permite a aceitação da diferença (o outro) supõe uma atenção e uma vontade, não apenas seu anúncio em textos ou decretos. Antes, a dedicação e a decisão por aprender com os diferentes precisam ser expressas em uma prática. E constituir uma maneira de agir, de pensar e de sentir, traduzida em atos, atitudes e comportamentos, que confirmem a verdadeira institucionalização desse respeito e dessa aceitação do que é e pode ser diferente.

No caso dos jovens Potiguara, de acordo com os aportes teóricos dos Estudos Culturais da Educação (ECE), compreender como as identidades de povos étnicos podem ser legitimadas torna-se fundamental e relevante para entender o processo de exclusão a partir do contexto histórico, além de justificar os objetivos deste trabalho.

Na cultura indígena, dificilmente se depara com o pronome pessoal "eu", principalmente, quando se trata de assuntos de interesse dos demais, pois a postura e o posicionamento de cada um se definem e se apresentam a partir do coletivo "nós". Essa afirmação vem dos próprios Potiguara, quando em seu convívio, pude observar não somente em suas posturas e decisões, mas também em suas falas, conversando e registrando em meu diário de itinerância e, posteriormente, ao analisar o material por eles aqui elaborado.

Por isso, ao ingressarem na universidade, por mais que se decida de maneira coletiva, trata-se de uma escolha do eu, o que pode-se observar como um momento de transição dessas duas identidades (eu e nós) que a partir do contexto acadêmico essa junção das identidades acaba se redefinindo, e que de certa forma gera um momento de tensão entre essa dualidade (individual e coletivo).

> *Eu tive uma formação familiar coletiva, assim os meus pais sempre passaram essa questão de cuidar do outro, pensar no outro, de que tudo que a gente consegue com esforço, por mais*

> *difícil, mas a gente dá valor, então, assim, é olhar pro outro, a nossa família. (Iranilza)*
>
> *Agora estou tentando um concurso, não sei se futuramente, se eu vou poder voltar e fazer algo pra contribuir pra minha aldeia, mas o desejo e a vontade de sempre estar lá, existe, eu quero estar lá, por mais que eu preciso sair agora, mas eu quero estar lá. (Josilene)*
>
> *Passei seis meses lá em Mataraca trabalhando e aí fui demitido [...] e eu sofria muito porque quando você é muito apegado a sua família, a gente é muito ligado ao nosso povo, às nossas raízes, porque quando você se afasta assim é que você vê, e é porque eu vinha pra casa e passava o final de semana, mas quando chegava sexta, quinta, eu já estava chorando pra querer ver minha família, pra querer voltar pra casa. (Tiago)*

Essa dualidade entre o eu e o nós é muito bem representada através do pensamento de Durkheim ao abordar o conceito de solidariedade mecânica, onde a consciência coletiva se sobressai ao individual, formando um sistema próprio através de pensamentos e posturas comuns. Porém, na atual configuração social, nos deparamos com esse momento de transição na mudança social desses grupos que ainda possuem essa maneira de pensar, incluindo o próprio indígena. De acordo com Sell (2012, p.88),

> Nas sociedades de solidariedade mecânica, o fundamento da vida coletiva reside no fato de que os indivíduos partilham de uma "consciência coletiva". Essa consciência coletiva pode ser definida como "um conjunto de crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade, que forma um sistema determinado que possui vida própria (DURKHEIM, 1995, p.50). Neste estágio da vida social, cujo exemplo seriam as sociedades tribais, existe total predomínio da do grupo sobre os indivíduos. A diversidade de funções é mínima e, por essa razão, os indivíduos são semelhantes, não desenvolvendo suas aptidões e talentos individuais. Essa semelhança é reforçada principalmente porque a coesão social depende do fato de que os membros da sociedade partilhem de regras morais que lhes imprimem o valor e o primado da coletividade, conformando e padronizando suas concepções e condutas.

Voltando ao caso dos indígenas, diante deste pensamento de mudança e de ruptura com a postura vigente por muitas décadas, por parte dos indivíduos que constituem tais comunidades, na forma como se posicionam frente a sua coletividade, valorizar a cultura Potiguara diante das demais, neste caso, diante da cultura acadêmica, constitui algo emancipador, diferente de tudo o que vem sendo dito e repassado até os

dias atuais quanto à cultura indígena, que ainda é vista como algo folclórico e menos importante, sendo que essa mudança não só é possível, como já vem ocorrendo, sobressaindo a postura individual em detrimento do coletivo, mesmo que mantendo a preocupação em conservar esse vínculo.

Desta forma, entendemos que a partir do momento em que se reconhecer o conhecimento da tradição étnica se estará dando um pontapé inicial para desenvolver um pensamento crítico quanto ao conhecimento hegemônico repassado nos espaços acadêmicos, que muitas vezes, nega e/ou ignora o diferente por se achar "superior", tendo em vista ainda o pensamento de alta-cultura.

Pensando e agindo na conciliação e abertura dos saberes populares com a cultura-sujeito (dominante) no âmbito acadêmico, que também engloba o coletivo e o singular, a etnia e a raça, que podem favorecer ao equilíbrio entre essas dualidades, facilitando no desenvolvimento de aspectos políticos, sociais e culturais que constituem a identidade.

Por isso, apresentados esses conceitos pode-se perceber de acordo com os Estudos Culturais, que esse equilíbrio das dualidades proporciona a legitimação da identidade a partir dos elementos que a constituem, tornando-se possível o reconhecimento do outro, o outro que se apresenta e se afirma pela diferença sustentada através da exclusão, tendo em vista que a identidade acaba sendo marcada pela diferença e esta afirmação é historicamente específica (WOODWARD, 2012).

Através das relações entre indivíduos na sociedade, identificam-se muitas diferenças e afinidades entre grupos e pessoas, e, a partir daí, se começa a estabelecer ligações que ao longo das experiências e vivências formam a nossa identidade. Da mesma forma, ao se deparar com o diferente, tende-se quase que automaticamente, assumir uma postura que em sua maioria, representa uma oposição àquilo que não é familiar.

Nessas oposições, identificamos o que não "gostamos" no outro, mantendo as pessoas sem afinidades fora do nosso círculo de convivência, inclusive com relação a fatores externos, quando se julga muitas vezes pela aparência física. Esse fato, inclusive, acontece com os indígenas, devido as suas pinturas e adereços, conforme também sendo informada por muitos deles.

Justamente por esses aspectos, às vezes percebe-se certa contradição na identidade, ao tentar manter um equilíbrio entre as diferenças e afinidades, mas algo

fundamental para que ocorram questionamentos sobre escolhas, "adequação" e adaptação às relações que surgem no cotidiano. A forma como um sujeito se identifica para si mesmo acaba refletindo na sua relação com os aspectos sociais e com os outros, por não estarem dissociados. Para Elias (1994, p. 67),

> Para onde quer que nos voltemos, deparamos com as mesmas antinomias: temos uma certa ideia tradicional do que somos como indivíduos. E temos uma noção mais ou menos distinta do que queremos dizer ao pronunciar o termo "sociedade". Mas essas duas ideias – a consciência que temos de nós como sociedade, de um lado, e como indivíduos, de outro – nunca chegam a coalescer inteiramente. Sem dúvida temos consciência, ao mesmo tempo, de que esse abismo entre os indivíduos e a sociedade não existe na realidade. Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo individuo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo [...].

A partir dessa relação entre indivíduo e sociedade, outro fator que denota as diferenças são as relações diretas com o poder, a divisão hierárquica do social, seja quanto a cor, religião, orientação sexual, alimentação, moradia e profissão, acarretando em lutas ideológicas de poder, inclusive, no universo acadêmico, onde muitas vezes os saberes populares são excluídos, por não serem considerados científicos, gerando padrões emocionais que variam desde a aproximação até a repulsa, entre os indivíduos e destes com o coletivo, impulsionando a segregação. Para Elias (1994, p. 75),

> Em suma, o que se entende por "indivíduo" e "sociedade" ainda depende, em grande parte, da forma assumida pelo que as pessoas desejam e temem. Trata-se de algo amplamente condicionado por ideais carregados de sentimentos positivos e antiideais carregados de sentimentos negativos. As pessoas vivenciam o "indivíduo" e a "sociedade" como coisas distintas e frequentemente opostas – não porque possam realmente ser observadas como entidades distintas e opostas, mas porque as pessoas associam essas palavras a sentimentos e valores emocionais diferentes e, muitas vezes, contrários. Esses padrões emocionais funcionam como moldes aos olhos da mente; determinam, em boa medida, quais os fatos percebidos como essenciais e quais os descartados como sem importância ao se refletir sobre as pessoas isoladas e sobre as sociedades que elas formam em conjunto. E quando, como é comum suceder hoje em dia, esse mecanismo seletivo funciona de maneira a que os aspectos individuais e sociais das pessoas sejam percebidos e valorizados como diferentes. É fácil atribuir-lhes um tipo de existência especial e diferenciada.

Dentro dessa perspectiva apresentada por Elias, sua importância para este trabalho se constitui no vínculo que se percebe entre indivíduo e sociedade, neste caso, entre o Potiguara com a sua comunidade, mas também na universidade, conciliando

seus saberes tradicionais da própria cultura ao mesmo tempo que busca agregar ao conhecimento científico e acadêmico.

Identifica-se também nessas relações para os indígenas, o fato de que todas essas diferenças, sejam individuais ou sociais, transitam no campo do saber, sendo necessário o reconhecimento de que as identidades constituem-se por uma íntima relação com o simbólico, e no caso deles, sendo repassadas ao longo das gerações, o que as torna também sociais.

Quanto ao âmbito acadêmico, percebe-se esse simbólico pelo estranhamento causado quando em sociabilidade com pessoas externas a comunidade indígena, que por não terem conhecimento de suas realidades, por conhecerem apenas o imaginário do que é transmitido como sendo a realidade indígena, distorcem e reagem de maneira equivocada na identificação e no reconhecimento das mudanças ocorridas nessa cultura. De acordo com os nossos sujeitos, ao adentrarem na universidade, afirmaram o seguinte:

> *A gente parecia pessoas estranhas, vocês são indígenas? Como vocês se vestem? E como são as coisas e as casas de vocês? É oca? – Não gente! É normal, é uma cidade normal. (Josilene)*
>
> *E não foi nada fácil, mas como povo indígena a gente teve algumas dificuldades também na universidade. A galerinha não conhecia a nossa cultura assim, conhecia de ouvir falar e quando eles encontravam com a gente, ficavam perguntando: Vocês vivem em grupo na aldeia? Vocês caçam de arco e flecha? E a gente dizia: Não minha gente, a gente é modernizado. E eles geralmente perguntavam: Vocês vivem em oca? Não, nós vivemos em casa, a gente mora nas aldeias, mas mora em casa. Então, é uma falta de conhecimento muitas vezes das pessoas que não conhecem atualmente onde a gente está, não tem como continuar vivendo neste mundo em ocas, sem educação, meu povo. Isso, consequentemente, gerou mudança na nossa vida. Seria impossível a gente viver da mesma forma, de viver isolado do mundo. Não. A gente está inserido. (Tiago)*
>
> *Muitas pessoas até hoje, mesmo quando você diz que é indígena, tem pessoas que olham assim meio torto e dizem: An? Tipo assim, ainda existe índio na Paraíba? Eu sei, querendo ou não, não é algo que você conquista de um dia pro outro, mas assim... são lutas que você traz, então são lutas mesmo. Quando o povo olha e me vê assim ou pensa que eu estou tatuada, que eu fiz uma tatuagem, já olha assim meio torto, entendeu? E se a gente diz que é indígena, aí que fica estranho mesmo. Aqui na universidade todo mundo já sabe, mas no Campus I, aí já é*

> *outro espaço, já é outra luta, aí assim... Você tem que estar toda hora se reafirmando e tal, e se reafirmar é você lutar por espaços, conquistar espaço e acima de tudo, mostrar que essa resistência que a gente tem que ter não é fácil. Mas você tem celular? Você está na universidade? Na ideia dessas pessoas é que a gente tem que estar isolado, no meio da mata, né? Assim, não tem contato nenhum, entendeu? E aí é essa falta de conhecimento das pessoas, de não conhecer a própria história, porque eu não saber porque eu tenho o cabelo cacheado, o olho puxado, porque hoje eu tenho celular, porque hoje eu estou na universidade, é justamente não conhecer o processo histórico do Brasil. (Iranilza)*

De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2000, p.8), "essas identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas". No campo simbólico, conforme o pensamento de Elias (1994), a relação indivíduo-sociedade pode conotar um aspecto negativo.

> Assim, a palavra "indivíduo", por exemplo, pode despertar sentimentos negativos em pessoas para quem a doutrina do "individualismo" é desagradável. Elas podem associá-la à imagem de indivíduos implacáveis e brutais, propensos a oprimir os outros e enriquecer à custa deles. Ou então, o termo pode despertar-lhes um sentimento negativo, por elas considerarem a subordinação do indivíduo ao Estado, ou a alguma outra unidade social – a dedicação à nação, a solidariedade para com a própria classe, a submissão aos mandamentos da Igreja ou o sacrifício próprio em favor de um grupo racial – como a realização de sua vida individual, ou simplesmente o mais elevado ideal humano. Tais sentimentos podem então condensar-se na ideia mitológica de que unidades sociais como as nações, as raças ou as classes têm, de fato, uma existência anterior e independente de todos os indivíduos, sendo, por assim dizer, *sociedades sem indivíduos*. (ELIAS, 1994, p. 74).

No caso dos jovens indígenas, entender e identificar essa postura coletiva que une a cultura Potiguara, no seu todo enquanto grupo, como sendo algo superior à própria identidade individual, "existindo" independente de cada indivíduo isoladamente, pode ser resultante desse pensamento de que a coletividade se sobrepõe ao indivíduo, principalmente quando se trata de manifestações simbólicas representadas através da arte, na religião, nas músicas, na dança, dentre tantas outras manifestações.

Tais manifestações geram significados em suas representações, tornando-as indispensáveis na constituição da identidade de cada um, reforçando, assim, as experiências individuais, reconhecidas pelas experiências do coletivo. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2000, p.18), "a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade".

Nessas representações com várias identidades possíveis, percebe-se um cuidado com a cultura local como forma de preservação da própria tradição, pois com o advento da globalização que proporciona uma integração considerável dos hábitos e costumes, que se estende também para a educação, muitas vezes se caracterizando como um processo homogeneizado e uniforme, que pode ser vivenciado em qualquer parte do mundo.

Diante dessas mudanças sociais, o indivíduo acaba precisando de um posicionamento em relação à própria identidade, frente ao contexto social em que se encontra. Por isso, muitas vezes papéis são assumidos condizentes com a realidade em que se insere, o que acaba afetando as relações familiares, de trabalho e, sobretudo, no universo acadêmico, podendo causar um estado de pressão e cobrança acerca das próprias escolhas.

No caso dos Potiguara, a pressão e tensão existentes nas relações ocorrem de forma mais contundente, pois historicamente, sofrem as desigualdades e lutam por espaços para legitimação da sua cultura, devido às demandas especificas e políticas que possam ser aplicadas na prática.

3.3. O multiculturalismo e a interculturalidade dos jovens indígenas

Assim como o conceito de identidade, o conceito de multiculturalismo e de interculturalidade possuem também um caráter reivindicatório com relação aos grupos tidos como minorias, neste caso, os étnicos que lutam por reconhecimento de sua cultura. Segundo Silva (2013, p. 85), o conceito de multiculturalismo contém uma ambiguidade:

> [...] O multiculturalismo, tal como a cultura contemporânea, é fundamentalmente ambíguo. Por um lado, o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional. O multiculturalismo pode ser visto, entretanto, também como uma solução para os "problemas" que a presença de grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países, para a cultura nacional dominante. De uma forma ou de outra, o multiculturalismo não pode ser separado das relações de poder que, antes de mais nada, obrigaram essas diferenças culturais raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço.

Na interculturalidade, se tem a ideia de interação e envolvimento entre culturas, em que sujeitos e grupos convivem harmoniosamente entre si, apesar das diferenças e do choque de realidade, que advém do contato com o outro que não representa um indivíduo ou grupo, ou seja, uma convivência de aceitação e acolhimento do outro sem restrições ou reservas. De acordo com Vieira (2001, p.118),

> O conceito de formação intercultural ainda está em construção. Um contato superficial com o tema pode sugerir que a intercultura busca harmonizar a convivência entre diferentes culturas, excluindo ou minimizando conflitos, na medida em que uma cultura tolere a outra. Mas não se pretende desenvolver tolerância. Tolerar significa suportar, aguentar, e essa não é uma relação de igualdade, mas de superioridade de uma cultura sobre a outra. O que se pretende é desenvolver relacionamentos cooperativos entre as diferentes culturas, em que sejam mantidas – e respeitadas – as identidades culturais. A intercultura não busca a hegemonia, mas o reconhecimento da diversidade. Os conflitos permanecem, inclusive em nome da democracia, mas devem existir em uma condição de igualdade, onde as diferenças, reconhecendo e respeitando a diversidade e a singularidade sem nenhum juízo de valor antecipado" (PROJETO AXÉ, 1998, p.22 *apud* VIEIRA, 2001, p. 118).

Partindo desses conceitos, percebe-se uma diferença entre eles, mas que acaba sendo fundamental para embasar o objetivo da pesquisa, tendo em vista que o interculturalismo busca a integração, uma relação mútua de troca de conhecimento e saberes, de maneira dialógica, principalmente no contexto educacional, enquanto o multiculturalismo legitima esse conhecimento diverso entre as mais distintas culturas. Segundo Vieira (2001, p.120), "a educação intercultural exige uma revisão crítica dos métodos e conteúdos do aprendizado para que sejam contemplados aspectos da vida multicultural".

No que diz respeito ao multiculturalismo e ao interculturalismo, torna-se bastante difícil encontrar uma maneira de reconstrução de todo esse processo que vai desde a reivindicação dos grupos dominados até a solução para os problemas apontados nas lutas destes grupos. Porém, a partir do momento que conseguirmos reconhecer o outro como sendo diferente, mas nem por isso excluí-lo e julgá-lo inferior, entendendo que esse diferente pode, inclusive, nos ajudar a compreender a nossa própria identidade, cresceremos e aceitaremos o outro como parte fundamental de nós mesmos. Segundo Hasse e Grando (2001, p.102),

> Quanto mais diversificada for uma sociedade, mais complexas são as relações que se estabelecem entre os diferentes modos de identificação e singularidade dos indivíduos que a compõem. Na sociedade brasileira, o ser diferente faz parte da sua própria formação cultural, que é pluralista. A

> diversidade cultural interna dessa sociedade envolve diversos modos de viver em diferentes espaços que vão sendo construídos culturalmente, por grupos de pessoas que neles vivem e dão-lhe significado, identificando-se e envolvendo-se afetivamente, como parte essencial de existir.

A partir desses conceitos, nota-se o fortalecimento da relação entre o "eu" e o "outro", nos diversos modos de viver e em diferentes espaços, mas ao se observar no âmbito acadêmico isto ocorre de maneira paulatina, talvez porque não seja o foco principal, diferente de como ocorre nas lutas sociais e nos movimentos de grupos que se articulam em prol do próprio reconhecimento, a partir da consciência dos seus sujeitos, através das histórias, das experiências e, sobretudo, da descoberta de si no outro, embora saibamos que é no espaço educacional que essa interação se faz presente de modo latente.

De acordo com Candau (2008), o multiculturalismo se caracteriza por duas abordagens fundamentais que são: a descritiva, considerando o multiculturalismo como sendo uma característica das sociedades atuais, onde se tem uma compreensão do todo a partir de um contexto especifico; e a propositiva, em que não percebemos o multiculturalismo apenas como um dado, uma referência da realidade, mas pelo contrário, através de uma forma de atuar e modificar as relações que, de alguma forma, interferem na dinâmica social de cada contexto.

Nesta concepção, ao tratar a realidade dos jovens indígenas, no momento em que se garante o respeito e a emancipação de sua identidade no universo acadêmico, consequentemente, haverá a necessidade de avanço não somente na abordagem descritiva, como é mais comum acontecer, mas também na abordagem propositiva, para que ocorra a mudança necessária com relação a esses grupos minoritários, construindo espaços específicos para que eles possam agregar conhecimentos acadêmicos a sua cultura, o que não é tão simples, pela própria estrutura histórico-social, conforme afirma Bourdieu (2011, p.483):

> É claro que não há como garantir o acesso aos filhos das famílias mais pobres econômica e culturalmente aos vários graus do sistema escolar, e especialmente aos mais elevados, sem modificar profundamente o valor econômico e simbólico dos diplomas (e sem que aqueles que já os detêm corram o risco de uma desvalorização); mas da mesma forma é claro que são justamente os responsáveis diretos da desvalorização que resulta da multiplicação dos títulos e seus detentores, isto é, os recém-formados, que acabam sendo as primeiras vítimas [...].

Para que este acesso não ocorra de forma simplória e sem ressignificação deste tipo de inclusão acadêmica, Candau (2008) apresenta uma perspectiva propositiva, uma concepção denominada de multiculturalismo diferenciado, através do qual é possível perceber uma forma de atuação prática com relação à exclusão da cultura indígena e de grupos étnicos como um todo.

> Esta abordagem parte da afirmação de que quando se enfatiza a assimilação termina-se por negar a diferença ou silenciá-la. Propõe então colocar a ênfase no reconhecimento das diferenças. Para garantir a expressão das diferentes identidades culturais presentes num determinado contexto afirma ser necessário garantir espaços próprios específicos em que estas se possam expressar com liberdade, coletivamente. Somente assim, os diferentes grupos socioculturais poderão manter suas matrizes culturais de base. (CANDAU, 2008, p. 21).

Nesta perspectiva, garantido o direito de expressão e de valorização da própria cultura, os jovens indígenas que atualmente são vistos como "diferentes", como aqueles que não fazem parte do conhecimento e cultura hegemônica, acabam por se constituírem enquanto sujeitos que resguardam e contribuem com a própria cultura, sobretudo no campus IV, já que suas aldeias compartilham de um espaço comum, não apenas no município em que se situam, mas também, na universidade.

Para o Tiago, deixar sua marca cultural e de seu povo na universidade é algo fundamental para ele. No caso da Iranilza, ela não somente pretende deixar a sua marca, mas a própria universidade também já deixou a sua, não apenas pelo conhecimento acadêmico, mas por ter ampliado seu círculo de contatos, fazendo com que ela se voltasse para a própria comunidade, conhecendo novas pessoas e aldeias.

> *A universidade em si, ela tem caminhos que você pode trilhar, que você pode sair da sala de aula, você pode mostrar o seu diferencial, você pode buscar ir além. Creio que o aluno não deve ficar apenas nas ações de sala de aula. Eu lembro que escutei uma frase, que a gente não deve apenas passar pela Universidade, a gente deve deixar a nossa história, mostrar as nossas raízes, mostrar quem somos. (Tiago) [Ele fala de deixar a marca cultural dele, de seu povo na universidade?]*
>
> *Você tem que saber como usar esse conhecimento porque quando você entra na universidade você não pode pensar que você está se formando só pra atender os seus objetivos. Entrar na universidade é algo maior, universidade é esse universo de você perceber o outro, também de você ter acesso ao outro, se colocar no lugar do outro e eu acho que o mais importante é*

> *isso. E, na verdade, a universidade proporciona um conhecimento maior até mesmo com relação aos parentes porque tem um monte que eu não conhecia, e aí você passa pela sua aldeia e ao mesmo tempo você acaba não tendo muito contato com outras aldeias e a universidade me proporcionou isso. E então muitas pessoas que eu conheci aqui eu não conhecia antes de entrar na universidade. Isso é bom. (Iranilza)*

Este processo de pertencimento a tais comunidades, local e acadêmica, cria um espaço para que ocorra um processo de interculturalidade, através da prática do diálogo entre os vários grupos presentes nesse universo, sobretudo, o acadêmico. Segundo Jovchelovitch (2011, p. 212),

> [...] a relação que o Eu desenvolve com Outros está na base da identidade do Eu, dos saberes e da vida social. Sem outros não há vida humana propriamente dita e é na nossa relação com outros entes significativos que encontramos, tanto os recursos ontológicos como os sociais, para sermos o que somos. O saber é ele próprio, um construto que exige o Outro e a vasta maioria dos sistemas psicológicos que teorizam o desenvolvimento da pessoa e a emergência de estruturas cognitivas na criança fundamentou-se nas relações entre o Eu e o Outro. Grupos, instituições e comunidades se definem pelo engajamento e pela vida com outros.

Partindo dessa afirmação, conclui-se que este contato e comunicação com o outro permite uma interação de troca que possibilita o autoconhecimento e a aprendizagem da complexidade existente no próprio universo das relações e da própria cultura como um todo. O interessante é perceber uma "contrapartida" que, no nosso caso, ocorreu pelo fato da universidade ensinar e apresentar a cultura Potiguara à própria indígena e não o contrário.

> *Quanto à questão da Universidade trazer, vamos dizer assim, esse significado da cultura indígena pra mim, com é que eu posso explicar? Eu acredito que pela forma que eu fui criada, e essa mudança de estar sempre saindo de um lugar pro outro, eu não vivi a minha cultura. É tanto que eu falo, eu sei muito pouco da minha cultura. Quem trouxe pra mim o que é ser um indígena, como é ser um indígena, minha própria cultura, foi a própria Universidade, através dos próprios comentários. (Josilene)*

Para trabalhar com a interculturalidade é necessário lidar diretamente com as questões de identidade, pois aceitar o diferente em sua plenitude requer um firmamento daquilo que se é, da própria representação e construção de si mesmo, da própria individualidade e como esta se apresenta para os outros em nossas representações enquanto grupo.

Partindo dessa aceitação e reconhecimento do que se é, fortalece a ligação existente entre o eu e o outro, ganhando "forma" para que se configure como algo concreto diante de toda a complexidade e subjetividade pela qual se constuituem as relações entre pares e diferentes, num processo que muitas vezes se caracteriza mais como exclusão (por não aceitar o diferente), do que mesmo como uma postura de acolhimento e respeito.

A falta de aceitação de si acarreta na dificuldade da aceitação do outro e, consequentemente, para a estruturação de relações interculturais, principalmente, no âmbito acadêmico, tendo em vista os valores, as posturas e os comportamentos competitivos que a formação profissional apresenta naturalmente, e que muitas vezes criam situações em que os processos de exclusão acontecem de maneira velada.

4. A UNIVERSIDADE COMO ESPAÇO PLURAL PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL, PESSOAL E CULTURAL

> [...] formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho das destrezas, e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres [...]
>
> Paulo Freire

A universidade assume um papel significativo de formação, com alguns aspectos que, embora se assemelhem a outros organismos sociais, acaba sendo caracterizada pelo seu formato erudito, com inúmeras áreas do conhecimento e, justamente por isso, almejada por muitos que se encontram à margem deste universo tão fascinante.

Para se compreender melhor esse vislumbramento, apresenta-se neste capítulo, como ocorre a diversidade existente nas universidades, através de uma trajetória histórica destas instituições no Brasil, a partir do século XIX, conhecendo um pouco dos desafios e perspectivas que se desenvolvem neste espaço inter/multicultural.

Dando sequência ao estudo, saberemos como a UFPB assume e desempenha o seu papel, principalmente na formação e integralização de saberes, sobretudo ao envolver em suas práticas não apenas conhecimentos acadêmicos e curriculares específicos, mas agregando conhecimentos provenientes de estudantes de comunidades étnicas, currículo cultural como o povo Potiguara.

4.1 – A universidade no Brasil a partir do século XX: desafios e perspectivas

Historicamente, ressalta-se que no Brasil algumas reformas foram realizadas, influenciadas pelo desenvolvimento das mudanças pedagógicas ocorridas em várias universidades europeias, marcadas pelo movimento iluminista, com ideias voltadas ao positivismo e ao liberalismo. Tais reformas precisavam conciliar, no cenário social, político e cultural, o caráter liberal com a tradição existente, desde o ensino de 1º grau ao ensino de 3º grau, como se chamava.

Após a Proclamação da Independência, em 1822, a Assembleia Nacional Constituinte, visava estabelecer uma organização para estruturar o ensino público no Brasil, abrangendo todos os seus estágios de formação, desde a educação primária à

educação científica, identificada como terceiro grau. Neste último, por acreditarem na importância e urgência em providenciar tal ensino para a elite do país. De acordo com Saviani (2007, p.119),

> As discussões que se travaram em torno desse projeto, embora tenham derivado para aspectos secundários ligados à validade ou não do prêmio, à sua natureza e valor, revelaram, pelo próprio enunciado da questão posta em debate, a importância do tema que requeria solução urgente e prioritária: a organização de um sistema de escolas públicas, segundo um plano comum, a ser implantado em todo o território do novo Estado. Essa aspiração esteve presente reiteradamente nos discursos das autoridades, de modo geral, assim como dos parlamentares, refletindo-se na Comissão de Instrução Pública que, entretanto, não conseguia objetivar num projeto a necessidade proclamada de um plano geral para a organização da instrução pública.

Desta forma, vale lembrar que mesmo tendo como objetivo e preocupação a organização do ensino público, era necessária a manutenção do ensino acadêmico apenas para aqueles pertencentes à elite da época, inclusive, sendo fato resguardado em projetos e instruções públicas, como foi o caso da Memória de Martim Francisco.

> A Memória de Martim Francisco, como ficou conhecida, foi estruturada em 12 capítulos. Consistia num plano amplo e detalhado que previa a organização do conjunto de instrução pública dividida em três graus: o primeiro grau cuidaria da instrução tendo como objeto as verdades e os conhecimentos úteis e necessários a todos os homens, e teria a duração de três anos, abrangendo a faixa etária dos 9 aos 12 anos de idade. O segundo grau, com a duração de seis anos, visaria sobre os estudos básicos referentes às diversas profissões. E o terceiro grau se destinaria a prover educação científica para a elite dirigente do país. (SAVIANI, 2007, p. 120).

Dito isso, se reforça, através da tentativa de legitimação utilizada desde o século XIX, quando existiam apenas planos e projetos para implantação do ensino científico no país, a necessidade de tal ensino ser possível apenas para os privilegiados e pertencentes às classes dirigentes do país, para resguardar o acesso social apenas aos que detinham o poder, já formando uma atmosfera de exclusão, numa instituição que nem sequer havia sido implantada.

Mesmo que o projeto de Martim Francisco não tenha dado continuidade, sendo o primeiro de tantos outros que nem sequer passaram por uma discussão no período imperial, este em especial, teve sua importância pelo papel embasador que exerceu para constituição e operacionalização daquele que pôde se consolidar posteriormente, mas que também, assim como os demais, manteve a proposta de que o conhecimento acadêmico se destinava a uma elite intelectual, baseada na detenção do poder aquisitivo.

Somente no final do século XIX, ocorreu a reforma na educação primária, secundária e superior, conhecida como a reforma de Leôncio de Carvalho, através do Decreto n.7.247, de 19 de abril de 1879, sendo a última reforma legitimada no período imperial, no que diz respeito à educação, ressaltando como principal objetivo a liberdade para o ensino primário e secundário na Corte e superior em todo o Império (SAVIANI, 2007).

De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2013), a universidade se constituiu em um lugar único e privilegiado a partir do século XX, seguindo um modelo alemão segundo o qual tal instituição se caracteriza por seu alto nível cultural e de conhecimento, sendo autônoma com relação a outras instituições sociais, principalmente quanto ao status que ela proporciona àqueles que a compõem, tanto no papel de discente, quanto na docência.

Com isso, o ensino superior contou com a sua regulamentação, a criação do curso de Medicina como campo autônomo, além de outros cursos livres, como faculdades de Direito.

> Inovando em relação à Reforma Couto Ferraz, a nova reforma prevê a criação de jardins-de-infância para as crianças de 3 a 7 anos (artigo 5º); caixa escolar (artigo 6º); bibliotecas e museus escolares (artigo 7º); subvenção ao ensino particular, equiparação de Escolas Normais particulares às oficiais e de escolas secundárias privadas ao Colégio Pedro II, criação de escolas profissionais, de bibliotecas populares e de bibliotecas e museus pedagógicos onde houver escola Normal (artigo 8º); **regulamentação do ensino superior abrangendo a associação de particulares para a fundação de cursos livres (artigo 21); permissão a particulares para abrir cursos livres em salas dos edifícios das Escolas ou Faculdades do Estado (artigo 22); faculdades de direito (artigo 23); e faculdades de medicina (artigo 24).** (SAVIANI, 2007, p. 135, grifo nosso).

Na primeira metade do século XX, a partir da década de 1920, identificamos uma transformação no campo educacional, influenciada pelo movimento da Escola Nova, que disseminou algumas ideias diferentes do contexto tradicional vigente neste período, caracterizado pelas posturas conservadoras da Igreja.

Esse movimento tinha influência positivista, estruturado por um pensamento laico, em contraposição a uma pedagogia tradicional, e que embora encontrando resistência por parte dos conservadores, levaram adiante seus projetos e mudanças para benefício e avanço na educação do país.

Desta forma, ocorreu a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, comandada por Francisco Campos, que estabeleceu sete decretos direcionados às

mudanças, conhecidos como Reforma Francisco Campos, destacando as voltadas à universidade (SAVIANI, 2007, p.195),

a) Decreto n. 19.850, de 11 de abril de 1931: cria o Conselho Nacional de Educação;
b) **Decreto n. 19.851, de 11 de abril de 1931: dispõe sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário;**
c) **Decreto n. 19.852, de 11 de abril de 1931: dispõe sobre a organização da universidade no Rio de Janeiro;**

Desta forma, perceber a universidade além da configuração estabelecida por aqueles que a colocam de maneira simplista quanto ao seu papel social, educacional e cultural, pensamento não condizente com o pensamento de um dos maiores defensores da educação neste país, o ministro Gustavo Capanema, que em entrevista concedida à Agência Meridional Ltda, em 1934, afirmou o seguinte,

> Uma universidade não é o que os espíritos simplistas imaginam: uma reunião material de diversas faculdades, ou, mesmo a articulação de diferentes faculdades esparsas, sob esta pomposa denominação, a fim de que continuem, isoladamente, a fornecer diplomas para as profissões normais. Sem um plano de conjunto que vise à investigação, a pesquisa, o estudo, o conhecimento, a cultura, num ambiente propício e materialmente aparelhado para elevar os conhecimentos acima do nível comum e da simples missão de diplomar doutores, não se terá nunca uma universidade. Essa nasce – falo de modo genérico – para criar uma cultura real e direta, haurida no próprio meio, desenvolvida com os elementos que se fornece à livre expressão. Será o centro de preparo técnico, de aparelhamento de elite que vai dirigir a nação, resolver-lhes os problemas, reservar-lhe [?] a saúde, facilitar-lhe o desdobramento e a circulação de riquezas, fortalecer a mentalidade do povo, engrandecer sua civilização. (SHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 2000, p. 221)

Sendo assim, esse pensamento desmistifica a ideia de que a universidade detém apenas um papel de ensinar profissionais, através de transmissão de conteúdos, onde as relações sociais e culturais nem sequer assumem um papel secundário, mas simplesmente nem existem enquanto caráter formador e de educação, que envolvem uma dialogicidade entre os conteúdos e conhecimentos da realidade do educando e educanda, atrelados as experiência na relação docente/discente.

Portanto, falar da universidade significa englobar inúmeros aspectos em decorrência das várias esferas que a compõem, nos campos institucional, político, de

financiamentos, de planos de estudo, a imagem que esta possui socialmente, as seleções estabelecidas para se ingressar como discente, docente e servidor, o vínculo com a comunidade, principalmente, seu caráter formador.

No aspecto de formação, uma das suas características é sua abordagem complexa em não apenas se preocupar com o conteúdo previamente estabelecido para cada área de atuação e cursos específicos, mas adentrar no caráter humanístico, moral e ético, e assim, a universidade cumpre seu papel em trabalhar a educação de forma completa.

Partindo dessa educação completa e abrangente, se garante o compromisso em proporcionar espaços e atividades que perpassam o espaço da sala de aula, assegurando aos discentes experiências e saberes que envolvam não apenas as teorias estudadas.

Exemplo disso ocorre quando a teoria aprendida se transforma em projetos que possam beneficiar a própria realidade daquele que faz parte do âmbito acadêmico, neste caso, a comunidade Potiguara, pois sem a interação com outros espaços, o conhecimento "parado" sempre deixará a formação inconclusa, incompleta, sendo necessária a busca e envolvimento em outras atividades propostas e oferecidas pela universidade.

> *Infelizmente, eu me tornei aquela aluna que ela literalmente quase "passou" pela universidade, porque eu não consegui me envolver tanto, com nada. Comecei a trabalhar na Prefeitura e, eu acho, eu sinto que eu me acomodei, né, comecei a trabalhar e não consegui me envolver com monitoria, não consegui me envolver com extensão, eu fiquei muito para sala de aula, então hoje por mais que eu busque, eu procure algo assim que eu possa dar de retorno, pra a minha aldeia, eu não encontro. (Josilene)*
>
> *Hoje eu estou ensinando a língua inglesa e já vai fazer dois anos, então hoje eu contribuo com meu povo a partir dos conhecimentos adquiridos pela universidade a partir do que a universidade me propôs. Se eu tivesse ficado dentro da sala de aula isolado, não teria como eu estar aonde eu estou, porque teve a extensão, teve a monitoria, teve isso, teve aquilo, e aí eu fui e lutei, busquei, então hoje eu me tornei professor de língua inglesa da escola que estudei. (Tiago)*
>
> *A sala de aula ela era muito limitadora, entendeu? Então, assim, eram só os textos, você lia e tal... era muito teoria que não me satisfazia na minha realização pessoal, eu não achava*

> *que estava tendo essa satisfação pessoal, estava tendo muito uma formação mercadológica, que na verdade não era o que eu queria. [...] Quando a gente entrava na universidade, o PET era suporte de conhecer, de se aprofundar, quem foi do PET sabe como é, que é esta preocupação de estar chegando agora, de estar atento. O PET era muito mais que um projeto de extensão, era um conjunto, projeto mesmo de vida, de você realmente se preocupar com outro, e aí dava suporte que a sala de aula não dava, jamais vai dar, acho. (Iranilza)*

Diante desta percepção dos próprios sujeitos em considerar as ações acadêmicas extraclasse, como fundamentais para complementar uma formação integral, em suas falas ressalta-se também, o reconhecimento que possuem em não ver o espaço acadêmico apenas por uma busca de um diploma que os capacite ao exercício de uma profissão, mas que esse ensino também envolva seu lado pessoal, propiciando um crescimento nas relações deste individuo com ele próprio, com outros indivíduos, e com a sociedade.

> *A minha formação pessoal teve um diferencial enorme, pois eu busquei além da sala de aula, participei de projetos que fizeram toda diferença na minha vida, o que contribuiu com a minha formação humanística. (Iranilza)*

> *A formação me mostrou em vários aspectos que sou capaz de conquistar o que desejo por meio da aquisição de conhecimentos e meu próprio esforço pessoal. Ainda assim acredito que poderia ter me envolvido mais em projetos para assim aproveitar mais o que a graduação oferecia. (Josilene)*

> *A minha formação contribui muito para o meu crescimento pessoal. Posso dizer que todo o esforço foi válido. (Tiago)*

Sendo assim, perceber a importância desta instituição como fundamental para o engrandecimento cultural de uma nação em seu aspecto científico, tecnológico, estrutural e cultural, trata-se de algo fundamental, embora ressaltemos algumas restrições e limitações quanto à oportunidade de acesso por indivíduos de classes menos favorecidas, além do conhecimento hegemônico que muitas vezes se sobressai nesta instituição.

Quanto a este conhecimento hegemônico, caracterizado pelos conteúdos impostos, posturas autoritárias exercidas por determinados docentes, exclusão e desvalorização dos conhecimentos de senso comum e da realidade de vários discentes, acarretando em uma educação e rotina acadêmica de forma vertical, remetendo ao pensamento de Pierre Bourdieu, quando este fala acerca do poder simbólico, que envolve as instâncias de poder disseminadas por toda parte, mas de forma invisível, e em sua maioria, imperceptível. Para Bourdieu (1989, p.15),

> O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objectivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia.

No caso deste poder, o resultado é que acaba afetando e excluindo quem não detém o capital simbólico, gerando certa "violência" exercida de forma "maquiada", acarretando em desigualdade e desvalorização de culturas vistas como minorias no meio acadêmico, restringindo-o somente à transmissão de um saber estruturado e engessado, estabelecido previamente pelas classes dominantes.

Um exemplo claro da "cristalização do saber" proveniente desta instituição ocorre nas escolhas de conteúdos e de cursos ofertados, como mencionado, mas também se estendendo ao acesso à própria instituição, quando identificamos que as universidades públicas acabam se destinando às elites, pela facilidade de ingresso favorecido pelo nível de formação que tiveram em sua trajetória escolar, enquanto os filhos de classes populares procuram as instituições privadas.

> *Na verdade, a universidade não é para pobre, a universidade é pra rico, e aí, quando você chega na universidade que você não tem como acompanhar e aquele padrão da universidade, aí só tem escolha ou você tenta de todas as formas, e sei lá, se apoiar em outra pessoa que está igual a você, que foi o meu caso. (Iranilza)*

Perguntados acerca das principais dificuldades que tiveram no decorrer do ingresso na universidade, a partir do questionamento: “Quais as principais dificuldades encontradas na Universidade?”, as/o estudantes afirmaram o seguinte:

> *Muitas dificuldades, falta de recursos financeiros para alimentação, transportes, xerox entre outras coisas. (Iranilza)*
>
> *A princípio enfrentei muitas dificuldades, tanto ao que se refere ao transporte, como socialização com os outros alunos. Surgiam muitos questionamentos em relação ao nosso povo quanto a vestimentas, cultura etc. E eram questionamentos que muitas vezes demonstravam falta de conhecimento quanto a nossa história e realidade. (Josilene)*
>
> *Condições financeiras para se manter na graduação. Quando ingressei, o Campus IV ainda estava em fase de construção, lembro que na inauguração da biblioteca eu estava no segundo período do curso, posteriormente teve a inauguração do laboratório de Secretariado – LABSEC. Então, foi meio que um crescimento mútuo, no momento em que a universidade, se tratando do curso de Secretariado, se organizava. Eu estava estudando, então houve dificuldades com relação ao material específico da área de Secretariado, o que fazia com que os professores trouxessem apostilas para xerocarmos, e isso muitas vezes era complicado por falta de recursos. (Tiago)*

Muitas das dificuldades apontadas acabam sendo reflexos de tantas exigências e responsabilidades assumidas pela universidade, não somente com relação a sua imagem, mas salientando seu compromisso ético na condução da formação técnica e moral de seus estudantes e servidores, que, de certa forma, acaba se estendendo à sociedade, pois acaba sendo percebida como uma instituição que representa posturas e saberes científicos. Segundo Santos (2013, p.379),

> A exigência posta no trabalho universitário, a excelência dos seus produtos culturais e científicos, a criatividade da atividade intelectual, a liberdade de discussão, o espírito crítico, a autonomia e o universalismo dos objetivos fizeram da universidade uma instituição única, relativamente isolada das restantes instituições sociais, dotada de grande prestígio social e considerada imprescindível para a formação das elites.

Apesar deste papel único e fundamental que apenas esta instituição proporciona em sua esfera social, em vários momentos precisou passar por transformações em sua estrutura, para atender algumas “cobranças” por parte do Estado

e da sociedade, como por exemplo, em sua atuação moral e educacional, a utilização e gestão de seus recursos financeiros, tecnológicos e de conhecimentos, a busca por financiamentos externos que possam suprir a realização de projetos, dentre outros aspectos que se propagam até os dias atuais.

> [...] Em 1946, repetindo o que afirmava já em 1923, Karl Jaspers, bem dentro da tradição do idealismo alemão, definia assim a missão eterna da universidade: é o lugar onde por concessão do Estado e da sociedade uma determinada época pode cultivar a mais lúcida consciência de si própria. Os seus membros congregam-se nela com o único objetivo de procurar, incondicionalmente, a verdade e apenas por amor à verdade (JASPERS, 1965, p.119, *apud* SANTOS, 2013, p. 372).

Nesse sentido, para o autor, o âmbito acadêmico atravessou algumas pressões que desencadearam estados de tensões entre contradições existentes devido as várias características e interesses que estruturam a universidade, gerando certas disparidades, acarretando em problemas e dificuldades, que perduram até os dias atuais, como pode ser identificado quanto ao padrão cultural, a hierarquização dos saberes e a questão da autonomia enquanto instituição. De acordo com Santos (2013, p. 375),

> Essa gestão de tensões tem sido particularmente problemática em três domínios: a contradição entre a produção de alta cultura e de conhecimentos exemplares necessários à formação das elites de que a universidade se tem vindo a ocupar desde a idade média, e a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos úteis para as tarefas de transformação social e nomeadamente para a formação da força de trabalho qualificada exigida pelo desenvolvimento industrial (Moscati, 1983, p.22); a contradição entre a hierarquização dos saberes especializados através das restrições do acesso e da credencialização das competências e as exigências sociopolíticas da democratização e da igualdade de oportunidades; e, finalmente, a contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos valores e dos objetivos institucionais e a submissão crescente a critérios de eficácia e de produtividade de origem e natureza empresarial.

Seguindo a lógica de Santos (2013, p. 379), partindo dessas contradições e de determinadas cobranças geradas por elas, que ele denomina de pressupostos, algumas dicotomias foram geradas na universidade, e se entravam até hoje, conforme já mencionado, caracterizadas pela alta cultura – cultura popular; educação – trabalho; teoria – prática.

4.2 – A inclusão social através da educação superior no espaço inter/multicultural

A partir das dicotomias identificadas por Santos (2013), percebe-se um aspecto latente contido nelas: a inclusão social no espaço inter/multicultural, ou seja, a diversidade cultural que se insere na universidade. Os estudantes Potiguara desta pesquisa, por exemplo, em busca de legitimação de si, enquanto sujeito e grupo, em defesa daquilo em que acreditam como direito e necessidade de "luta" e reivindicações, buscam justamente articular o processo de educação e aspectos da própria cultura. De acordo com Brandão (2002, p.76),

> À direita ou à esquerda, praticamente todos os projetos que misturam educação-e-cultura com povo-e-comunidade partem do pressuposto de que mesmo respeitando os seus valores é necessário transformá-los e, portanto, é preciso "modificar", "atualizar", "mudar", "modernizar" ou tornar "orgânicas" sua ideologia e identidade, seus *habitus* de classe, de algum modo, seus modos de viver e seus esquemas de trabalho produtivo e/ou político. Por isso, toda a educação que se dirige *a ele* não consegue ser mais do que um artifício mediador de mudanças *sobre ele*. Um artifício que, buscando mudar a lógica e os conteúdos de pensar, modifique uma cultura, para que dentro e fora dela tudo se transforme também, ou justamente fique como está.

Nessa combinação entre a educação e a cultura, transformando-a "dentro e fora dela", fica mais fácil pensar em inclusão, por se ter criado a percepção e possibilidade em aceitar algo que de certa forma não se configura como habitual, neste caso, a cultura do outro.

Compreender a distinção entre o que se aceita e se tolera, considerando o aceitar como algo que se recebe, acolhe, sem condições, restrições e imposições, sendo algo brando e apaziguador, onde ao contrário, o tolerar significa suportar, aturar, abrandar algo como sendo limitado e restrito, sempre com ressalvas, é fator preponderante para termos uma consciência de acolhimento e respeito quanto ao que é diferente.

Essas diferenças quando postas em prática, possibilita a identificação de como é complicado sair da "zona de conforto" dos próprios hábitos e costumes, e se possibilitar em ir além, ou seja, adentrar no universo do outro e com tal profundidade a ponto de permitir que este outro compartilhe abertamente seus valores e sua contribuição, agregando conhecimento e crescimento ao nosso ser.

O diferente sempre causará estranhamento, mas não necessariamente a exclusão, pois pode, inclusive, promover exatamente a aproximação de identidades opostas, pela necessidade de aprimoramento ou avanço daquilo que já está posto, validado e vigente, como podemos verificar o caso de culturas híbridas, sobretudo, quando consideradas no campo acadêmico. Para Canclini (2003, p. 19),

> Assim como não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo não estão onde estamos habituados a encontrá-los. É necessário demolir essa divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua hibridação pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que os estudam separadamente: a história da arte e a literatura que se ocupam do "culto"; o folclore e a antropologia, consagrados ao popular; os trabalhos sobre comunicação, especializados na cultura massiva. Precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. Ou melhor: que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente.

Trazendo um pouco da minha trajetória, para esse contexto do processo de hibridismo, perceber o choque causado quando do encontro entre as diferenças culturais, no momento em que foi preciso mudar de um estado a outro, mesmo fazendo parte da mesma região em que nasci e me criei, passei por incertezas e desconfortos (no sentido mais amplo do termo), que diante do meu papel de turista em outros momentos, eram vistos superficialmente e até mesmo, nem percebidos.

Ao iniciar ou passar por processos de mudanças, independente da fase ou do contexto, o que Josso (2004) denomina de "momento charneira", exige do sujeito mais disciplina, entrega, necessidade de aprender e se envolver no novo contexto, tendo que respeitar as diferenças e a quebra de verdades que nos acostumamos a defender como corretas.

Quando não vivemos a realidade do outro, fica muito mais fácil criticar o diferente, fazer com que ele pareça errado, tendo em vista o conforto que temos em convivermos com nossos semelhantes.

Num outro local, estamos desprotegidos a mercê e a jugo dos que não são nossos pares e é exatamente neste ponto que precisamos manter o equilíbrio, compreender e defender nossa identidade como legítima, mas valorizando a identidade do outro, que para nós é diferente, mas que por estarmos em seu território, precisamos respeitar e com isso, mergulhar em sua realidade não como defesa, mas com a sabedoria de aprender novas culturas.

Trazendo toda essa discussão de aceitar/tolerar, se adequar/adaptar/reconhecer para o universo acadêmico, quando esses grupos vistos como sendo "diferentes" ingressam na universidade, perceber a necessidade de mudança de comportamento, principalmente quando se trata em acolher grupos minoritários, como os indígenas, em que estes buscam maior autonomia para resguardar os seus direitos em defesa de si e de seus povos, facilita no processo de integração e interculturalidade, reforçando a escolha por parte deles em ter buscado escolher um curso superior. Ao responderem a pergunta: "Por que você escolheu uma formação de nível superior?", as respostas foram:

> *Para ter acesso ao conhecimento que pudesse contribuir com o meu povo. (Iranilza)*
>
> *Sempre fez parte dos meus planos continuar estudando, mesmo após a conclusão do 2º grau. Felizmente tive a oportunidade de participar do cursinho pré-vestibular oferecido pela Universidade Federal da Paraíba. Foi por meio do contato com os universitários que nos davam aula e outros envolvidos que pude entender que o curso superior poderia me proporcionar uma formação profissional. (Josilene)*
>
> *Para conseguir uma boa profissão. (Tiago)*

Devido aos interesses desses jovens se entrelaçarem entre os aspectos individuais, como a busca de uma profissão, e coletivas, que esta profissão possa atender e ajudar a própria comunidade, a escolha dos cursos por parte desses estudantes se dá, principalmente, pela necessidade de formação em atender e suprir lacunas deixadas pela assistência proveniente do poder público. Por isso, cursos na área de saúde, direito, licenciaturas e sociologia, prevalecem no topo da escolha desses povos, como forma de se transformarem em "intelectuais orgânicos", embora não tenha sido o caso dos nossos sujeitos, como será mostrado adiante.

4.3 - A UFPB como "formadora" na integralização de saberes

Neste trabalho, a formação superior é entendida como um processo que envolve totalidade e profundidade, vislumbrando a educação em seu sentido de troca, uma educação dialógica, que forma na ação, ressaltando o ato de reflexão e do fazer consciente e transformador, oposta a uma visão de educação bancária. Conforme Freire (2006, p. 78),

> Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vaguidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante. Desta forma, *consciência de e ação sobre* a realidade são inseparáveis constituintes do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação. A prática consciente dos seres humanos, envolvendo reflexão, intencionalidade, temporalidade e transcendência, é diferente dos meros contatos dos animais com o mundo.

Em seu papel institucional, a Universidade Federal da Paraíba – UFPB possui um compromisso social com relação ao ensino, à pesquisa e à extensão, além de um papel cultural, que engloba a diversidade e a cidadania, destacando e agregando valores não somente para aqueles que a frequentam diretamente, mas também para a sociedade. Para Zabalza (2004, p.25),

> De um bem cultural, a universidade passou a ser um bem econômico. De lugar reservado a uns poucos privilegiados, tornou-se um lugar destinado ao maior número possível de cidadãos. De um bem direcionado ao aprimoramento de indivíduos, tornou-se um bem cujo beneficiário é o conjunto da sociedade (sociedade do conhecimento, sociedade da competitividade). De instituição com uma "missão" que ultrapassa os compromissos terrenos imediatos, tornou-se uma instituição para a qual se encomenda um "serviço" que deve resultar na melhor preparação e competitividade da força do trabalho da sociedade à qual pertence. De instituição conduzida por acadêmicos que definiam sua orientação e administravam seu desenvolvimento, tornou-se mais um espaço em que se destacam as prioridades e as decisões políticas.

Nessa visão de amplitude, expansão e abrangência que a universidade tem se transformado, possibilitando oportunidades para que docentes, discentes e comunidades possam atuar ativamente, independente do próprio nível de ensino e de onde fizeram parte anteriormente, através da possibilidade no ingresso, de posicionamentos políticos, ideias e preparação para o mundo do trabalho e de outras

esferas sociais, com relação a essa adaptação ao universo acadêmico tão peculiar, os estudantes Potiguara ressaltam o descompasso entre educação básica e superior:

> *No começo, foi mais difícil, pois eu vim de um ensino defasado, só consegui seguir o ritmo a partir do 3° período. (Iranilza)*
>
> *A princípio foi complicado, por ser um universo que eu não tinha contato, mas com o passar do tempo consegui me adaptar. (Tiago)*
>
> *A maior dificuldade de adaptação foi em relação ao ensino ofertado pela universidade, pois está longe da nossa realidade de ensino (educação) que tivemos em nosso município. (Josilene)*

Interessante perceber essa preocupação em contemplar os aspectos culturais da região, sobretudo dos indígenas, ao localizarmos dentro do espaço físico do Campus IV, a construção de uma oca, com o intuito de desenvolver atividades diretamente interligadas com os assuntos relativos à cultura indígena, contribuindo assim, para que se sintam pertencentes ao espaço estrutural da universidade.

Imagem 8: Oca no Campus IV, em Rio Tinto

Imagem 9: Campus IV, em Rio Tinto

Imagem 10: Os blocos de salas de aula

No caso da UFPB, especificamente no Campus IV, para atender esse público que agora pertence ativamente ao universo acadêmico, a universidade precisou investir em programas de assistência e bolsas de ajuda, para que tais estudantes se mantenham em suas atividades, o que ajuda nas despesas necessárias ara continuar uma formação superior, como alimentação, transporte, compra de textos e livros.

As políticas direcionadas ao público indígena se constituem em projetos de assistência direta para esses gastos citados, mas também com a preocupação em aprimorar a formação e inclusão dos jovens da comunidade, conforme observa-se no quadro abaixo, elaborado a partir das informações contidas no relatório de gestão do campus IV (2016), em sua comemoração aos dez anos de instalação.

Quadro 1: Ações de Assistência aos Indígenas do Campus IV

Ação	Descrição	Eixo
PET Indígena	Projeto que impacta diretamente no fortalecimento da organização dos estudantes indígenas, bem como na permanência desses estudantes na universidade.	Dimensão Social
Associações Indígenas	Expansão do cursinho para as aldeias indígenas.	Políticas Acadêmicas – extensão
Associações Indígenas	Parceria para difusão da cultura indígena.	Políticas Acadêmicas – extensão e pesquisa
Associações Indígenas	Projetos de extensão.	Políticas Acadêmicas – extensão
Bolsa Permanência	Assistência	Políticas Assistenciais
Auxílio Alimentação	Assistência	Políticas Assistenciais

Fonte: Elaborado Pela Autora

Diante deste quadro, percebemos o comprometimento e a disposição, por parte dos que direcionam e participam das atividades de pesquisa, ensino e extensão, em atender às necessidades e vincular tais atividades às políticas que garantem e legitimam o que de fato a universidade se propõe a realizar. Porém, embora com todas essas ações, segundo os participantes desta pesquisa, outras propostas e assistências poderiam ser implantadas pela UFPB para atender aos discentes indígenas, como por exemplo:

> *A assistência oferecida aos graduandos é realizada de forma geral, ou seja, não é específica para o povo indígena e isso não avalio como uma falha, mas acredito que deveria ser estudado mais a nossa realidade para que a universidade pudesse oferecer assistência a fim de garantir a nossa permanência no curso, como por exemplo, moradia, alimentação e acesso a materiais necessários para a graduação (livros e xerox) pois muitas vezes não tínhamos condições de adquirir. (Josilene)*

> *A assistência proporcionada pela UFPB era ofertada para todos, não havia programa de assistência específico para indígena. (Tiago)*
>
> *1º deveriam ter conhecimento de nossa existência; 2º deveriam dar assistência, técnica e humana. Falta assistência estudantil, moradia e alimentação. (Iranilza)*

Apesar desse esforço e comprometimento, levando em consideração a idade do Campus, vale salientar também, a necessidade de mudança em alguns pontos para que haja o aumento na inclusão de mais indígenas e o alcance de projetos que prestigiem a comunidade. Ao avaliar a UPFB, os sujeitos participantes acreditam que,

> *O Campus IV está em fase de implementação. (Tiago)*
>
> *Ainda precisa acordar para a realidade local, pois o Campus está situado ao lado do território Potiguara, pois a própria UFPB não conhece os Potiguara e muitos até ignoram a existência de nosso povo. (Iranilza)*
>
> *A UFPB trouxe muitas oportunidades para toda a população do Vale do Mamanguape, e nós indígenas fomos contemplados com o ensino superior que até então não fazia parte da nossa realidade. Mas ainda há muitos aspectos que precisam mudar para que se assegure a permanência do alunado, como por exemplo, assistência aos alunos. (Josilene)*

4.4 – A formação cultural mediada pelas aprendizagens em Secretariado Executivo: quais horizontes?

Pensar a formação cultural dos sujeitos é um processo cuja ocorrência se dá em diferentes espaços e sob a égide de várias áreas do conhecimento. Assim, a formação cultural não está restrita a manifestações em um único ramo específico do saber, mas pode se apresentar quando provocada em novos contextos. Dentre este amplo universo de possibilidades está a área de Secretariado Executivo, área de formação acadêmica dos sujeitos entrevistados nesta tese.

Por se tratar de formação universitária recente cujos estudos acadêmicos ainda são embrionários, há grande silêncio sobre as especificidades das contribuições

culturais em cursos de Secretariado Executivo. Nesta perspectiva, vale-se da expressão utilizada por Nonato Júnior (2009) sobre o "silêncio epistemológico" que há nos estudos da área secretarial, sendo necessário "fazer falar o silêncio" que há sobre as contribuições da formação cultural em Secretariado Executivo.

No caso desta pesquisa, as contribuições foram no sentido de fazer falar um pouco sobre o silêncio acerca da multiculturalidade na formação de Secretariado Executivo, buscando tratar conceitos e experiências que possam apontar para contribuições da formação acadêmica em Secretariado à constituição cultural de sujeitos e grupos indígenas.

Para compreendermos o surgimento e crescimento do profissional em Secretariado, assim como de qualquer outra profissão, faz-se necessário conhecer e situar-se no contexto histórico, buscando informações sobre a constituição social vigente, resgatando, assim, aspectos fundamentais como a política, a economia e a cultura, além das suas relações.

Para muitos autores da área, acredita-se que a profissão remonta aos tempos da idade antiga, tendo em vista as atividades exercidas na época, se caracterizando até os dias atuais. Essas atividades envolvem: a escrita, revisão e a guarda de documentos; a prática da contabilidade e dos cálculos de toda natureza; o conhecimento das decisões importantes e sigilosas; a confiança e o acesso direto e irrestrito daqueles que se vinculavam como assessores de reis, governos e o clero. Em muitos casos, devido à capacidade de ação, proatividade e dinamismo, muitos destes profissionais acabavam se tornando pessoas ilustres e respeitáveis.

> A história da profissão Secretário não tem seu início definido, entretanto, vários intelectuais apontam os escribas como seus possíveis precursores, pois são estes os personagens mais antigos com o perfil mais próximo das funções de assessoria. Desde o surgimento dos escribas até o século atual, o profissional de secretariado modificou-se, acompanhando as transformações sociais. (SILVA, J.S., BARROS, C.M.P, SOUSA, E.F., 2010, p. 46).

Na Idade Média, a profissão manteve sua importância nas Cortes e na Igreja, ressaltando a necessidade de suas funções como fundamentais para que houvesse o suporte necessário na tomada de decisões, condução das informações e direcionamento de atribuições necessárias para o andamento das instâncias das quais faziam parte. Exemplo disso, temos como representantes desta profissão teóricos renomados por suas ideias, consagrados nas ciências humanas até os dias atuais, como é o caso de Nicolau

Maquiavel, que ocupou o cargo de segunda chancelaria (WEFFORT, 2011), compreendendo atividades de gestão, atendimento ao público, comunicação, gestão e produção de documentos.

Na Idade Moderna, ainda segundo Weffort (2011), no século XVIII, Jean-Jacques Rousseau exerceu a função de secretário em dois momentos de sua carreira profissional: em 1742, da família Dupin em Paris, e em 1744, do embaixador de Veneza, onde a profissão ainda era predominantemente masculina.

No século XIX, precisamente no pós-guerra, devido à redução no número de homens para as funções exercidas na profissão, houve a necessidade de inserção da mulher no mercado de trabalho, sendo este um dos fatores que levaram a profissão a inverter o papel de gênero, se cristalizando até os dias atuais, como forte escolha do público feminino. De acordo com Nonato Júnior (2009, p. 90),

> Importante fato histórico que marcou a atuação da mulher nas atividades de assessoria foi a organização de um concurso de datilografia em 1950, homenageando o centenário de nascimento da primeira datilógrafa: *Lilian Scholes*, que em 1873 fez a primeira demonstração de uso deste instrumento profissional. Ela era filha do inventor da máquina de escrever moderna, *Charles Scholles*, criador do modelo de máquina *typewriter*. Como este concurso teve ampla presença feminina, o dia 30 de setembro foi escolhido por muitos países e organizações como Dia do Profissional de Secretariado. No Brasil, esta data foi oficializada em 20/09/1977 por meio da Lei Nº 1421/77. Entretanto, o Dia Internacional do Secretariado foi aprovado em junho de 1997 na Cidade no Cabo, África do Sul, por ocasião do III Summit, sendo comemorado a cada ano na última quarta-feira do mês de abril.

No Brasil, a profissão ganhou fôlego com o período de desenvolvimento da indústria e do comércio, após a segunda guerra mundial. Concomitante a esse episódio de inserção da mulher na profissão, ocorreu uma maior organização da categoria, sobretudo, com o início das articulações e mobilizações para a criação de sindicatos e cursos de formação.

> O desenvolvimento da História do Secretariado no Brasil é muito importante para que seja possível compreender as muitas demandas políticas e acadêmicas que fizeram com que as Ciências da Assessoria surgissem no contexto nacional. Neste sentido, é importante salientar que a afirmação profissional do Secretariado no Brasil foi um dos principais motores para abertura dos conhecimentos e conceitos na assessoria. Assim, cada profissional que liderou ou participou das amplas conquistas políticas do Secretariado no cenário nacional contribuiu indiretamente para a fundação das Ciências da Assessoria, pois possibilitou que se criasse um contexto favorável à inserção do Secretariado nas universidades, bem como sua

> afirmação no mundo acadêmico como área de conhecimento. (NONATO JÚNIOR, 2009, p.98)

Mesmo com essa evolução no que diz respeito à formação acadêmica e o reconhecimento como área de conhecimento, ao falar do profissional em secretariado no contexto atual, percebe-se determinados aspectos que depreciam a profissão e que acaba dificultando a legitimação não apenas de uma categoria, mas de uma profissão que caminha de maneira ascendente no curso histórico. Esses aspectos depreciativos são caracterizados por ações que remetem a criação de estereótipos e preconceitos.

Dentre tais fatores, podemos destacar como principais e mais arraigados no (in)consciente coletivo e dos próprios profissionais, os seguintes:

- ✓ a imagem midiática em novelas e anúncios comerciais em torno de um estereótipo criado que em nada favorece aos profissionais, acarretando preconceitos vulgares;
- ✓ a falta de reconhecimento dos profissionais do sexo masculino, predominando a ideia de uma categoria feminina;
- ✓ a negligência por parte dos políticos para a criação de um conselho da categoria, que tanto se arrasta ao longo dos anos sem êxito;
- ✓ a escassez de profissionalização no início das organizações sindicais;
- ✓ a falta de controle para que haja uma formalização dos secretários e secretárias, que possuem seus cargos sendo assumidos por pessoas não qualificadas na área, dentre outros;
- ✓ a necessidade de impulsionar o perfil acadêmico, não apenas no âmbito da pesquisa, com relação ao posicionamento sobre como aprofundar o objeto de estudo, saindo do aspecto técnico e tecnológico, mas também quanto ao posicionamento que os órgãos de pesquisa apresentam e representam a classe acadêmica;
- ✓ a falta de cursos e programas de pós-graduação *stricto sensu*, nas universidades brasileiras, de formação específica em mestrados e/ou doutorados.

Por outro lado, muitas são as lutas, destacando inúmeras vitórias e conquistas, porém, no que tange ao universo acadêmico, este profissional ainda encontra

restrições, principalmente, no campo da pesquisa e de publicações, o que acaba por dificultar o acesso às informações que possibilitem a ampliação do conhecimento e do trabalho deste profissional que atua nas mais distintas áreas, mas que acaba se limitando ao conhecimento produzido por outras categorias, deixando assim de escrever sua própria história, o que impede a construção de uma identidade profissional própria.

Apesar de todo esse contexto e adversidades, atualmente a categoria se define pela busca por uma identidade e legitimidade do seu objeto de estudo de maneira aprofundada e consistente, que favoreça e acrescente não apenas no campo pessoal por aqueles que a escolhem, mas também enquanto profissão valorizada e reconhecida.

Diante destes fatores, por mais que o mercado proporcione uma demanda desses profissionais, e das ofertas provenientes das instituições, a escolha por um curso com tantos obstáculos ainda é algo que precisa evoluir e alcançar níveis de consolidação mais concretos. Segundo nossos sujeitos, quando questionados acerca de algum critério para escolha do curso, as respostas foram:

> *Porque queria atuar na área de gestão pública e porque tinha o ensino das línguas. (Iranilza)*
>
> *Sim. Por haver na grade curricular do curso disciplinas da Língua Inglesa e ser um curso multidisciplinar. (Tiago)*
>
> *A escolha do curso se deu por meio de incentivo dos próprios alunos do curso de Secretariado que eram nossos professores no cursinho pré-vestibular. A partir de então realizei uma leitura da grade curricular do curso e de imediato me interessei pelas disciplinas de língua estrangeira oferecidas pelo curso. (Josilene)*

Percebemos a partir dessas falas, que não diretamente a escolha do curso se deu por uma questão de identificação, escolha pessoal e/ou coletiva, ou seja, está mais atrelada ao fato de se vincular ao estudo das línguas (que pode ser trabalhado na comunidade, como no ensino ou até mesmo na articulação com pessoas e instituições que possam vir a agregar conhecimentos e possíveis recursos à comunidade), do que propriamente com a atuação deste profissional na esfera local, diferente do que ocorre em outros locais, quando se buscam cursos já mencionados anteriormente.

Ao participarem da atividade no Círculo Dialógico, para poder expressar livremente acerca do sentimento que possuem e de como se reconhecem nesta profissão,

tendo como ponto de partida aquilo que compreendem quanto às próprias identidades, nas mais diversas vertentes, pensar como "ser indígena no curso de Secretariado Executivo é...":

> *Ser duas vezes mais fortes e persistentes para superar o preconceito de ser indígena e de estar num curso que também sofre discriminação na sociedade. (Iranilza)*
>
> *Mesmo com as discriminações, mostrar que no final das contas somos tão bom quanto, e por vezes até melhores que aqueles que não te valorizam. (Tiago)*
>
> *Superar minhas próprias expectativas me tornando uma excelente profissional. (Josilene)*

Com isso, poder identificar os principais obstáculos que tiveram que enfrentar com a escolha e o ingresso neste curso de graduação, pensar e questionar como as dificuldades já apresentadas, podem ocorrer de maneira mais acentuada com os acadêmicos Potiguara, em detrimento de cursos que possam estar diretamente ligados à assistência para comunidade, favorecendo assim, não somente uma realização coletiva, mas principalmente, pessoal.

A formação dos estudantes indígenas em curso de Secretariado Executivo abre interessante discussão sobre quais são os horizontes em que estes profissionais podem atuar, uma vez que os indígenas demonstram se apropriar destes saberes a partir de outros paradigmas, ligados a sua cultura, a sua leitura integrada de mundo e sua forma interdisciplinar de compreender a realidade.

Desta forma, entender o conceito de "Assessoria Aberta", conforme cunhado por Nonato Júnior (2009) é aquele que mais se assemelha às leituras da formação secretarial feita pela realidade dos indígenas, uma vez que estes percebem a profissão secretarial como estratégia para atuarem na articulação de suas comunidades, utilizando uma perspectiva ampla do conceito de assessoria que não está ligada ao mundo empresarial, mas à capacidade de dar suporte a diferentes realidades culturais, sociais, políticas, ambientais e econômicas das sociedades indígenas que integram.

Assim, compreender que a formação universitária em Secretariado Executivo que *à priori* poderia não parecer muito próxima à realidade dos indígenas se revelou como muito potente para despertar neles a compreensão de serem assessores

que podem articular os saberes de sua comunidade com as demandas do mundo do trabalho e da formação acadêmica.

Ao considerar que a formação secretarial pressupõe capacidades de gestão e liderança, articulados entre diferentes esferas de poder e escalas; sua contribuição aos indígenas se expressou na formação destes para uma assessoria a seus grupos de atuação de forma a integrar saberes acadêmicos à formação de conteúdos e práticas organizacionais.

Outra característica importante desta formação trata do perfil diferenciado do Curso de Secretariado Executivo da UFPB que possui um viés fortemente extensionista, ligado às práticas de campo e ao estudo cultural. Este perfil possibilitou que a formação secretarial não fosse meramente organizacional, mas fortemente integrada a questões da Sociologia, da Antropologia e das assessorias aos movimentos sociais, aos projetos educacionais e diversas iniciativas abertas da sociedade local.

Apesar deste perfil integrado a uma perspectiva aberta das assessorias, a formação secretarial ainda revela, nas palavras dos entrevistados, limites a sua empregabilidade no contexto local, tanto por falta de conhecimento da diversidade de atuação por parte dos empregadores, como também pela diferenciação entre esta e a dinâmica de trabalho das comunidades indígenas. Nesta perspectiva, é a assessoria aberta, com viés ao suporte de práticas sociais dos grupos de base local que poderá ser elemento mediador diante de um díade entre a formação obtiva e a realidade do mundo do trabalho na escala local.

5. A IDENTIDADE INDÍGENA: A COMUNIDADE LOCAL DOS JOVENS POTIGUARA

> Assim é que continuamos sendo índios nos corpos que temos e na cultura que nos ilumina e conduz. Mas é claro que os índios que resistiram ao avassalamento são muito mais índios. Por isso é que passei tanto tempo com eles.
>
> Darcy Ribeiro

Falar do indígena hoje no Brasil é algo que requer não apenas conhecimento teórico, mas a necessidade de buscar e pesquisar acerca de um povo que luta há séculos para permanecerem (em determinados locais) na sua forma legítima de viver, preservando a sua cultura e a sua "indigenidade". Neste capítulo, será apresentado um pouco da cultura do povo da etnia Potiguara, localizada no vale do Mamanguape, litoral norte da Paraíba.

Através de seus costumes, tradições e saberes, adentrou-se no universo pouco conhecido, não apenas pela questão de se ignorar muitas vezes aqueles que estão ao redor, o que Bauman (2001), denomina de "modernidade líquida", mas até mesmo pela própria forma de viver desta comunidade, que apesar de se encontrar próxima, está ao mesmo tempo tão distante, devido à falta de conhecimento que possuímos com relação a sua cultura.

Para tanto, o movimento dos jovens acadêmicos em se organizarem e, assim, fundarem uma associação que legitime e resguarde os seus direitos, não somente enquanto estudantes, mas também e principalmente como Potiguara, através das aprendizagens experienciais, conceito de Marie-Christine Josso, que também será apresentado neste tópico, por contribuir para compreendermos a verdadeira identidade dos jovens participantes desta pesquisa.

5.1 – Costumes, tradições e saberes Potiguara: uma percepção partindo do conceito de cultura

Antropologicamente, conhecer os costumes e tradições de um povo significa adentrar em seus modos de vida, em seu cotidiano, suas práticas, meios de

sobrevivência, estilos de vida, além das várias formas e mecanismos de disseminação destes hábitos e costumes a gerações futuras, com o intuito de preservar e manter viva a cultura que legitima e organiza determinada comunidade.

Procurar preservar suas raízes pode ser encarado como fundamental para que o ser humano enquanto ser social, ao construir a própria história, possa realizar suas escolhas individuais dentro de um contexto específico. Para Marx, essa afirmação ainda vai um pouco além, tendo em vista que este não é totalmente livre, já que não pode optar pelas circunstâncias que impõem suas tomadas de decisão, portanto, não podendo se considerar como um ser livre. De acordo com seu pensamento,

> Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhe foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos. [...] (MARX, 2011, p. 25).

No caso da nossa pesquisa, percebemos que a partir da instalação do Campus IV pela UFPB, a cultura Potiguara não apenas pôde ser preservada, mas também disseminada e apresentada, tanto para a comunidade local, como também na reafirmação da identidade do próprio povo. Surpreendente também perceber que esse fato se estende para pessoas da própria comunidade que, apesar de viverem no local, podem desconhecer a própria cultura, como podemos observar no caso da Josilene, quando afirmou:

> *Quanto à questão da universidade trazer, vamos dizer assim, esse significado da Cultura Indígena pra mim, como é que eu posso explicar? Eu acredito que pela forma que eu fui criada, e essa mudança de estar sempre saindo de um lugar pro outro, eu não vivi a minha cultura. É tanto que eu falo: eu sei muito pouco da minha cultura. Quem trouxe pra mim o que é ser indígena, como é ser um indígena, minha própria cultura, foi a própria universidade, através dos próprios comentários. (Josilene)*

Constatar essa possibilidade de que o indivíduo pode "desconhecer" no sentindo de "reconhecer" a própria "cultura", tendo em vista compreender, no senso comum, que a cultura representa algo quase que inerente ao indivíduo quando relacionado ao seu *habitat* natural, ou seja, a partir do momento em que isso não ocorre

se depara com algo que foge ao entendimento daquilo que se entende como cultura, mas que pode se considerar como uma ressignificação da própria identidade.

Para Elias (2011), ao falar da sociogênese como um processo social, aponta a diferença entre *Kultur* e *Zivilisation* (alemão), entre o ser e o ter a cultura, partindo da visão de civilização, podendo esta ser representada por uma série de fatos, que hoje se define como sendo a própria cultura, abrangendo desde hábitos e costumes, até a forma de habitação e a maneira de preparar os alimentos.

Porém, essa forma de compreender o conceito de cultura não é a mesma para ingleses e franceses, assim como para os alemães. Para se entender essas vertentes, acompanhemos o quadro a seguir:

Quadro 2: Diferença nos conceitos de civilização e Cultura/*Kultur*

Visão / Conceito	Francesa e Inglesa – Civilização	Alemã – Cultura/*Kultur*
Características	- orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade; - pode se referir a fatos políticos ou econômicos, religiosos ou técnicos, morais ou sociais; - pode se tratar de realizações, mas também de atitudes e comportamento de pessoas, não importando se realizam ou não alguma coisa; - descreve um processo ou pelo menos seu resultado, algo que está em movimento constante, seguindo adiante; - minimiza as diferenças sociais entre os povos; - pode dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores.	- aquilo que é considerado como orgulho das próprias realizações; - fatos intelectuais, artísticos e religiosos, distintos de fatos políticos, econômicos e sociais; - se a pessoa, no sentido de comportamento, não tem qualquer realização, é algo secundário, não sendo o valor da pessoa, mas aquilo que ela realiza; - remete a obras de arte, livros, sistemas religiosos e filosóficos, expressa a individualidade de um povo, delimita; - dá ênfase especial às diferenças nacionais e à identidade particular de grupos; - reflete a consciência de si mesma de uma nação que precisou se constituir política e espiritualmente, reafirmando constantemente a própria identidade; - civilização é algo útil, mas com valor secundário, representado pela aparência externa e superfícial da existência humana.

Fonte: Elaborado pela autora, a partir do livro O Processo Civilizador, Norbert Elias (2011).

Apresentada essa diferenciação na compreensão do que seja o conceito de cultura para essas nações que mais se destacam como representantes dos costumes ocidentais, em que se percebe a visão alemã valorizando o saber erudito, dos fatos intelectuais, artísticos e religiosos, ressaltando as diferenças nacionais e identidades particulares dos grupos e indivíduos, tratando de moralidade e da elite intelectual.

Em outras palavras, identificar a cultura, na visão alemã, se constitui como algo que merece destaque, pois trata daquilo que se deve sentir orgulho, o que acaba gerando uma segregação hierárquica naqueles que possuem ou não o acesso ao

conhecimento elitizado, “sequestrando” a alteridade do outro, já que a massa não tem acesso.

Por outro lado, ao contrário dessa postura, os franceses e ingleses apontam exatamente a antítese, que seria a superficialidade em detrimento da profundeza alemã. Para eles, o orgulho que sentem por suas nações por proporcionarem o progresso, não considerando apenas feitos de indivíduos isoladamente, acaba gerando uma missão e disciplina que unifica, compondo não apenas o material, mas também o simbólico, de forma que, numa prática antropológica, a cultura chega até a ciência (conceito científico), se tornando uma herança europeia de civilizados – e cultura sendo a junção de tudo isso.

Portanto, considerando para a nossa pesquisa que, ao lidar com os conhecimentos acadêmicos e tradicionais Potiguara, se percebe um exemplo claro acerca destas duas vertentes de significação da cultura, que se caracteriza pela junção de um conhecimento elitizado, porém assimilado por sujeitos pertencentes a grupos segregados e que em alguns aspectos encontram-se à margem social, e que, a partir disso, ressignificam a própria identidade, sendo orgulho para si mesmo e sua comunidade.

> *A minha irmã foi a primeira que passou na universidade, foi pra gente uma conquista muito grande, um orgulho imenso porque ela era a mais velha da família e entrou na universidade. A gente se espelhava nela porque a gente também queria chegar na universidade, se ela conseguiu, a gente também conseguia, e meu pai, ele não tinha condições de ajudar na alimentação, a gente sempre ia fazer alguma coisa, vendia revista pra ajudar eles, porque eles não tinham condição. Na verdade, o apoio era moral, mas, assim, apoio financeiro não tinha, a gente sempre se virou. E aí, eu passei na universidade. Quando eu passei no vestibular, em 2009, eu na verdade nem acreditava que eu tinha passado porque eu achava assim, tão distante, mesmo tendo a sua vontade, era um sonho meio que quase impossível. (Iranilza)*

> *A menininha que não ia ter expectativa de vida alguma, hoje é formada em Secretariado Executivo Bilíngue. Gente isso pra mim, pra minha família, eu sou a única a ter uma formação, então é muito especial, por mais que minha mãe não entendesse naquela época, “ah minha filha passou que legal”, mas hoje ela vê, hoje ela fica... Quando eu fui embora ela chorou muito porque não queria que eu fosse pro Rio de Janeiro, mas quando eu voltei, ela fez: “porque que você voltou, porque você não*

> *volta, porque você não vai buscar o seu futuro, você não queria estudar, se formar, trabalhar? Então volte, vá procurar o que você quer pra sua vida". (Josilene)*
>
> *No primeiro dia de aula que eu entrei, eu disse para alguns alunos: "Eu estudei aqui. Eu estudei aqui, sabe... Eu sentava bem aqui, nessa cadeira que você está, e hoje eu estou aqui contribuindo para que vocês também possam ocupar cadeiras, lugares, posições. Para que vocês possam ter um futuro melhor que a gente sabe que consegue a partir do estudo." Então hoje, eu tenho essa consciência de incentivar o aluno, de educar, do valor da educação para que eles possam sobressair no mercado, porque a gente sabe que o mercado é competitivo, então hoje, eu tenho essa capacidade. Por quê? Porque a universidade aqui no litoral norte, eu consegui. Graças a Deus. (Tiago)*

Não podemos esquecer que viemos de uma relação entre colonizados e colonizadores e, especialmente, no caso dos indígenas, essa ênfase se dá de modo mais exacerbado, devido aos conflitos e adversidades que tiveram de enfrentar num processo de globalização e colonização mundial, mas que eles não tinham noção de como isso poderia afetar tão fortemente seu modo de vida, hábitos, costumes, religião e território. De acordo com Luciano (2006, p.17),

> De fato, a história é testemunha de que várias tragédias ocasionadas pelos colonizadores aconteceram na vida dos povos originários dessas terras: escravidão, guerras, doenças, massacres, genocídios, etnocídios e outros males que por pouco não eliminaram por completo os seus habitantes. A diferença é que nos anos da colonização portuguesa eles faziam parte de um projeto ambicioso de dominação cultural, econômica, política e militar do mundo, ou seja, um projeto político dos europeus, que os povos indígenas não conheciam e não podiam adivinhar qual fosse. Eles não eram capazes de entender a lógica das disputas territoriais como parte de um projeto político civilizatório, de caráter mundial e centralizador, uma vez que só conheciam as experiências dos conflitos territoriais intertribais e interlocais.

Os reflexos de todas essas tragédias acarretaram mudanças socioculturais e identitárias para as comunidades indígenas, modificando e alterando a dinâmica natural da sua tradição, podendo ser sentidos e presenciados (os reflexos), até os dias atuais. Devido às condições deixadas por esse processo "civilizador/colonizador", os impactos são muitos, sendo observados na estrutura física, comportamental e cultural.

No caso da comunidade Potiguara de que nossos sujeitos fazem parte, etimologicamente, este nome significa "povo comedor de camarão", e geograficamente, se localiza no litoral norte da Paraíba, situada nos municípios de Rio Tinto, Marcação e

Baía da Traição, entre os rios de Camaratuba e Mamanguape, com a população em torno de 19 mil indígenas distribuídos entre os municípios e as aldeias, que podem variar, dependendo da sua estrutura política e de representatividade política de cada uma (FUNAI, 2012). Complementando essas informações, de acordo com Nascimento e Barcellos (2012, p. 11),

> Falar em Potiguara traduz-se como "povo comedor de camarão", aquele que habita as terras de acakutibiró (caju azedo ou bravo) na Baía da Traição, no Litoral Norte da Paraíba. No Vale do Mamanguape, a etnia ocupa terras desde o litoral até a atual Serra da Raiz (antigamente conhecida como Serra da Cupaoba). A terra Potiguara está localizada numa planície, no Litoral Norte da Paraíba e possui suas fronteiras ao norte, com o rio Camaratuba; ao sul, com o rio Mamanguape; ao leste, com o Oceano Atlântico. A região apresenta belas praias, recifes naturais, profundas grotas, multicoloridas falésias, canais, vales e chapadas, cobertos por um solo fértil e uma diversificada flora.

Exemplo dessa diversidade natural, no que diz respeito as diversas paisagens naturais que se apresentam neste espaço de localização nas aldeias, pode ser visualizado nas imagens abaixo, que mostra toda a riqueza e representatividade deste povo, por não tratar-se apenas de um espaço físico determinado, mas na relação que este povo possui com o ecossistema que habitam.

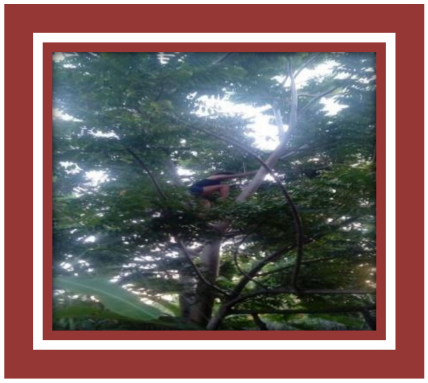

Imagem 11: Iranilza nas árvores da aldeia (foto cedida por ela)

Imagem 12: Lagoa como fonte de vida e lugar sagrado (Foto da Iranilza)

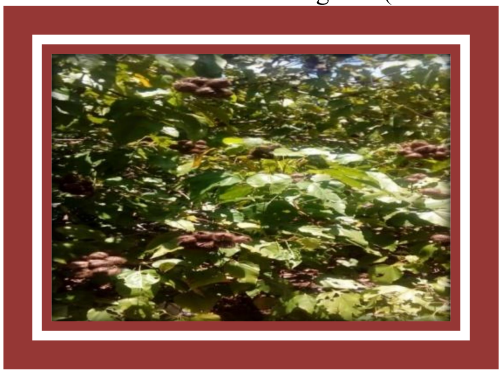

Imagem 13: O pé de urucum representa o sangue derramado pelos antepassados. (Foto da Iranilza)

Economicamente, os Potiguara vivem da pesca, agricultura, extravismo vegetal, hortaliças, frutas e ervas medicinais, e madeira, que servem tanto para o consumo local, na culinária típica e variada, como para o comércio, quando vendem seus produtos nas estradas. Além disso, também se constituem como mão-de-obra rural e urbana. Segundo Nascimento e Barcellos (2012, p. 16),

> A culinária típica da região do litoral norte da Paraíba tem sua marca por compor uma mesa variada de artigos e alimentos naturais e saudáveis. Durante a realização dos rituais, comidas da tradição são vendidas para os visitantes. O cardápio é composto pelo cozido da galinha de capoeira, a macaxeira cozinhada, os bolinhos de feijão verde com farinha, as paneladas de mariscos e crustáceos, as bandejas de peixe frito, camarão e lagosta.

As ações sociais existentes na comunidade se constituem de alguns auxílios, como o projeto "Bolsa Família". Por isso, ainda é muito comum verificar a presença do trabalho infantil, por uma questão de necessidade e sobrevivência, uma vez que os filhos precisam desde cedo ter a consciência e a responsabilidade em também contribuir para as despesas da casa. No caso dos nossos participantes, não foi diferente.

> *Quando eu entrei lá no ensino básico, foi na quinta série, a gente foi pra Baía da Marcação. Aí eu lembro que a gente ia de manhã, mas aí voltava e à tarde, a gente almoçava e ia pra roça, eu e meus irmãos, com meu pai. Eu acho que eu tinha uns 12 anos e todo dia era assim, e aí depois a gente foi estudar à noite porque a gente passava a manhã no colégio estudando e perdia o dia todo na lavoura, e pra estudar a gente andava 4 km a pé e quando a gente saía do roçado, a gente saía na carreira porque já era 4 horas. Chegava em casa, tomava banho e não dava tempo comer nada, se trocava, pegava um ônibus, na volta ia pra casa, comia bem rápido, dormia e já tinha que levantar 5 horas da manhã pra fazer o café da manhã e sair com meu pai. (Iranilza)*

> *Então, um pouco da minha infância, vamos lá... Bem, vida de aldeia é o seguinte: a gente mora na comunidade, pelo menos na minha infância, a gente não tem muitos recursos financeiros, é bem pobre, e desde criança, a gente querendo ou não, vê necessidade de ajudar os pais em algumas coisas para que a gente pudesse até ajudar a sustentar. Eu lembro que quando eu tinha entre 11 e 12 anos, eu trabalhava em bares na praia, porque lá era uma cidade turística e quando era nos finais de semana tem muitos bares com movimento, e é um tipo de renda que tem, e eu ia trabalhar nos bares. Eu servia de garçom, fiquei trabalhando em torno de uns cinco anos já pra ajudar em*

> *casa, ajudar minha mãe. Minha mãe separada do meu pai e meu pai não dava nada. Somos três irmãos no total. Eu, meu irmão e minha irmã e era complicado porque a gente tinha que se virar nos trinta. No outro período foi quando meu avô comprou uma rede enorme, uma rede que são várias redes juntas, aí passava todo o dia pescando, porque a gente não tinha todos os dias pra ajudar nas despesas. Nesse mesmo período, eu estava estudando sempre lá na escola, fazia o ensino fundamental II, só que teve um período que eu me envolvi com um projeto de casas populares que era um projeto financiado pela Caixa, projeto minha casa, minha vida.*
>
> *Eu comecei a trabalhar aos 11 anos pra me manter e ajudar minha família. Minha mãe sempre viveu de bolsa família, nunca teve trabalho remunerado, nem muitos bicos, eram muito poucas coisas, inclusive até hoje ela faz as coisas dela, ela gosta de juntar latinha, só questão de bolsa família mesmo, a renda da casa. E eu tentava ajudar da maneira que eu podia, eu sempre gostei de ter minhas coisas, gosto de ter o meu dinheiro, fazer o que quero né? Eu tenho essa necessidade de ter e conseguir comprar, conquistar aquilo que eu quero pra mim. Então eu comecei a trabalhar muito nova, de babá, fui babá acho que de umas cinco crianças no total, isso desde a gestação até uns 3, 6 meses de idade da criança. Trabalhei em mercadinho, trabalhei em bar também, como garçonete, em casa de família. (Josilene)*

Vale ressaltar que esse aspecto do trabalho infantil surgiu após a realização da narrativa, por não ter sido previamente articulada como categoria para esta pesquisa, mas por ser um fato comum entre todos e que surgiu espontaneamente em suas falas, é interessante ressaltar.

Portanto, em seu período de formação escolar, a maior dificuldade enfrentada por ele e elas, foi tentar conciliar essa rotina de trabalho com as aulas e frequência na escola, pois acabou comprometendo o desempenho escolar, que poderia ter sido facilitado, caso não tivessem a responsabilidade em trabalhar ainda na infância, tendo em vista a pobreza do meio e a inserção socioeconômica da família na agricultura de subsistência.

Na questão política e social, percebemos a importância desse povo em prol de um objetivo maior, que é a conservação do seu território, desenvolvimento e assistência para sua população, o que requer um compromisso por parte da liderança, que se articula e se envolve nas questões que contemplam benefícios à comunidade, nos campos da gestão, do meio ambiente, social, econômico, político e educacional,

ressaltando a figura do Cacique Geral como responsável e representante do seu povo. Segundo Barcellos (2014, p. 97),

> Além da organização local, os Potiguara têm um Cacique Geral que representa toda a etnia. O Cacique Geral e os demais caciques são responsáveis por tomar decisões, convocar assembleias, deliberar sobre normas e condutas para o bem-estar do seu povo. O Cacique Geral é o porta-voz da aldeia para a sociedade. Ele é quem faz as articulações externas e representa a etnia, nas diferentes circunstâncias que se fizerem necessárias. Diante de algum empecilho ou imprevisto, quando solicitado, ele escolhe um representante de sua confiança para representar a etnia. Esse cuidado com o representante tem muita importância porque existe toda uma astúcia na hora de falar em nome do povo Potiguara, evitando que os problemas internos sejam repassados para uma sociedade preconceituosa e discriminadora sobre as questões indígenas.

No caso dos estudantes Potiguara, surgiu a Associação dos Universitários Potiguara (AUP), com esse papel articulador entre os universitários Potiguara, a universidade e a comunidade. Apresentamos no tópico seguinte, o papel dessa associação, como representante dos jovens universitários Potiguara.

5.2 - O papel da AUP na representação dos jovens Potiguara

Ao falar sobre o indígena, automaticamente, se lança ao pensamento do outro: do relacionar-se com o outro, sobre o outro e para o outro, pois a coletividade, a união, a ligação, a comunidade e o grupo podem ser considerados fatores fundamentais na constituição da identidade e da personalidade de cada indivíduo indígena. Na década de 1970, o movimento indígena eclodiu no Brasil, e vários grupos se afirmaram na denominação indígena como forma de manter uma unidade que os une e representa. Para Luciano (2006, p. 30),

> Com o surgimento do movimento indígena organizado a partir da década de 1970, os povos indígenas do Brasil chegaram à conclusão de que era importante manter, aceitar e promover a denominação genérica de índio ou indígena, como uma identidade que une, articula, visibiliza e fortalece todos os povos originários do atual território brasileiro e, principalmente, para demarcar a fronteira étnica e identitárias entre eles, enquanto habitantes nativos e originários dessas terras, e aqueles com procedência de outros continentes, como os europeus, os africanos e os asiáticos. A partir disso, o sentido pejorativo de índio foi sendo mudado para outro positivo de identidade multiétnica de todos os povos nativos do continente. De pejorativo passou a uma marca identitárias capaz de unir povos historicamente distintos

> e rivais na luta por direitos e interesses comuns. É neste sentido que hoje todos os índios se tratam como parentes.

Percebe-se essa forte ligação com os movimentos indígenas e tal fortalecimento, ao vislumbrar a criação da AUP – Associação dos Universitários Potiguara, que surgiu com o intuito de constituir um grupo organizado, que objetiva a conquista dos direitos e benefícios para os estudantes desta etnia, além de vincular os conhecimentos adquiridos na universidade em prol da comunidade, o que acabou conciliando exatamente com a investigação proposta nesta pesquisa.

> *E eu não sabia nem como me expressar, porque eu não vivi a minha cultura. Eu sabia que tinha toré, eu sabia que tinha a pintura indígena, mas eu mesma não dançava o toré, eu não fazia pintura, nenhum... Eu não sabia o que é ser indígena, então pra mim, quem trouxe a AUP foi a universidade, não fui eu que cheguei trazendo o que é ser um indígena, eu não sabia o que era viver isso, eu vim vivenciar dentro da Universidade. (Josilene)*

> *Eu lembro que também tem a AUP – Associação dos Universitários Potiguara, e que foi o professor Lusival que encaminhou essa organização dos estudantes Potiguara, então é o grupo dos indígenas, dos universitários indígenas que reafirmam a sua cultura, os meios de vida das nossas crenças. (Tiago)*

Criada há aproximadamente cinco anos, e mesmo se tornando ao longo dos anos, uma das maiores representatividades estudantis vigentes na região, a AUP ficou desativada por um período, voltando a funcionar regularmente há dois anos, mas ainda com algumas dificuldades, como por exemplo a falta de representatividade para compor as chapas para concorrer à diretoria da associação, tendo em vista que como os egressos não podem participar acaba acontecendo um desfalque quanto à disponibilidade e atuação dos dirigentes.

No entanto, este objetivo da AUP em poder relacionar o conhecimento adquirido na universidade para atender à comunidade ainda não foi alcançado, pela Associação de maneira satisfatória, devido à falta de interesse e/ou motivação em alguns casos, além da falta de conhecimento e direcionamento para as ações que contemplem este objetivo.

Mesmo assim, a diretoria atual vem se esforçando na realização de alguns eventos, que promovem a interação dos recém-ingressos e estimulam a participação e o debate por parte daqueles que já são filiados. Cada estudante contribui com uma taxa mensal no valor de R$ 5,00 (cinco reais), para despesas de manutenção da associação.

Com relação ao papel assumido pela AUP, na legitimação do reconhecimento e fortalecimento da cultura Potiguara, temos as seguintes afirmações:

> *Eu acredito que a AUP é fundamental no processo de autonomia dos universitários. (Iranilza)*
>
> *A universidade foi responsável pela minha aproximação com minha própria cultura, e participar da AUP só concretizou um resgate de uma cultura que eu não vivia, conhecia, mas era parte da minha história. Só vim entender após a graduação. (Josilene)*
>
> *Uma organização de extrema importância para o nosso povo, principalmente, com representação dos Potiguara no meio acadêmico. A partir dela podemos nos organizar e fazer nossa cultura mais forte. (Tiago)*

Identificar esse papel conscientizador e formador dos universitários Potiguara, apontado pela AUP, pode ser uma alternativa viável e possível para que tenhamos mais ingressos de jovens Potiguara na universidade, legitimando a identidade deste povo, e assim, gerando uma visibilidade positiva no sentido de oportunidades e assistências para todos aqueles que constituem a comunidade.

5.3 - As aprendizagens experienciais dos jovens Potiguara

As manifestações dos saberes são múltiplas e complexas. Entendemos que a expressão do ato de conhecer ocorre a partir de vários mecanismos, como o resgate da memória, a história, a experiência, dentre tantos outros. Desta forma, compreender essas categorias conceituais, que possuem uma epistemologia temporal (memórias e experiências vividas) para aprofundar naquilo que nos interessa enquanto conhecimento é algo fundamental.

Assim, o conceito de experiência guarda em si uma grande complexidade epistemológica sobre o conhecimento, devido às próprias aprendizagens que o sujeito acumula ao interagir e apreender nas suas relações com o "mundo". Logo, para se compreender as experiências vividas, visando um "corte epistemológico" da realidade, conforme salientava Bachelard (1996) ao tratar da formação do espírito científico, destacando a necessidade de analisar o conhecimento a partir de "janelas epistemológicas" capazes de desvelar a realidade sob um prisma específico, um objeto, uma ótica particular.

Para que haja uma "captura" dessas experiências no que tange ao consciente, faz-se necessário que ocorra um resgate do vivido, tendo em vista que não se pode dar significado aos fatos no momento presente, mas apenas quando este já ocorreu, ou seja, quando o acontecimento se torna passado, pois só é possível compreender este passado quando o relaciona com o fato, através do tempo. Dito isto, a memória aparece como fator preponderante para estabelecer um elo entre os períodos do passado e presente (SOUSA, 2011).

Considerando esse pensamento, essa investigação buscou compreender como a experiência e a experiência formadora podem ser pensadas na relação com o conhecimento e, ainda, como o método (auto)biográfico apresenta manifestações concretas dessas categorias a partir da prática de pesquisa.

Desde a Filosofia Clássica, com os pré-socráticos, se tem buscado saber o que realmente somos e o que significa tudo aquilo que faz parte do que somos. As perguntas do tipo "Quem eu sou?", "O que é o ser?", "De onde vem o ser?" não deixam de ser premissas para, de fato, realizarmos uma investigação aprofundada com relação ao nosso "eu", de forma consciente e vinculando esse aspecto ao conhecimento.

De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2009), perguntas simples, como já fazia Rousseau, são extremamente importantes para entendermos o sentido que

existe na relação entre ciência e as experiências cotidianas. E, assim, podermos atravessar o período de transição nas rupturas que ocorrem no conhecimento. Conforme o pensamento do autor,

> Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou colectivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso. (SOUSA SANTOS, 2009, p.18)

De acordo com Josso (2004), a experiência formadora se apresenta ainda como um conceito em construção, porém, para que as experiências se configurem como desta natureza, precisam ser observadas sob o viés da aprendizagem, ou seja, poder dar sentido e significado aos próprios comportamentos, atitudes, pensamentos que representem a própria identidade, considerando o aspecto subjetivo.

> Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é "vivido" na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 48).

Ao analisar as falas dos sujeitos participantes, seja por escrito quando responderam ao questionário proposto, nas atividades e rodas de conversas ao dialogarem acerca das próprias experiências, ou ainda na própria narrativa, ao se "desnudarem" para si e para o outro, sem máscaras ou véus, em vista a suas dores, pensamentos e memórias, podemos compreender exatamente o sentido da experiência formadora.

Porém, fica impossível tratar da experiência e experiência formadora sem considerar o saber do senso-comum, já que para muitos, como não se trata de um saber elaborado, mesmo que sendo legitimado pela experiência, resguardado seu valor através do fato vivido, acaba por ser discriminado e pouco valorizado, o que não é o caso neste trabalho. Manter a integridade daquilo que foi falado, da linguagem utilizada, dos comportamentos apresentados, legitima a identidade Potiguara em todos os aspectos, inclusive, para adentrar e se relacionar no âmbito acadêmico.

Com o intuito de que houvesse uma significação de forma a contribuir com a experiência formadora dos nossos participantes, tendo em vista que no instante que ocorre o fato vivido não existe uma racionalização, por se encontrar no tempo presente, durante todo o processo que envolveu a escuta, a transcrição e a redação da narrativa pôde se ter a ideia e possibilidade de refletir sobre o fato e estabelecer essa ligação que se configura na experiência formadora.

Para a hermenêutica em sua conceituação clássica, o sujeito não possui autonomia para intervir ou situar o acontecimento na realidade, tendo em vista que esta preza pela autenticidade, se estabelecendo a partir da historicidade, através da interpretação de textos antigos e bíblicos, diferentemente da hermenêutica filosófica que se contrapõe à anterior, caminhando através da reflexão sobre o que caracteriza a compreensão. Segundo Gadamer (2013, p. 30),

> [...] O fenômeno da compreensão impregna não somente todas as referências humanas ao mundo, mas apresenta uma validade própria também no terreno da ciência, resistindo à tentativa de ser transformado em método da ciência. [...] Seu propósito é rastrear por toda parte a experiência da verdade, que ultrapassa o campo de controle da metodologia científica, e indagar por sua própria legitimação onde quer que se encontre. É assim que as ciências do espírito acabam confluindo com as formas de experiência da própria história. São modos de experiência nos quais se manifestam uma verdade que não pode ser verificada com os meios metodológicos da ciência.

Ainda para Gadamer (2013), desde a antiguidade grega, a hermenêutica está atrelada ao processo de transmissão, explicação e compreensão de mensagens, ou seja, ao processo de tornar-se compreensível. Ao considerar esse pensamento com relação à memória, identificou-se a importância de "resgatá-la", com o intuito de ressignificá-la, dando um sentindo para tudo aquilo que se viveu, se tornou e passou. De acordo com Weber (2001, p.31),

> O homem civilizado, ao contrário, coloca-se em meio ao caminhar de uma civilização que se enriquece continuamente de pensamentos, de experiências e de problemas, pode sentir-se "cansado" da vida, mas não "pleno" dela. Com efeito, ele não pode jamais apossar-se senão de uma parte ínfima do que a vida do espírito incessantemente produz, ele não pode captar senão o provisório e nunca o definitivo.

Sendo assim, embora tenha ocorrido uma semelhança nas experiências uns dos outros, e destas com os fatos reais, os significados que cada um atribuiu se distinguem, exatamente porque esta reflexão que levou a uma racionalidade acerca deste

vivido muda de indivíduo para indivíduo, além de não ser o que de fato se viveu, mas apenas um fragmento, uma lembrança.

Com isso o sujeito passa a ser, de alguma maneira, tudo aquilo que vive, em outras palavras, ele se torna as marcas deixadas pelas experiências, suas lembranças, os gostos saboreados, os gestos criados e estabelecidos, as pessoas com quem se relacionou e os fatos ocorridos.

A experiência é uma categoria que vem sendo discutida ao longo de diversas correntes filosóficas, como o iluminismo, o racionalismo e métodos da pós-modernidade. Para se ter conhecimento, que é algo adquirido a partir do pensamento e da experiência, faz-se necessário que se utilize a racionalidade para estruturação de tais pensamentos e vivências.

Esta racionalidade se caracteriza, de acordo com Weber (2001), como sendo "o estabelecimento de uma adequação entre uma coerência lógica (descritiva, explicativa) e uma realidade empírica", ou seja, a racionalidade proporciona que seja feita uma ligação entre a experiência e a razão, para que ocorra a consciência daquilo que se passou e que, de fato, tenha um significado lógico na nossa formação enquanto sujeitos.

Neste caso, a razão tem um papel essencial para a fundamentação desta racionalização com relação à experiência. Segundo Japiassú e Marcondes (1996, p.230), existem algumas definições que determinam o que venha a ser a razão, destacando dentre elas, as seguintes:

> 1. Faculdade de julgar que caracteriza o ser humano, que se vincula ao pensamento de Descartes, *Discurso do Método*; 2. Em um sentido mais específico, a razão é a capacidade de, partindo de certos princípios *a priori*, isto é, estabelecidos independentemente da experiência, estabelecer determinadas relações constantes entre as coisas, permitindo assim chegar à verdade, ou demonstrar, justificar, uma hipótese ou afirmação qualquer. Nesse sentido, a razão é discursiva, ou seja, articula conceitos e proposições para deles extrair conclusões de acordo com princípios lógicos. 3. Razão teórica ou especulativa em Kant, trata-se da faculdade dos princípios *a priori*, que em sua função crítica tem o papel de estabelecer as condições de possibilidade do conhecimento.

Estabelecendo uma relação entre estes conceitos e a experiência, percebe-se a partir da modernidade, que toda experiência passa a ser visualizada como efêmera, tendo em vista que o conhecimento é limitado e que nem sempre faz-se necessário

recorrer à razão, apesar d a consciência em saber que o conhecimento é algo que passa pela experiência. Para Kant (2005, p.44),

> Dúvida não há de que todo o nosso conhecimento principia pela experiência. Sem dúvida, que outro motivo poderia despertar e pôr em ação a nossa capacidade de conhecer senão as coisas que afetam os sentidos e que, de um lado, por si mesmas, dão origem a representações e, de outro lado, movimentam nossa faculdade intelectual e levam-na a compará-las, ligá-las ou separá-las, transformando então a matéria bruta das impressões sensíveis num conhecimento que se denomina experiência? Dessa forma, na ordem do tempo, nenhum conhecimento precede em nós a experiência e é com esta que todo o conhecimento se principia.

Exatamente por isso, quando se utiliza da razão para dar significado às coisas e aos fatos, se determina porque elas e eles se caracterizam de tal forma e não de outra. A condição de não conhecer algo proporciona e impulsiona a vontade de conhecer e descobrir e é desta forma que o "sujeito epistêmico" se constrói nesse processo, a partir da ruptura, para o acúmulo do conhecimento (BACHELARD, 1996).

Com o Iluminismo, a palavra de ordem passa a ser a coragem de ser possível se servir do seu próprio entendimento, como afirma Kant, que denomina de menoridade o fato de não sermos "capazes" de buscar compreensão naquilo que nos compete, sem que para isso precise da ajuda de outrem, para que se consiga alcançar a liberdade.

> Mas, para esta ilustração, nada mais se exige do que a *liberdade*; e, claro está, a mais inofensiva entre tudo o que se pode chamar liberdade, a saber, a de fazer um *uso público* da sua razão em todos os elementos. Agora, porém, de todos os lados ouço gritar: *não raciocines!* Diz o oficial: *não raciocines*, mas faz exercícios! Diz o funcionário de finanças: *não raciocines*, paga! E o clérigo: *não raciocines*, acredita! (Apenas um único senhor no mundo diz: raciocinai tanto quanto quiserdes e sobre o que quiserdes, mas obedecei!) Por toda a parte se depara com a restrição da liberdade. (KANT, 2013, p.3).

Essa liberdade no ato de pensar, tão defendida pelo Iluminismo, deve ser encarada pelo sujeito como uma das maiores possibilidades de poder usufruir da sua racionalidade como forma de se encontrar em si através da própria consciência, examinando em si mesmo as questões que deseja se perguntar, buscando compreender o verdadeiro sentido de suas experiências, ou seja, o "cuidado de si" (FOUCAULT,

2011). Quando perguntados sobre o fato de rememorar, de viver a experiência (auto)biográfica, nossos sujeitos responderam o seguinte:

> *Quero agradecer imensamente por ter me convidado para sua pesquisa, foi muito bom ter falado e escrito sobre mim, nunca vou dar fim a este arquivo. Aliás, vou acrescentar mais coisas daqui pra frente. Agradeço de coração. (Tiago)*
>
> *Obrigada pelo convite e pela oportunidade de viver uma experiência tão boa. Agora vou poder ouvir os áudios e reviver uma boa parte da minha vida. (Iranilza)*
>
> *Pra mim foi uma experiência incrível, tudo que passei valeu a pena pra minha formação, não só profissional, mas pessoal também. A troca de experiências com os meus amigos, com a senhora, foi e está sendo incrível. É uma honra pra mim participar da sua tese, isso é gratificante, fazer parte da construção de um trabalho como esse só vem acrescentar a nossa área de conhecimentos. (Josilene)*

Assim, a pesquisa (auto) biográfica se revela como uma nova forma de compreensão da experiência, apontando para sua presença na relação entre a teoria e os sujeitos sociais, o que possibilitou uma interação direta com a visão de mundo de todos os sujeitos atuantes na pesquisa, requerendo uma teoria apropriada para o embasamento do trabalho em questão, de conhecimento para desenvolver as técnicas necessárias.

Além disso, não se deve esquecer algo fundamental, que se trata da criatividade em saber conciliar experiência e sensibilidade, ao utilizar a memória para conduzir o processo investigativo juntamente com a razão (objetividade), na produção do conhecimento aqui apresentado, sobretudo, na ressignificação da própria identidade de todos os envolvidos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS – O ENCERRAR PARA RECOMEÇAR

> Nada restará de nossos corações. Cada uma de nossas partículas retornará a seu elemento. Mas nossas palavras traçaram um rastro, vibraram no ar, tocaram a outros. E o que vibra segue seu caminho, incita, se recarrega, se multiplica, cresce e continua. Transforma-se. Somente ouvido irá se transformar.
>
> Jorge Larrosa

Refletir acerca das palavras de Larrosa, nos remete ao pensamento de que somos e existimos num processo constante de transformação, onde muitas vezes as experiências, os acontecimentos e até mesmo determinadas pessoas se tornam efêmeras, pela rapidez com que vão e vêm, entram e saem das nossas vidas, mas no caso da palavra é diferente. Através dela somos capazes de "cristalizar" aquele momento que nos veio pela memória. Somos capazes de ler e reler quantas vezes desejarmos e, se preciso for, ressignificar a cada momento presente. A palavra a partir da escuta permanece.

Nesse sentido, compreender o outro em sua totalidade é algo extremamente complexo, para não dizer impossível, tendo em vista os inúmeros "eus" que habitam nossa personalidade, devido ao nosso ser nos levar a pensar, agir e apreender conhecimentos e experiências de forma distinta e individual, mesmo vivendo socialmente. Contudo, através da narrativa, torna-se possível compreender um pouco mais desse outro, daquilo que muitas vezes ele não pode ou não consegue nos mostrar.

Desta forma, perceber os aspectos significativos em cada um, inclusive para que ocorra uma convivência dialógica com as diferenças peculiares a cada sujeito e poder compreender o universo que forma uma identidade coletiva, foi o que nos motivou a trabalharmos nesta pesquisa a partir da narrativa de cada participante, identificando e propondo uma reflexão acerca dos eventos, espaços, instituições e pessoas fundamentais, para que, pudesse ocorrer um processo formador a partir do que foi falado, escutado e escrito.

Aqui foi possível identificar que o trabalho de narrativa não ocorre pelo simples fato de narrar, de contar uma história de si, como visto anteriormente ao falarmos de experiência formadora, mas pela valorização de algo que dá sentido à

própria experiência, pois ao contar minha história, além de reviver, eu aprendo com aquilo que me fez aprimorar, dando significados ao que sou e ao que posso vir a ser.

Com os sujeitos participantes desta pesquisa, esse processo de reflexão-ação-reflexão, proposto por FREIRE (2010), não ocorreu apenas naquele momento da formação, porém é algo que perdurará por vários momentos de suas vidas, tendo em vista que a descoberta deste processo de reflexão desencadeou uma vontade e necessidade de se (auto) descobrirem não apenas naquele instante, mas sempre que acharem necessário.

Interessante perceber, principalmente, no caso desta pesquisa, que apesar dos participantes conviverem em outras ocasiões, em espaços comuns, como na aldeia, na universidade e na participação de projetos, no momento de narrar, a timidez, o desconforto e o receio de se expor ficou bastante perceptível. Porém, passado esse momento de tensão inicial, o envolvimento na escuta, no querer acolher e confortar o outro, devido à dor sentida pelas lembranças e externadas pelas palavras, muitas vezes interrompidas por lágrimas, fez nascer um vínculo ainda não sentido por todos.

Mediar uma formação como essa, requer uma estrutura e um equilíbrio pessoal que por mais "planejada e estruturada" que você esteja nunca será possível dimensionar o nível de envolvimento, de encontro e de identificação com a narrativa do outro. Até mesmo as diferenças geram um sentimento e uma reação de, no mínimo, se colocar no lugar da pessoa que fala.

A confiança e a cumplicidade em escutar e entender são dois sentimentos que brotaram automaticamente neste ato tão sublime que é o de escutar e perceber que, apesar das diferenças, somos iguais, enquanto humanos, nas dores, alegrias, amadurecimento, sonhos e idealizações.

A narrativa juntamente com as demais etapas da formação se configurou, então, como a representação de um "recorte" do vivido, tendo em vista que a própria maneira de contar está relacionada com o seu "eu" no momento em que narra, inclusive pela própria evolução que se alcançou neste presente, apesar de muitas vezes nos chocarmos com aquilo que falamos, pela surpresa que sentimos ao lembrar determinado fato, de forma inesperada. Com eles, isso não foi diferente.

Com relação à formação acadêmica, quando questionados acerca da experiência formativa que tiveram com relação à formação pessoal, puderam identificar que o reconhecimento de si e a ressignificação da própria identidade ficou bem alicerçada devido à afirmação que tiveram do próprio valor e potencialidade daquilo que

podem contribuir enquanto pessoas e profissionais, atrelando os conhecimentos que se complementam para sua autonomia.

O processo de escrita em qualquer trabalho, sobretudo acadêmico, não é algo fácil, pois envolve pessoas, planejamentos, teorias, experiências de toda natureza, enfim, um conjunto de elementos complexos que precisam se articular, mantendo a sua integridade e, ao mesmo tempo, se harmonizando entre si. Acredita-se que no caso desta pesquisa, essa sincronização foi alcançada, mesmo diante dos imprevistos por se tratar de um trabalho heurístico.

Apesar de todos os contratempos, sempre houve a busca em pesquisar algo relacionado a mim, enquanto pessoa e profissional, vinculando aos meus interesses de momento. Neste trabalho em especial, mergulhei de forma mais profunda, pois fui sujeito atuante e participante dele, do começo ao fim.

Perguntas, dúvidas, leituras, escutas, reflexões, conflitos e diálogos contemplaram essa minha experiência, na mistura de papéis que exerci como mediadora (nos processos de aprendizagem dos meus educandos); professora do curso de Secretariado Executivo (por ter essa formação); educanda e pesquisadora (do programa de pós-graduação em Educação), mas que me fizeram amadurecer e ressignificar a minha identidade.

Ao elaborar o objetivo geral norteador de toda a tese, na tentativa de compreender como pode ser possível ressignificar a própria identidade, mas percebendo e identificando na prática e nas falas dos sujeitos, neste caso, dos meus educandos e orientandos, em sala de aula, nos corredores, na postura, nos hábitos, até mesmo nos olhares, muitas vezes duvidosos e inquietos, se configurou no primeiro desafio, pois definir como objetivo é uma coisa, mas observar isso na prática é complicado.

O primeiro passo foi associar esses momentos a mim, de forma simultânea, registrando e refletindo não apenas sobre eles, mas vinculando aos mesmos sentimentos e sensações, ou seja, tudo que colaborava com a minha formação, não de forma isolada, mas juntamente com eles. Com isso, o processo ficou mais claro, pois quando se tem a experiência de algo, a compreensão ocorre naturalmente.

Embora com o uso de um instrumento de pesquisa que se utiliza de várias abordagens e influências, perceber que, para se alcançar o intuito proposto, não precisamos estabelecer e/ou seguir determinadas regras já estabelecidas para conseguirmos construir os conceitos e refletir acerca da nossa trajetória.

Por isso, criamos o portfólio biográfico contendo o material elaborado por todos, constituindo os saberes necessários para que o conhecimento dos jovens Potiguara possa ser disseminado a eles próprios nesse movimento de ressignificação de si, e a quem possa interessar, como apoio em futuras pesquisas.

Portanto, no processo de análise, a partir de suas narrativas, considerando os objetivos específicos, podemos afirmar que: compreendemos momentos e processos que fizeram com que ele e elas se envolvessem em atividades promovidas pela universidade, buscando a inserção nesse espaço; identificamos os sujeitos que possibilitaram a interseção entre sua identidade cultural e os conhecimentos acadêmicos, destacando os pais, parentes, amigos e professores; e por fim, reconhecemos algumas contradições e complementaridades existentes na interseção entre o conhecimento acadêmico e indígena, possibilitando um processo de ressignificação da própria identidade, atendendo assim, aos objetivos propostos.

Sendo assim, envolvida pelo sentimento de continuidade mesmo diante da "finalização" de um trabalho como este, que encerrar nem sempre se trata de algo que remete ao fim, tendo em vista esquecer que para existir um começo ou mesmo um recomeço, essa etapa precisa acontecer. O fim não é algo negativo, mas a certeza de que aquele ciclo foi concretizado. Assim se encerra essa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tânia Maria de (Org.). **Povos Indígenas da Paraíba**. João Pessoa: Grafset, 2012.

AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. V.III – A transmissão da cultura. 3ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958.

BACHELARD, Gaston**. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento.** Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBIER, René**. A Pesquisa-ação.** Brasília: Líber Livro, 2007

BARCELLOS, Lusival. **Práticas educativo-religiosas dos Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2014.

BAUER, Martin W. e GASKEL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt**. Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENJAMIN, Walter**. Obras escolhidas***:* magia e técnica, arte e política. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. V.1

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante e Denise Maria Gurgel Levallée. São Paulo: Paulus, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. 2ª ed. Tradução Daniela Kern e Guilherme J.F. Teixeira. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

_____. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand, 1989.

_____ et al. **A Miséria do Mundo**. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDAU, Vera. **Multiculturalismo e Educação**. Desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio F.; CANDAU, Vera, Multiculturalismo. Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008.

CANCLINE, Néstor. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade.** 2ª ed. Tradução Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CARDOSO, Thiago Mota; GUIMARÃES, Gabriella Casimiro (Orgs.). Etnomapeamento dos Potiguara da Paraíba. Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade: a era da informação economia, sociedade e cultura; v. 2**. 8ª ed. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CHAGNON, Napoleon A. **Nobres Selvagens Minha Vida entre Duas Tribos Perigosas: Os Ianomâmis e os Antropólogos**. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação: a Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente**. Tradução Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2012.

DESCARTES, René**. Discurso sobre o método.** Tradução Márcio Pugliesi e Norberto de Paula Lima. São Paulo: Hermus, 1978.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine**. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. In: Educação e Pesquisa**. v. 32, n. 02, maio/agosto, 2006, p. 359-371.

_____. **Biografia e Educação: Figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva neto, Luís Passeggi. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **As Histórias de Vida: Da invenção de si ao projeto de formação**. Tradução Albino Pozzer. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

_____. **A Condição Biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga, Maria da Conceição Passegi, Nelson Patriota. Natal – RN: EDUFRN, 2012.

DEWEY, John**. Experiência e Educação**. Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1971.

_____**. Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. Trad. Walter Solon. São Paulo: EDIPRO, 2012.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador V.I: Uma História dos Costumes**. 2ª ed. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio e FINGER, Mathias (Orgs). **O Método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Pentaedro, 1988, Caderno de Formação 01.

_____. **História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passegi – Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FOUCAULT, Michel**. A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tunnus Muchail. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 36 ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 16ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. 11ª ed. São Paulo, SP: Paz e Terra. 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** 51 ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

FREITAS, Ana Elisa de Castro (Org). **Intelectuais indígenas e a construção da universidade pluriétnica no Brasil** – povos indígenas e os novos contornos do Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes. Rio de Janeiro: Ed. E-papers, 2015.

GADAMER, Hans-Georg**. Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Trad. Flávio Paulo Mauer. 13ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

GRANDO, Beleni Salete e HASSE, Manuela. Índio Brasileiro, Integração e Preservação. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org). **Intercultura: estudos emergentes**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL. Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da Diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

IANNI, Octavio. **Raças e Classes Sociais no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JAPIASSU, Hilton**,** MARCONDES, Danilo**. Dicionário Básico de Filosofia.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____**. O estatuto epistemológico das ciências humanas.** Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JOSSO, Marie-Christine**. Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Os Contextos dos Saber. In IDEM. **Representações, comunidade e cultura**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 212-258.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia**. Tradução Ruy Jungmann; consultoria Renato Lessa. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KANT, Immanuel**. O que é o Iluminismo**. Disponível em: HTTP://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf, acesso em: 15 de fev de 2013.

_____. **Crítica da Razão Pura**. Martin Claret, São Paulo, 2005.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. N. 19 jan/fev/mar/abr. 2002. P. 20-28.

_____. **Tremores: Escritos sobre experiência**. 1ª ed. 2ª reimp. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2016.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais.** Tradução Patrícia Chittoni Ramos Revillard e Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LUCIANO, Gersem dos Santos. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Laced/Museu Nacional, 2006.

MAESTRI, Mário. **Terra do Brasil: A Conquista Lusitana e o Genocídio Tupinambá**. São Paulo: Moderna, 1993.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEAD, Margareth; BENEDICT, Ruth e SAPIR, Edward. **Cultura e Personalidade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba**. 12. Ed. João Pessoa: A União, 2013.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**. 19. Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social, teoria, método e criatividade**. 28ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MORAES, Roque e GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 2ª ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.

NASCIMENTO, José Mateus do (Org.). **Etnoeducação Potiguara Pedagogia da Existência e das Tradições**. João Pessoa: Ideia Editora, 2012.

NONATO JÚNIOR, Raimundo. **Epistemologia e Teoria do Conhecimento em Secretariado Executivo: a fundação das ciências da assessoria.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

NORBERT, Elias. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O Processo Civilizador**, volume 1: uma história dos costumes. Trad. Ruy Jungmann. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

NÓVOA, Antônio e FINGER, Mathias (Org.). **O Método (auto) biográfico e a Formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Algumas reflexões sobre a busca de uma atitude compreensiva na pesquisa em História da Educação no Ceará**. Fortaleza: Ed. UFC, 2003, Col. Diálogos Intempestivos, 07, pp. 121-131.

_____. Grupo de Pesquisa DIAFHNA – Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas. In: SOUZA, Elizeu C. PASSEGGI, Maria da Conceição de, ABRAHÃO, Maria H. M. Barreto (Orgs). **Pesquisa (auto)biográfica e práticas de formação.** Natal:EDURN; São Paulo: Paulus**,** 2008, Coleção Pesquisa (auto)Biográfica e Educação, 4.

_____, *Grupo Fantasia: esperança, responsabilidade e alegria.* Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2009. Coleção Espiritismo em Movimento, 01.

_____. **Experiência religiosa juvenil e diversidade:** compreender para promover o pluralismo religioso. In: DIAS, Adelaide Aves; MACHADO, Charliton J dos S; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Org). **Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social:** currículo, formação docente e diversidades socioculturais. João Pessoa: Editora UFPB, 2009ª, p.255-273.

_____. **O Círculo Reflexivo Biográfico:** Dispositivo de pesquisa e de formação. No prelo, 2010

OLINDA, Ercília Maria Braga de e ARAÙJO, Alessandra Oliveira de. **Narrativas de Vida Tecidas na Pesquisa com Jovens a partir de Procedimentos Individuais e Coletivos**. 2016.

PASSEGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, M.C. **Memorial de formação**. In:OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

PINEAU, Gaston e Le Grand, Jean-Louis. **As Histórias de Vida**. Tradução de Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passegi – Natal, RN: EDUFRN, 2012.

POPPER, Karl Raimund**. Textos Escolhidos**. Organização e tradução David Muller; tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto Ed PUC-Rio, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios – os urubus-kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa.** Tomo I. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.

_____. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUEZ, Janete Lins (Org.). **Atlas Escolar Paraíba**. 4. ed. João Pessoa: Grafset, 2011.

ROUANET, Sérgio Paulo**. Mal-estar na modernidade**. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.

SANTOS, Boaventura de Souza**. Um discurso sobre a ciência**. Rio de Janeiro: Edições Afrontamento, 6ª Ed. 2009.

_____**. Pela Mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 14ª Ed. 2013.

SAVIANI, Dermeval. História das Ideias Pedagógicas no Brasil. Campinas: SP: Autores Associados, 2007.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica Marx, Durkheim e Weber**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SHERER-WARREN, Ilze. **Redes de Movimentos Sociais na América Latina – caminhos para uma política emancipatória?** Caderno CRH, Salvador, v. 21, n.54, p. 505-517, Set./Dez.2008.

SHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria e COSTA, Vanda Maria. Tempos de Capanema. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

_____. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo.** 3ª ed - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SILVA, Joelma Soares; BARROS, Conceição Maria Pinheiro; SOUSA, E. F. . **Docência em Secretariado Executivo: a valoração da experiência extraclasse**. Revista Expectativa (Impresso), v. IX, p. 43-60, 2010.

SOUSA, Elaine Freitas de. **Narrativas de vida e processo de espiritualização dos professores do ensino religioso.** Mestrado (dissertação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de educação, Fortaleza, 2011.

STEARNS, Peter N**. História das Relações de Gênero**. São Paulo: Contexto, 2ª ed. 2015.

VIEIRA, Rosângela Steffen. **Educação Intercultural:** uma Proposta de Ação no Mundo Multicultural. In: FLEURI, Reinaldo Matias, Intercultura: estudos emergentes. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

WEBER, Max**. Metodologias das ciências sociais**. Parte II. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, Campinas, SP: Editora Estadual de Campinas, 2001.

WEFFORT, Francisco C. (org.). Os Clássicos da Política V. I. 14ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In Silva, Tomaz Tadeu. Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 11ª ed. 2012, p. 7-72 (original em inglês, publicado em 1997).

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário seu cenário e seus protagonistas**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CÍRCULO DIALÓGICO

- **1º MOMENTO:** Informação acerca das atividades e funcionamento das etapas a serem desenvolvidas; assinatura do termo de consentimento para realização da pesquisa; aplicação do questionário para conhecimento do perfil de todos os participantes.

- **2º MOMENTO:** Apresentação da pesquisa de Tese.

- **3º MOMENTO:** Leitura dos memoriais escritos como processo de avaliação para conclusão do curso de graduação.

- **4º MOMENTO:** Narrativa Oral a partir da leitura acerca do memorial.

- **5º MOMENTO:** Transcrição da narrativa, individualmente.

- **6º MOMENTO:** Grupo Dialógico para leitura e apresentação da narrativa.

- **7º MOMENTO:** Grupo Dialógico para elaboração dos conceitos.

- **8º MOMENTO:** Encerramento do processo formativo com a construção do painel.

APÊNDICE B – CRONOGRAMA DO CÍRCULO DIALÓGICO

1 DE SETEMBRO

- MOMENTO 1: Informação, assinatura do termo de consentimento e aplicação do questionário;
- MOMENTO 2: Apresentação da Tese.
- MOMENTO 3: Leitura dos memoriais.
- MOMENTO 4: Narrativa Oral.

2 E 3 DE SETEMBRO

- MOMENTO 5: Transcrição da narrativa.

4 DE SETEMBRO

- MOMENTO 6: Grupo Dialógico 1.
- MOMENTO 7: Grupo Dialógico 2.
- MOMENTO 8: Encerramento.

APÊNDICE C – PAUTA DOS ENCONTROS PRESENCIAIS DO CÍRCULO DIALÓGICO

PRIMEIRO ENCONTRO

- 8h: Apresentação dos participantes
- 8h15: Apresentação da Tese e informações acerca das etapas do Círculo Dialógico (curso de extensão de 40h)
- 9h: Assinatura do termo e aprovação do cronograma
- 9h40: Realização das narrativas orais

SEGUNDO ENCONTRO

- 13h: Leitura dos memoriais
- 13h30: Grupo Dialógico 1: Leitura e apresentação das narrativas para o grupo
- 15h30: Grupo Dialógico 2: Elaboração dos conceitos
- 17h30: Avaliação
- 18h: Encerramento e confraternização

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOBRE O PERFIL DOS PARTICIPANTES

1. DADOS PESSOAIS

NOME:
ENDEREÇO:
CELULAR:
E-MAIL:
DATA DE NASCIMENTO:
NATURALIDADE:

2. DADOS ACADÊMICOS

GRADUAÇÃO:
ANO DE CONCLUSÃO:
MOTIVO PARA ESCOLHA DO CURSO:
ATENDEU A PRETENSÃO INICIAL:

SEGUNDA GRADUAÇÃO:
ANO DE CONCLUSÃO:
MOTIVO PARA ESCOLHA DO CURSO:
ATENDEU A PRETENSÃO INICIAL:

PÓS-GRADUAÇÃO:
ANO DE CONCLUSÃO:
MOTIVO PARA ESCOLHA DO CURSO:
PREENCHEU A PRETENSÃO INICIAL:

3. DADOS PROFISSIONAIS

EMPRESA:
CARGO:
TEMPO DE TRABALHO:
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

FORMAÇÃO EXTRA:

4. DADOS SOBRE A FORMAÇÃO

1) POR QUE VOCÊ ESCOLHEU UMA FORMAÇÃO DE NÍVEL SUPERIOR?
2) HOUVE ALGUM CRITÉRIO PARA A ESCOLHA DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO?
3) COMO SE DEU A ADAPTAÇÃO NO UNIVERSO ACADÊMICO?
4) QUAIS AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA UNIVERSIDADE?
5) QUAL SUA OPINIÃO SOBRE O PAPEL DA AUP COMO REPRESENTANTE DOS INDÍGENAS ACADÊMICOS?
6) COMO VOCÊ AVALIA A UFPB?
7) QUAIS ASSISTÊNCIAS A UFPB PODERIA CONCEDER AOS DISCENTES INDÍGENAS?
8) COMO VOCÊ AVALIA SUA FORMAÇÃO COM RELAÇÃO A SUA FORMAÇÃO PESSOAL?
9) E NO CASO DA CONTRIBUIÇÃO PARA A COMUNIDADE?

APÊNDICE E – CÍRCULO DIALÓGICO ELABORAÇÃO DOS CONCEITOS

CONCEITOS: IDENTIDADE, CULTURA INDÍGENA, MULTICULTURALISMO, INTERCULTURALIDADE, UNIVERSIDADE.

ATIVIDADE 1: NO QUADRO, COMPLETAR AS FRASES:

1) SER POTIGUARA É...
2) SER INDÍGENA NA UNIVERSIDADE É...
3) SER INDÍGENA NO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO É...

NARRATIVA ORAL

- **QUESTÕES NORTEADORAS**

1) QUAL O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA MINHA FORMAÇÃO PESSOAL?

2) QUE MUDANÇAS OCORRERAM PARA RESSIGNIFICAR MINHA IDENTIDADE POTIGUARA?

APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - TCLE

ACORDO BIOGRÁFICO PARA AS ATIVIDADES DO CÍRCULO DIALÓGICO

Neste documento realizaremos um acordo estabelecido entre os participantes da pesquisa, egressos do curso de Secretariado Executivo da UFPB, na formação (auto) biográfica denominada Círculo Dialógico, e a pesquisadora e mediadora do processo, a professora Elaine Freitas de Sousa.

As atividades serão realizadas no Campus IV, da UFPB, no semestre 2017.2, com calendário previamente estruturado e apresentado aos participantes. Com relação aos pontos que norteiam os princípios, valores e compromissos deste processo, estabelecemos os seguintes:

1) Somos iguais enquanto seres humanos e concordamos que estamos num processo de formação que nos leva a uma percepção do que somos e poderemos ser. No grupo, temos nossas próprias experiências e peculiaridades da nossa identidade, mas diante do reconhecimento daquilo que nos for familiar ou na diferença do outro, nos respeitaremos mutuamente;
2) Esse respeito começará por mim mesmo, nas minhas limitações, bloqueios, dificuldades e reconhecimento do que sou, independente das circunstâncias e dos fatos ocorridos na minha vida, e que nesse processo de formação, estarei disposto a me aprofundar neste autoconhecimento, apesar das resistências que poderão aparecer;
3) Quanto ao respeito ao outro, estamos cientes em compartilhar e dividir nossas experiências e histórias, com o cuidado necessário no processo de escuta e fala de cada um, respeitando e priorizando o sigilo com relação às narrativas e atividades desenvolvidas;
4) No caso da narrativa, somos livres para falar do que nos sentirmos confortáveis a contar, sem interrupções e/ou imposições, com o cuidado de não comprometermos outras pessoas e respeitando o nosso tempo e o do outro, no que diz respeito à fala e à escuta, nos episódios ocorridos em nossa vida;

5) Ao narrar nossa história, estamos cientes de que poderão ocorrer momentos de "cooperação mútua" por todos os presentes, já que, ao revelar fatos, teremos um momento dialógico quanto ao entendimento da narrativa do outro;
6) A pontualidade será um fator primordial, para que haja uma harmonia na dinâmica das atividades a serem realizadas, sem comprometer o tempo. Caso o encontro ocorra pela manhã, o horário será de 8h às 12h e no turno vespertino, de 14h às 18h;
7) A partir de datas previamente acordadas no primeiro encontro, procuraremos cumprir com assiduidade todos os encontros, para não comprometer as atividades seguintes e nem o processo de formação, que envolve a leitura do memorial, a narrativa oral, a escuta de si, a transcrição, a escuta do outro, as intervenções dialógicas e a finalização da escrita.
8) Quanto às atividades, seguiremos os roteiros, leremos os textos propostos, realizando nossa participação de maneira crítica e construtiva através do nosso posicionamento, para aprimorar nossa capacidade de interlocução com o outro, a partir de problematizações que possam surgir nas discussões propostas pela mediadora;
9) Durante o processo de formação, poderemos tirar dúvidas, apontar etapas ou informações que não estão satisfatórios para o grupo, com o intuito de colaborar com a mediadora, pois devemos estar atentos às ações individuais no grupo, sobretudo a nós mesmos, sem julgar, nem tampouco apontar erros ou diferenças, nem mesmo tomar o momento de diálogo como aconselhamento;
10) O Círculo Dialógico se estabelecerá a partir de 8 momentos, divididos em encontros previamente agendados, contemplando as atividades que envolverão o ato de narrar, a transcrição, a escuta do outro, a escrita de si, a intervenção dos demais participantes, a elaboração de conceitos através dos grupos dialógicos, envolvendo várias linguagens como a pintura, a tradição, a música, a dança, desenhos e os símbolos;
11) A pesquisadora ficará responsável por materiais e recursos didáticos que sejam necessários para o desenvolvimento do Círculo Dialógico, e teremos lanche para o intervalo de nossos encontros;
12) A pesquisa partirá da leitura do memorial e de perguntas norteadoras, que darão um pontapé inicial para a narrativa.

Por fim, registramos que estamos cientes e de acordo com todos os pontos apresentados de maneira clara e objetiva, para participarmos de maneira livre e consciente do processo de formação denominado Círculo Dialógico, que envolve nossas narrativas de vida.

Rio Tinto, 01 de setembro de 2017.

Nome:

Profª Elaine Freitas de Sousa

Pesquisadora e mediadora

ANEXOS

ANEXO I - Resolução 5/2006 (CONSUNI) - Autoriza a Implantação do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba - Litoral Norte

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Resolução nº 05/2006

Autoriza a implantação do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (Litoral Norte) e dá outras providências.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, no uso de suas atribuições, de conformidade com a legislação em vigor, tendo em vista a deliberação adotada no plenário em reunião extraordinária realizada no dia 17 de março de 2006 (Processo nº. 23074.001279/06-11), e

CONSIDERANDO a necessidade de promover a interiorização da educação superior pública federal no Estado da Paraíba, como fonte propulsora do desenvolvimento econômico sustentável com inclusão social;

CONSIDERANDO, também, que se impõe integrar a UFPB à diretriz da política de expansão do ensino superior público federal promovida pelo MEC, cuja ênfase é a interiorização das atividades acadêmico-científicas das Instituições Federais de Ensino Superior;

CONSIDERANDO, ainda, ser imprescindível fortalecer a ação da universidade pública federal como fator de desenvolvimento socioeconômico, cultural e educacional para os municípios menos desenvolvidos, social e economicamente, da microrregião Litoral Norte-Sapé;

CONSIDERANDO, por fim, ser de fundamental importância para a UFPB integrar, de forma sistemática, as atividades de ensino, pesquisa e extensão da instituição à vida socioeconômica regional local, segundo uma concepção de desenvolvimento sustentável,

R E S O L V E:

Art. 1º Autorizar a implantação do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba (Litoral Norte), com sede na cidade de Rio Tinto.

§ 1º As unidades acadêmicas do Campus de que trata o caput deste artigo instalar-se-ão em áreas-limite vizinhas às cidades de Mamanguape e Rio Tinto.

§ 2º A sua composição organizacional será feita pelas normas estatutárias e regimentais da UFPB.

§ 3º Caberá aos órgãos afins da UFPB o devido assessoramento para implantação e implementação das unidades setoriais do Campus.

Art. 2º Fica a Pró-Reitoria de Graduação (PRG) desta Universidade responsável pela organização administrativa e acadêmica dos cursos inicialmente propostos e a serem criados com vinculação àquele Campus, na forma prevista nos seus respectivos projetos político pedagógicos.

Art. 3º Passa a fazer parte desta resolução, como Anexo, o projeto de implantação do Campus IV (Litoral Norte) da UFPB.

Art. 4º Os casos omissos nesta Resolução serão resolvidos pelo Conselho Universitário.

Art. 5º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º Revogam-se as disposições em contrário.

Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, 17 de março de 2006.

RÔMULO SOARES POLARI

PRESIDENTE

ANEXO II - Resolução 41/2006 - Aprova o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Secretariado Executivo Bilíngüe, do CCAE.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CONSELHO SUPERIOR DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Resolução nº 41/2006

Aprova o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Graduação em Secretariado Executivo Bilíngüe, do Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Campus IV, desta Universidade. O Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão, da Universidade Federal da Paraíba, no uso de suas atribuições e tendo em vista o que deliberou em reunião realizada em 23 de maio de 2006 (Processo nº 23074.009242/06-97),

CONSIDERANDO:

a) a importância de um Projeto Político-Pedagógico dinâmico que estará em constante processo de avaliação;

b) a necessidade de formar profissionais para atuar nos campos de trabalho emergentes na área;

c) os critérios e os padrões de qualidade estabelecidos pela UFPB para formação de profissionais;

d) as diretrizes fixadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, que orientam a elaboração curricular;

e) a Resolução CNE/CES nº 03, de 23 de junho de 2005, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Secretariado Executivo;

f) a Resolução nº 34/2004, do CONSEPE, que orienta a elaboração e reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos dos Cursos de Graduação da UFPB;

RESOLVE:

Art. 1º Aprovar o Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Secretariado Executivo Bilíngüe, do Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Campus IV, desta Universidade.

§ 1º Compreende-se o Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Secretariado Executivo Bilíngüe, como sendo o conjunto de ações sócio-políticas e técnico-pedagógicas relativas à formação profissional que se destinam a orientar a concretização curricular do referido Curso.

§ 2º As definições relativas aos objetivos do Curso, perfil profissional, competências, atitudes e habilidades, e campo de atuação dos formandos encontram-se relacionadas no Anexo I. Art. 2º O Curso de Graduação em Secretariado Executivo Bilíngüe tem como finalidade conferir o grau de bacharel aos alunos que cumprirem as determinações constantes da presente Resolução. Art. 3º O Curso de Graduação em Secretariado Executivo Bilíngüe, com a duração mínima de 08 (oito) e máxima de 12 (doze) períodos letivos para o turno diurno e duração mínima de 09 (nove) e máxima de 14 (quatorze) períodos letivos para o turno noturno, será integralizado com 2.670 (duas mil, seiscentas e setenta) horas, equivalentes a 178 (cento e setenta e oito) créditos. Parágrafo único. Será permitida a matrícula em no máximo 29 (vinte e nove) e no mínimo 19 (dezenove) créditos por período, excetuando-se os casos julgados excepcionais pelo Colegiado do Curso. Art. 4º A composição curricular, integrante do Projeto Político-Pedagógico, resulta de conteúdos fixados de acordo com as especificações abaixo, sendo desdobrados conforme especificado no Anexo II. Composição Curricular Conteúdos Curriculares Créditos C/H % 1. Conteúdos Básicos Profissionais 1.1 Conteúdos Básicos Gerais 1.2 Conteúdos Básicos Profissionais 1.3 Estágio Supervisionado 22 57 20 330 855 300 Total 99 1.485 55,6 %

2. Conteúdos Complementares 2.1 Conteúdos Complementares Obrigatórios 2.2 Conteúdos Complementares Optativos 2.3 Conteúdos Complementares Flexíveis 70 06 03 1.050 0.090 0.045

Total 79 1.185 044, 4% TOTAL GERAL 178 2.805 100,0%

Art. 5º As modalidades de componentes curriculares serão as seguintes:

I – disciplinas; II – atividades; a) atividades de iniciação à pesquisa e/ou extensão; b) seminários – discussões temáticas; c) atividades de monitoria; d) elaboração de trabalho de conclusão de curso; e) participação em eventos; f) oficinas e congêneres; III – estágios; IV – outras atividades relevantes para a formação do aluno, mediante

aprovação do colegiado. § 1º O Estágio Supervisionado está incluído nos conteúdos básicos profissionais, e terá duração de 300 (trezentas) horas.

§ 2º Nos conteúdos complementares obrigatórios serão incluídas as disciplinas Metodologia do Trabalho Científico e Pesquisa Aplicada a Secretariado, que constituirão a base para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão do Curso – TCC.

§ 3º As modalidades de componentes previstas nos incisos II, III e IV deste artigo serão regulamentadas pelo Colegiado do Curso para fins de integralização curricular. Art. 6º O Curso adotará o regime de créditos. Parágrafo único. A estruturação curricular, resultante da lógica de organização do conhecimento, em semestres letivos, será feita conforme especificado no Anexo III. Art. 7º Serão vedadas alterações, num prazo inferior a 08 (oito) períodos letivos, ressalvados os casos de adaptação às normas emanadas pelo CNE e pelo CONSEPE, considerando também as emergências sócio-político-educativas. § 1º Adaptações curriculares de caráter emergencial, como alterações de ementas, alterações no fluxograma, redefinição de pré-requisitos, serão aprovadas pelo Colegiado do Curso e pelos Departamentos envolvidos, e encaminhadas à Pró-Reitoria de Graduação para homologação. § 2º Alterações resultantes das Diretrizes Curriculares Nacionais e das normas da UFPB serão aprovadas pelo Colegiado do Curso e pelos Departamentos envolvidos, e encaminhadas ao CONSEPE, ouvida a Pró-Reitoria de Graduação, para aprovação. Art. 8º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, 13 de julho de 2006.

Rômulo Soares Polari

Presidente

ANEXO III – MEMORIAIS ELABORADOS PELOS PARTICIPANTES PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA UFPB

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação
Campus IV – Litoral Norte
Coordenação do Curso de Secretariado Executivo Bilíngue

Memorial

JOSILENE MARIA DE SOUZA

Memorial submetido à coordenação do curso de Secretariado Executivo Bilíngue para obtenção de créditos relativos aos Conteúdos Curriculares Flexíveis.

Mamanguape/PB
2016

1 HISTÓRICO DO ALUNO DO CURSO

Sou Josilene Maria aluna do curso de Secretariado Executivo Bilíngue, descendente do Povo Potiguara filha de Josivânia Maria de Souza (39), tenho dois Irmãos Josivânio Antônio Souza da Silva (20) e Josenildo Pereira Nascimento (24), resido em Baía da Traição. Ingressei no curso superior no período 2011.1 aos 18 anos por meio do Processo Seletivo Seriado (PSS).

Foi através do cursinho Pré Vestibular oferecido pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que tive conhecimento da graduação de Bacharel em Secretariado Executivo Bilíngue que a própria instituição oferecia. O contato com a área se deu por meio de alguns alunos da graduação que eram nossos professores do cursinho, essa relação só despertou o meu interesse pela área, porém só decidi optar pela formação em Secretariado quando realizei uma pesquisa a cerca da grade curricular do curso e me identifiquei com algumas disciplinas, inclusive com as de Língua Estrangeira. Passei na primeira chamada do PSS e desde o primeiro período do curso percebi que havia feito à escolha certa.

No entanto prosseguir com a graduação a princípio foi uma tarefa árdua, as dificuldades foram inevitáveis, principalmente quando se tratava do transporte que nos levava até a universidade, pois nem sempre estava disponível.

O método de ensino também foi um obstáculo que precisei superar para dar continuidade à formação, senti muitas dificuldades, mas consegui superá-las, busquei me adaptar ao método de ensino e agora estou concluindo o 9º período do curso, na condição de blocada.

Durante a formação pude contar com professores excelentes, que conseguem compartilhar seus conhecimentos da melhor forma possível, a fim de formar profissionais qualificados. É devido ao apoio de todos esses profissionais e a vontade de me tornar uma profissional qualificada que irei concluir essa graduação de Bacharela em Secretariado Executivo Bilíngue.

A graduação em Secretariado Executivo Bilíngue faz parte da minha história, hoje sinto-me realizada, pois mesmo diante das dificuldades estou concluindo o ensino superior o qual tenho orgulho de expressar que sou graduanda em Secretariado.

1.1 DISCIPLINAS CURSADAS

COMÉRCIO EXTERIOR	8108079	3	45	2015.1	em curso

NOME DA DISCIPLINA	CÓDIGO	CR	CH	PERÍODO	MÉD.
TÉCNICAS SECRETARIAS I	8108064	3	45	2011.1	7.5
METODOLOGIA DO TRABALHO CIENT.	8101107	4	60	2011.1	9.0
INTRODUCAO A SOCIOLOGIA	8101105	4	60	2011.1	8.2
INTRODUÇÃO A FILOSOFIA	8101104	4	60	2011.1	10.0
ECONOMIA I	8108007	4	60	2011.1	9.1
FUND. SOCIO-HIST. E POL. DO BRASIL	8101125	3	45	2011.2	10.0
LÍNGUA ESPANHOLA I -SECRT	8105022	3	45	2011.2	9.0
TÉCNICAS SECRETARIAIS II	8108065	3	45	2011.2	8.5
COMUNICACAO EMPRESARIAL	8101127	3	45	2011.2	9.5
LINGUA INGLESA I - SECRETARIADO	8105008	4	60	2011.2	9.0
LINGUA PORTUGUESA I	8105018	4	60	2011.2	9.2
LÍNGUA PORTUGUESA II	8105019	4	60	2012.1	8.5
LINGUA INGLESA II - SECRETARIADO	8105009	4	60	2012.1	10.0
INTRODUCAO A INFORMATICA	8103129	3	45	2012.1	9.8
PESQUISA APLICADA PARA SECRET.	8108073	3	45	2012.1	9.3
LÍNGUA ESPANHOLA II - SECRET	8105023	3	45	2012.1	8.5
TEORIAS DE ADMINISTRAÇÃO I	8108066	3	45	2012.1	9.5
INFORMATICA APLICADA A SECRET.	8103130	3	45	2012.2	9.0
GESTÃO ORGANIZACIONAL	8108067	3	45	2012.2	8.5
RED. COMERCIAL EM PORTUGUÊS I	8105004	3	45	2012.2	9.0
LÍNGUA ESPANHOLA III - SECRET	8105024	3	45	2012.2	9.1
LINGUA INGLESA III - SECRETARIADO	8105010	4	60	2012.2	9.5
MATEMATICA ELEMENTAR	8103108	4	60	2012.2	9.8
RED. COMERCIAL EM PORTUGUÊS II	8105005	3	45	2013.1	9.0
LINGUA INGLESA IV - SECRETARIADO	8105011	4	60	2013.1	9.8
PLANEJAMENTO ESTRAT. PARA SEC.	8108074	3	45	2013.1	10.0
ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO	8108077	3	45	2013.1	9.0
LÍNGUA ESPANHOLA IV - SECRET	8105025	3	45	2013.1	9.1
MATEMATICA FINANCEIRA	8108009	4	60	2013.1	9.1
GESTÃO CONTÁBIL PA RA SECRET	8108068	3	45	2013.2	10.0
LÍNGUA ESPANHOLA V - SECRET	8105026	3	45	2013.2	8.9
ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	8108069	4	60	2013.2	9.0
PSIC. DAS RELACOES HUMANAS	8101122	3	45	2013.2	7.3
REDACAO COMERCIAL EM INGLÊS	8105016	3	45	2013.2	9.8
INST.DE DIR. PÚBLICO E PRIVADO	8108061	4	60	2014.1	9.6
ETICA PROFISSIONAL	8101146	3	45	2014.1	8.3
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	8108070	4	60	2014.1	10.0
ESTATISTICA I	8103124	4	60	2014.1	9.7
TECNICAS DE TRADUCAO EM INGLES	8105017	3	45	2014.1	9.4
REDACAO COMERCIAL EM ESPANHOL	8105027	3	45	2014.1	7.83
INTRODUÇÃO A MÁRKETING	8108063	3	45	2014.1	9.5
RELAÇÕES PÚBLICAS	8108078	3	45	2014.2	8.8
ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	8108071	4	60	2014.2	8.5
LEGISL. SOCIAL E DIREITO DO TRAB.	8108062	4	60	2014.2	9.7
TEC. DE TRADUCAO EM ESPANHOL	8105028	3	45	2014.2	9.0
ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS	8108081	3	45	2014.2	9.3
DIREITO EMPRESARIAL	8108089	4	60	2014.2	9.0

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)	8108075	4	60	2015.1	em curso
CERIMONIAL, PROTOCOLO E ETIQUETA EMPRESARIAL	8108076	4	60	2015.1	em curso
ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	8108072	8	120	2015.1	em curso

Já cursei 47 disciplinas que equivalem 160 créditos e uma carga horária de 2.385 horas, tendo integralizado 87,85% da carga horária total de aproveitamento do curso concluído.

As disciplinas citadas foram essenciais para o meu preparo profissional, apesar das dificuldades pessoais, e as provenientes da própria instituição, julgo ter adquirido conhecimentos fundamentais para a minha vida profissional e pessoal também.

As disciplinas específicas de Técnicas Secretariais I e II foram primordiais nesse meu processo de aprendizado em relação às competências da profissão e garantiram a minha permanência no curso, além do ensino qualificado dos professores, pude presenciar a valorização que alguns docentes transmitiam e davam em relação à profissão do secretariado, acredito que essa atitude tem sido fundamental para que os graduandos concluam a formação, infelizmente alguns mínimos professores não passam o mesmo além do seu desrespeito explicito ainda fazem questão de sugerir outras carreiras profissionais como opção, as quais julgam serem melhores economicamente.

Quanto ao ensino, toda forma de aprendizado foi válida nesse longo processo de aquisição de conhecimentos oferecidos pela formação em secretariado. Mas deixo aqui minha crítica e sugestão quanto à disciplina de Organizações de Eventos que é oferecida no 8º período e à disciplina de Cerimonial, Protocolo e Etiqueta Empresarial oferecida 9º período, julgo que essas disciplinas são indispensáveis para a formação do secretariado tendo em vista as grandes oportunidades que surgem para esse profissional atuar e mostrar seu domínio na área de eventos, por essa razão suponho que seria mais viável para os graduandos se eles adquirissem o conhecimento antes da prática, ou seja que essas disciplinas fossem oferecidas nos primeiros períodos já que necessitamos tanto desse conhecimento para realizar alguns eventos durante toda a nossa formação.

Passamos (Turma: 2011.1) por algumas experiências ruins quando estávamos à frente de alguns eventos, não que fossemos incapazes, mas por não termos o conhecimento necessário para por em prática algo dessa natureza, mas mesmo assim éramos convidados a organizá-los, acredito que se tivéssemos o conhecimento prévio

oferecido por essas disciplinas, com certeza teríamos aprendido e adquirido mais experiência.

Nessa oportunidade quero parabenizar os profissionais da área de Língua Estrangeira, que sempre deram o máximo de si para nos ensinar e nos ajudar a adquirir os conhecimentos necessários de outra Língua. A atuação desses profissionais tornou o difícil em fácil só pelo desejo e o prazer que sentíamos em assistir suas aulas. Quero aproveitar também para pedir mais apoio da instituição, e dos professores responsáveis para continuarem com os projetos de extensão em especial os de Línguas, sei o quanto a extensão contribui para aprendermos uma nova língua, digo isso, pois participei por um curto tempo da extensão, mas foi o necessário para eu perceber a diferença que tive no meu aprendizado, infelizmente por razões maiores não pude continuar. Mas deixo aqui a minha sugestão para que os próximos discentes saiam da graduação atendendo a todos os requisitos que a formação propõe em sua grade curricular.

1.2 OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES

1.2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO II, III e IV

Tive o privilégio de realizar os meus estágios obrigatórios II, III e IV na secretaria da Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio Akajutibiró, situada na Aldeia Akajutibiró, s/n, zona rural, da cidade de Baia da Traição - PB. Meu orientador foi o professor Daniel César Franklin Chacon e o Diretor da Escola concedente Francinaldo Ferreira Cândido de Oliveira, tive também além da supervisão do diretor a orientação contínua da secretária escolar Elineusa Soares e a secretária adjunta Maria Betânia Santos da Silva. Nos estágios tive a oportunidade de exercer as seguintes atividades:

- **Assessorar a diretoria**
- **Organizar e manusear arquivos e documentos**
- **Atender ao público**
- **Elaborar documentos**
- **Organizar Eventos**

O estagio Supervisionado II foi realizado no período 2014.1 e aconteceu do dia 05 de novembro a 02 de dezembro com carga horária de 20 horas semanais, somando um total de 60 horas (de segunda à sexta das 13:00 às 17:00 horas), já o estagio Supervisionado III (2014.2) foi antecipado e realizado no período 2014.1 e aconteceu do dia 03 a 26 de dezembro de 2014, com carga horária de 20 horas semanais, somando um total de 60 horas (de segunda à sexta das 13:00 às 17:00 horas) o IV estágio Supervisionado (2015.1) também foi antecipado e realizado no período 2014.1 e aconteceu do dia 05 de janeiro a 20 de fevereiro com carga horária de 20 horas semanais, somando um total de 120 horas (de segunda à sexta das 13:00 às 17:00 horas).

O estágio supervisionado é essencial para a formação acadêmica, através dessa oportunidade pude adquirir novos conhecimentos e por em prática parte importante dos conhecimentos que adquiri na sala de aula. As disciplinas específicas da profissão foram determinantes para que eu pudesse desenvolver as atividades secretariais, como por exemplo, as disciplinas de Técnicas Secretariais I e II, além das disciplinas como Planejamento Estratégico e Organização de Arquivo.

As experiências que adquirir foram essências para a minha formação, acredito ter desenvolvido com eficiência as atividades que foram confiadas a mim, e os conhecimentos que adquirir desenvolvendo-as por sua vez servirão como forma de experiência para a minha vida profissional.

2 ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

A trajetória universitária oferece além dos conhecimentos específicos do curso outras experiências importantes para a vida profissional, refiro-me aos eventos acadêmicos oferecidos pelas instituições. Enquanto graduanda busquei aproveitar essas oportunidades e sempre que foi possível participei dos eventos, em especial aqueles voltados para o secretariado. Nesse percurso participei de vários eventos alguns como ouvinte e outros como participante da organização.

A seguir apresento alguns dos eventos que participei e os considerei essenciais para a minha vida pessoal e profissional.

- **PALESTRA: O SECRETÁRIO EXECUTIVO COMO AGENTE EMPREENDEDOR**

O evento foi realizado no dia 27 de setembro de 2011, na UFPB – Campus IV- Litoral Norte em Mamanguape/PB. Estive presente na qualidade de participante.

- **V OFICINA PEDAGÓGICA DE SECRETARIADO**

O evento foi realizado nos dias 24 e 25 de novembro de 2011, na UFPB- Campus IV em Mamanguape/PB. Estive presente na qualidade de participante e monitora das oficinas de Domínio das Técnicas Secretariais e Inglês Instrumental.

- **NOVOS TEMPOS, NOVA EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO**

O Minicurso foi um oferecimento da I Semana Educação Empreendedora realizada nos dias 19 a 20 de novembro de 2013 pela Rede educativa, empreendedora e colaborativa no secretariado (RECOSEC) na UFPB- Campus IV- Litoral Norte em Mamanguape/PB. Com carga horária total de 3 horas. Estive presente na qualidade de participante.

- **III ENCONTRO NACIONAL ACADÊMICO DE SECRETARIADO EXECUTIVO- ENASEC/ IV ENCONTRO DE SECRETARIADO EXECUTIVO DA PARAÍBA- ENSECE**

O evento foi realizado na UFPB no período de 09 a 12 de outubro de 2013. Com carga horária de 30 horas.

Estive presente na qualidade de participante. Participei também de dois Minicursos oferecidos pelo ENASEC e ENSECE intitulados:

- ✓ "Os Novos instrumentos e Ferramentas Tecnológicas nas atividades Secretariais" e "Pesquisa Científica como Ferramenta de (Re) construção do Secretariado Executivo" com carga horária total de 4 horas cada.

- **V ASSEMBLEIA DO POVO POTIGUARA DA PARAÍBA**

A Assembleia foi oferecida por universitários indígenas da Universidade Federal da Paraíba juntamente com as autoridades locais, realizada nos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2013, na Aldeia São Francisco, Terra indígena Potiguara localizada na Baía da Traição/PB. Estive na qualidade de participante.

- **V OFICINA PEDAGÓGICA DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**

A oficina foi um oferecimento do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) em que teve como temática **"Responsabilidade Social de Desenvolvimento Profissional"** realizada no dia 12 de dezembro de 2013 na UFPB- Campus IV-Litoral Norte em Mamanguape/PB. Com carga horária de 8 horas.

Na ocasião fiz parte da Comissão Organizadora e ministrei o minicurso **"Comunicação e Redação Organizacional"** juntamente com a bolsista do projeto Deliene de Souza Ribeiro, numa carga horária total de 4 horas.

- **I ASSEMBLEIA DOS UNIVERSITÁRIOS POTIGUARA DA PARAÍBA**

A Assembleia foi promovida pela Associação Universitária Potiguara (AUP), durante os dias 25 e 26 de julho de 2014, na UFPB - Campus IV- Litoral Norte em Rio Tinto/PB. Com duração de 18 horas. Estive presente na qualidade de participante.

- **PALESTRA DE LANÇAMENTO DO OBSERVATÓRIO LATINO-AMERICANO DE SECRETARIADO**

O tema da palestra foi "Papel dos grupos de pesquisa para o debate epistemológico em Secretariado" sua realização ocorreu no dia 07 de agosto de 2014, na UFPB-Campus IV- Litoral Norte em Mamanguape/PB. Com carga horária total de 03 horas. Estive presente na qualidade de participante.

- **LANÇAMENTO DO NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZAÇÃO E SOCIEDADES – NEOS**

O evento foi realizado no dia 15 de outubro de 2014, no auditório do Centro de Ciências Aplicadas e Educação, em Mamanguape/Campus IV da UFPB, com carga horária total de 4 horas. Estive presente na qualidade de participante.

- **VII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE SECRETARIADO– ENESEC**

O Encontro foi realizado no período de 26 a 28 de novembro de 2014 na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador/BA. Com carga horária total de 25 horas. Estive presente na qualidade de participante, na ocasião

também participei do minicurso intitulado **"Potencialidades da Profissão para Atuar no Ramo da Consultoria".**

3 AVALIAÇÃO DE SEU DESEMPENHO NO CURSO

De uma forma geral, ao longo da minha trajetória acadêmica tenho me esforçado e buscado cumprir com os meus deveres enquanto discente, sempre procurei superar os meus próprios limites e sempre que consigo alcançar um objetivo sinto-me realizada, mas quando o contrário ocorre é difícil superar a frustração, por isso me esforço o quanto posso para poder atender as minhas próprias expectativas. Foram anos me dedicando o quanto podia para assimilar e guardar o máximo de conhecimento possível. Foi um aprendizado continuo em que adquirir conhecimentos que estarão sempre me acompanho na vida profissional, nesse percurso pude contar com o ensino excelente de alguns educadores, professores que realmente escolheram a profissão certa.

Acredito que ainda tenho muito a aprender, mas tudo que já presenciei as experiências e o conhecimento que adquirir na minha graduação permite-me dizer que hoje atendo aos requisitos esperados do profissional em Secretariado.

4 TABELA DE PONTUAÇÃO (CONFORME RESOLUÇÃO)

ATIVIDADES ACADÊMICAS DE PRODUÇÃO INTELECTUAL	Nº DE CRÉDITOS
Ministrei o minicurso **"Comunicação e Redação Organizacional"** juntamente com a bolsista do projeto Deliene de Souza Ribeiro, numa carga horária total de 4 horas, na **V Oficina Pedagógica De Desenvolvimento Profissional** oferecida pelo Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) intitulado **"Responsabilidade Social de Desenvolvimento Profissional"** realizada no dia 12 de dezembro de 2013 na UFPB- Campus IV- Litoral Norte.	**1 Crédito**
Participei da comissão organizadora da **V Oficina Pedagógica De Desenvolvimento Profissional** oferecida pelo Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) intitulado **"Responsabilidade Social de Desenvolvimento Profissional"** realizada no dia 12 de dezembro de 2013 na UFPB- Campus IV- Litoral Norte em Mamanguape/PB. Carga horária total de 8 horas.	**1 Crédito**
Participei e fui monitora das oficinas de "Domínio das Técnicas Secretariais" e "Inglês Instrumental". Na **V Oficina Pedagógica De Secretariado** realizada nos dias 24 e 25 de novembro de 2011, na UFPB- Campus IV em Mamanguape/PB.	**¼ Crédito**
Presente na qualidade de participante na Palestra: **O Secretário Executivo Como Agente Empreendedor** realizado no dia 27 de setembro de 2011, na UFPB – Campus IV- Litoral Norte em Mamanguape/PB.	**¼ Crédito**
Participei do Minicurso intitulado **"Novos Tempos, Nova Educação para o Empreendedorismo,"** realizado na I Semana de Educação Empreendedora, que ocorreu nos dias 19 e 20 de novembro de 2013, pela Rede Educativa, Empreendedora e Colaborativa no Secretariado (RECOSEC) na UFPB- Campus IV- Litoral Norte em Mamanguape/PB. Com carga horária total de 3 horas.	**¼ Crédito**

Participei do **III Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo- ENASEC/ Iv Encontro de Secretariado Executivo Da Paraíba- ENSECE, o** evento foi realizado na UFPB no período de 09 a 12 de outubro de 2013. Com carga horária de 30 horas.	**¼ Crédito**
Participei do Minicurso "Os Novos instrumentos e Ferramentas Tecnológicas nas atividades Secretariais" oferecido pelo **III Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo- ENASEC/ IV Encontro de Secretariado Executivo da Paraíba- ENSECE,** realizados na UFPB no período de 09 a 12 de outubro de 2013. Carga horária de 4 horas.	**¼ Crédito**
Participei do Minicurso "Pesquisa Científica como Ferramenta de (Re) construção do Secretariado Executivo" oferecido pelo **III Encontro Nacional Acadêmico de Secretariado Executivo- ENASEC/ IV Encontro De Secretariado Executivo da Paraíba- ENSECE,** realizados na UFPB no período de 09 a 12 de outubro de 2013. Carga horária de 4 horas.	**¼ Crédito**
Participei da **V Assembleia Do Povo Potiguara Da Paraíba** realiada por universitários indígenas da Universidade Federal da Paraíba juntamente com as autoridades locais, realizada nos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2013, na Aldeia São Francisco, Terra indígena Potiguara localizada na Baía da Traição/PB.	**¼ Crédito**
Participei da **I Assembleia dos Universitários Potiguara Da Paraíba** promovida pela Associação Universitária Potiguara (AUP), durante os dias 25 e 26 de julho de 2014, na UFPB **-** Campus IV**-** Litoral Norte em Rio Tinto/PB. Com duração de 18 horas.	**¼ Crédito**
Participei da **Palestra De Lançamento Do Observatório Latino-Americano De Secretariado** intitulado "Papel dos grupos de pesquisa para o debate epistemológico em Secretariado" sua realização ocorreu no dia 07 de agosto de 2014, na UFPB**-** Campus IV**-** Litoral Norte em Mamanguape/PB. Com carga horária total de 03 horas.	**¼ Crédito**
Participei do evento de **Lançamento do Núcleo de Estudos e Sociedade – NEOS** promovido pelos integrantes do grupo de pesquisa, realizado no dia 15 de outubro de 2014, no auditório do Centro de Ciências Aplicadas e Educação, em Mamanguape/ Campus IV da UFPB, com carga horária de 4 horas.	**¼ Crédito**
Participei do Minicurso intitulado **"Potencialidades da Profissão para Atuar no Ramo da Consultoria"** no **VII Encontro Nacional de Estudantes De Secretariado – ENESEC** realizado no período de 26 a 28 de novembro de 2014 na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador/BA. Com carga horária total de 25 horas.	**¼ Crédito**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO CAMPUS IV – LITORAL NORTE

SECRETARIADO EXECUTIVO BILÍNGUE

MEMORIAL

TIAGO TAVARES FIDELIS

Mamanguape – PB, 2016

TIAGO TAVARES FIDELIS

MEMORIAL

Memorial submetido à coordenação do Curso de Secretariado Executivo Bilíngue para obtenção dos créditos relativos aos Conteúdos Curriculares flexíveis.

Mamanguape – PB, 2016

SUMÁRIO

1. HISTÓRICO DO ALUNO NO CURSO 3
1.1 DISCIPLINAS CURSADAS 6
1.2 OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES 14
1. 2. 1 EXTENSÃO 14
1. 2. 2 MONITORIA 14
1. 2. 3 ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO 16

2. ATIVIDADES EXTRACURRICULARES 17
2. 1 RECOSEC 18
2. 2 V ASSEMBLEIA DO POVO POTIGUARA DA PARAÍBA 18
2. 3 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DE SECRETARIADO 18
2. 4 I ASSEMBLEIA DOS UNIVERSITÁRIOS POTIGUARA 19
2. 5 CENTRO ACADÊMICO DE SECRETARIADO EXECUTIVO – CASEC 19
2. 6 7ª ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE SECRETARIADO – ENESEC.....20
2. 7 SECRETARIAR.....21
3. AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO ALUNO 21
4. TABELA DE PONTUAÇÃO 22
ANEXOS.....24

1 HISTÓRICO DO ALUNO NO CURSO

Meu nome é Tiago Tavares Fidelis aluno regularmente matriculado no nono período do curso de Secretariado Executivo Bilíngue sob matrícula 81113210. Ingressei na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no período 2011.1 sob prestação de vestibular. O curso de graduação que eu sempre quis fazer era Engenharia Civil, no entanto esse curso é ofertado no CAMPUS I na cidade de João Pessoa e em período integral, desse modo, não tive condições de cursá-lo pois moro a 80 km da capital e não havia ônibus público para levar os alunos e eu não tinha condições financeira para tal.

Ao findar o ensino médio, eu estava decidido que queria cursar engenharia civil, o meu amigo Antônio José dos Santos cursaria engenharia elétrica e nossa amiga Josilene Maria de Souza estava indecisa de qual curso escolheria. No entanto os cursos que pretendíamos ingressar são ofertados apenas no CAMPUS I, desse modo tentamos focar no CAMPUS IV, visto que estava dentro de nossa realidade. No mês de agosto de 2010 começou o cursinho pré-vestibular oferecido gratuitamente pela Universidade Federal da Paraíba, todos os sábados nós íamos para a Aldeia São Francisco nos preparar, a fim de adquirir uma boa nota no vestibular.

O Curso Pré-Vestibular da UFPB, Campus IV do Litoral Norte tem como objetivos: Proporcionar, prioritariamente, aos alunos do ensino médio da rede pública de ensino, a aprendizagem dos conhecimentos exigidos no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM); preparar o alunado do Vale do Mamanguape e do Brejo Paraibano para disputar, em igualdade de condições, as vagas oferecidas pelas Instituições de Ensino Superior (ISF) e incentivar alunos de graduação e de pós-graduação para a atividade de docência. Pois os monitores que lecionam no cursinho são alunos que estão vinculados à UFPB por meio da graduação, a partir de uma seleção são escolhidos aqueles que mais se adequam às vagas.

No cursinho conhecemos os monitores, estes compartilhavam seus conhecimentos e nos ajudavam a ter uma visão mais bem elaborada sobre a universidade. Gostaria de deixar registrado uma pessoa que se destacou muito em minha vida durante esse período, Maria Aparecida Vitor da Silva, monitora de português. Ela não falava apenas de quais cursos a universidade ofertava, mas também das atribuições

de cada profissional formado nos respectivos cursos, isso era muito importante para nós pois éramos leigos a respeito dos cursos, profissões e da universidade.

Tive curiosidade de saber qual curso ela estava se formando, ela estava no sétimo período do Curso de Secretariado Executivo Bilíngue. Eu sempre gostei de língua inglesa e quando ela me falou "bilíngue" eu quis saber quais idiomas o curso oferecia. Então ela me disse que "o curso de secretariado é muito amplo, você paga cadeiras de várias áreas e isso possibilita mais oportunidades no mercado e conhecimentos para prestação de concursos públicos".

Desse modo, eu e meus amigos pesquisamos os cursos ofertados no Campus IV visto que não haveria possibilidade de estudarmos no Campus I, então chegamos a conclusão que cursaríamos Secretariado Executivo Bilíngue. Prestamos vestibular e conseguimos ser classificado na mesma turma no período letivo 2011.1. No entanto, o Campus IV estava um período letivo atrasado por isso, no dia 15 de agosto de 2011é que começa a jornada desses três jovens indígenas que cresceram na Aldeia São Miguel localizada na cidade de Baia da Traição.

Hoje posso dizer que o primeiro período letivo na universidade foi o mais difícil de todos. Não me refiro as disciplinas, mas em relação as dificuldades que tivemos de enfrentar. A prefeitura não disponibilizava ônibus para o Campus IV, havia apenas um ônibus que ia para o Campus I e como moramos a 80 km da capital o ônibus saia as 16h:30, então pegávamos esse ônibus e chegávamos na universidade por volta das 17:15h. Como não tínhamos condições financeiras de jantar na universidade, levávamos nossa janta. Durante esse período houve uma pessoa que testemunhou e até participou conosco durante algumas jantas, a técnica Adailza de Lima Silva.

As aulas terminavam por volta das 22:00h, e como corríamos risco de assalto se ficássemos na pista esperando o ônibus voltar de João Pessoa, pegávamos carona até a praça central da cidade de Rio Tinto, onde ficávamos até 23:30h esperando o ônibus voltar do Campus I, chegávamos em casa por volta de 12:15h da manhã.

Após muito esforço finalizamos o primeiro período com boas notas. O retorno para o segundo semestre foi bem mais inspirador, mais alunos da minha cidade foram aprovados no vestibular e nos reunimos para solicitar um ônibus à prefeitura, este deveria sair da cidade às 18:20h e retornar no final das aulas às 22:00h. Não foi fácil,

mas conseguimos. Outra vitória foi quando houve seleção para o Auxílio Alimentação, fizemos a inscrição e conseguimos.

Quero deixar registrado a importância da assistência estudantil para a permanência do alunado na instituição de ensino. A população das cidades circunvizinhas ao Campus IV tem suas limitações se levarmos em consideração a situação financeira. Desse modo, ao ser selecionado para uma graduação o aluno não enfrenta apenas as disciplinas que compõem a grade curricular do curso que está vinculado, outro grande desafio é a sua permanência no curso, pois a insuficiência de recursos para a sua manutenção faz com que haja desistência nos cursos ou retardo em sua conclusão.

Assim, para que os alunos atinjam sua plenitude acadêmica é necessário associar a qualidade do ensino ministrado à uma política efetiva de assistência em termos de moradia, alimentação, saúde, esporte, lazer e cultura. Desse modo se faz necessário a implementação de políticas que criem condições objetivas de permanência deste segmento na instituição, a fim de garantir a igualdade de oportunidades aos estudantes da UFPB na perspectiva do direito social, proporcionar aos alunos as condições básicas para sua permanência na instituição, e, também, assegurar aos graduandos os meios necessários ao pleno desempenho acadêmico, prevenindo a evasão, quando decorrentes de dificuldades socioeconômicas.

Houve também uma prova seletiva para o projeto de extensão em Língua Inglesa e Espanhol, como dito anteriormente, sempre gostei do inglês, fiz a seleção para o idioma e fui classificado. Então nesse período além da graduação, eu também participava durante dois dias na semana da extensão. Foi mais um desafio concluir este curso, as aulas eram presenciais nas terças e quintas das 17:00h as 19:00h, desse modo eu saia de minha residência às 16:00h e após o término das aulas da extensão eu já me dirigia as aulas da graduação. A extensão teve durabilidade de 3 anos comportando 6 módulos: Básico I, Básico II, Pré-intermediário I, Préintermediário II, Intermediário I e Intermediário II. Em todos eu obtive aprovação e conclui com sucesso.

Quando eu estava no quarto período letivo da graduação, houve seleção para monitoria em Língua Inglesa. Consegui conquistar uma vaga com muito sacrifício. Eu não pude ir pessoalmente realizar minha inscrição pois estava no hospital recém cirurgiado, então pedi para que minha amiga Josilene Maria a fizesse por mim. No

entanto, com poucos dias foi a realização da prova, e eu deveria estar na universidade para fazer o teste, desse modo, após cinco dias da cirurgia de retirada de apêndice eu fui fazer a prova e passei em primeiro lugar.

Sei que pode não parecer grande coisa, mas eu estava passando por um momento difícil, levando em consideração as minhas condições eu fiquei muito satisfeito comigo mesmo. Fiquei como monitor durante dois semestres, durante esse período pude aperfeiçoar os conhecimentos e percebi o prazer pela docência.

Não posso falar por todas as pessoas, mas afirmo isso pela experiência que tive, pude observar que a universidade oferece além da graduação, outras maneiras de adquirir e aperfeiçoar os conhecimentos do alunado. O processo de seleção de monitoria em algumas disciplinas é um programa de extrema importância, não só para os alunos que se encontram em dificuldades nas aulas como também favorece o aluno monitor de forma significativa.

Hoje sou professor de Língua Inglesa na minha cidade na Escola Municipal Antônio Azevedo, e posso afirmar que isso é fruto das oportunidades oferecidas dentro da universidade. A partir das minhas experiências percebi que a universidade não se trata apenas de uma graduação em sala de aula, vai muito além, a formação acadêmica não é só aprovação em todas as disciplinas na grade curricular do curso, existe vários outros aspectos que formam os graduandos de forma diferenciada, no entanto, é escolha do aluno ir além ou ficar apenas na sala de aula.

1.1 DISCIPLINAS CURSADAS

Cursei 47 disciplinas que equivalem 159 créditos e uma carga horária de 2.385 horas, tendo integralizado 88% da carga horária total de aproveitamento do curso concluído.

NOME DA DISCIPLINA	**CÓDIGO**	**CR**	**CH**	**PERÍODO**	**MÉD**
TÉCNICAS SECRETARIAS I	8108064	3	45	2011.1	8.5
METODOLOGIA DO TRABALHO CIENT.	8101107	4	60	2011.1	9.0
INTRODUCAO A SOCIOLOGIA	8101105	4	60	2011.1	8.2
INTRODUÇÃO A FILOSOFIA	8101104	4	60	2011.1	9.0
FUND. SOCIO-HIST. E POL. DO BRASIL	8101125	3	45	2012.1	8,8

LÍNGUA ESPANHOLA I -SECRT	8105022	3	45	2012.1	9.6
TÉCNICAS SECRETARIAIS II	8108065	3	45	2012.1	9,5
COMUNICACAO EMPRESARIAL	8101127	3	45	2012.1	9,5
LINGUA INGLESA I - SECRETARIADO	8105008	4	60	2012.1	10,0
LINGUA PORTUGUESA I	8105018	4	60	2012.1	8,8
LÍNGUA PORTUGUESA II	8105019	4	60	2012.2	8,7
LINGUA INGLESA II - SECRETARIADO	8105009	4	60	2012.2	10.0
INTRODUCAO A INFORMATICA	8103129	3	45	2012.2	9.0
PESQUISA APLICADA PARA SECRET.	8108073	3	45	2012.2	10.0
LÍNGUA ESPANHOLA II - SECRET	8105023	3	45	2012.2	9.3
TEORIAS DE ADMINISTRAÇÃO I	8108066	3	45	2012.2	9.5
INFORMATICA APLICADA A SECRET.	8103130	3	45	2013.1	10,0
GESTÃO ORGANIZACIONAL	8108067	3	45	2013.1	9,5
RED. COMERCIAL EM PORTUGUÊS I	8105004	3	45	2013.1	9,2
LÍNGUA ESPANHOLA III - SECRET	8105024	3	45	2013.1	9.1
LINGUA INGLESA III - SECRETARIADO	8105010	4	60	2013.1	10.0
MATEMATICA ELEMENTAR	8103108 4	4	60	2013.1	10.0
RED. COMERCIAL EM PORTUGUÊS II	8105005	3	45	2013.2	10.0
LINGUA INGLESA IV - SECRETARIADO	8105011	4	60	2013.2	10.0
PLANEJAMENTO ESTRAT. PARA SEC.	8108074	3	45	2013.2	8.9
ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO	8108077	3	45	2013.2	9,0
LÍNGUA ESPANHOLA IV - SECRET	8105025	3	45	2013.2	9.3
MATEMATICA FINANCEIRA	8108009	4	60	2013.2	8.5
GESTÃO CONTÁBIL PARA SECRET	8108068	3	45	2014.1	8.7
LÍNGUA ESPANHOLA V - SECRET	8105026	3	45	2014.1	8.9
ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	8108069	4	60	2014.1	9.0
PSIC. DAS RELACOES HUMANAS	8101122	3	45	2014.1	8.3
REDACAO COMERCIAL EM INGLÊS	8105016	3	45	2014.1	10.0
INST.DE DIR. PÚBLICO E PRIVADO	8108061	4	60	2014.1	10.0
ETICA PROFISSIONAL	8101146	3	45	2014.2	8.5
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	8108070	4	60	2014.2	10.0
ESTATISTICA I	8103124	4	60	2014.2	10.0
TECNICAS DE TRADUCAO EM INGLES	8105017	3	45	2014.2	9.3
REDACAO COMERCIAL EM ESPANHOL	8105027	3	45	2014.2	8.9
INTRODUÇÃO A MÁRKETING	8108063	3	45	2014.2	9.2
RELAÇÕES PÚBLICAS	8108078	3	45	2015.1	9.8
ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	8108071	4	60	2015.1	10.0
LEGISL. SOCIAL E DIREITO DO TRAB.	8108062	4	60	2015.1	9.8
TEC. DE TRADUCAO EM ESPANHOL	8105028	3	45	2015.1	8.8
ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS	8108081	3	45	2015.1	10.0
DIREITO EMPRESARIAL	8108089	3	45	2015.1	10.0
COMÉRCIO EXTERIOR	8108079	3	45	2015.2	Cursando

CERIMONIAL, PROT. E ETIQ. EMPRES.	8108076	4	60	2015.2	Cursando
ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	8108072	8	120	2015.2	Cursando

As disciplinas citadas fazem parte da minha preparação profissional para o mercado de trabalho. A partir das disciplinas específicas da área de secretariado pude ter conhecimento das principais características da profissão, as demais disciplinas complementaram de forma significativa o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

No primeiro período do curso nos deparamos com as disciplinas: 1 - Introdução a Sociologia; 2 - Introdução a Filosofia; 3 - Metodologia do Trabalho Científico; 4 - Economia I; 5 - Técnicas Secretarias I.

A princípio, eu ficava me perguntando acerca de algumas disciplinas estarem inseridas na grade curricular do curso, por exemplo, quando me deparei com Introdução a Sociologia e Introdução a Filosofia, eu não fazia ideia da importância dessas disciplinas no curso. Com elas pude aprender acerca da sociedade, suas instituições e movimentos sociais, seus conflitos e suas mudanças na história. Adquiri uma visão acerca dos problemas sociais, econômicos, políticos e culturais da sociedade moderna. Esse conhecimento foi de extrema importância pois o profissional de secretariado deve estar sempre atualizado, ter conhecimentos dos acontecimentos ao seu redor.

A disciplina de Metodologia do Trabalho Científico pode ser considerada base para todos os trabalhos acadêmicos que o aluno desenvolve durante sua formação, e até mesmo após o término da graduação, esse é um conhecimento que deve ser levado para toda vida. A partir desta disciplina pudemos ter conhecimento sobre a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Antes de eu ingressar na universidade, eu desconhecia a ABNT bem como seus objetivos. Logo após o entrosamento com a disciplina percebi que deveria me dedicar bastante para adquirir o máximo de conhecimento possível. Os conhecimentos referentes a essa disciplina são exercitados e aperfeiçoados até hoje.

A disciplina de Economia I vem nos oferecer uma base acerca do mercado, sistema monetário brasileiro, a economia no Brasil, os processos de oferta e demanda, entre outras coisas que são essenciais para o profissional de Secretariado. Os

conhecimentos adquiridos nessa disciplina são ampliados quando em contato com a realidade na qual estamos inseridos.

Na disciplina de Técnicas Secretariais está todo o embasamento teórico da profissão. É a disciplina responsável em mostrar para os alunos o que é de fato ser um Secretário Executivo a partir do desenvolvimento correto das técnicas necessárias para tal função. É nesse momento que o aluno se sente realmente no Curso de Secretariado Executivo, pois por se um curso multidisciplinar, temos disciplinas de diversas áreas, o que amplia o campo de conhecimento e atuação do profissional.

No segundo período do curso temos as disciplinas: 1 - Comunicação Empresarial; 2 - Língua Inglesa I; 3 - Língua Portuguesa I; 4 - Língua Espanhola I; 5 - Técnicas Secretariais II.

Neste semestre temos a continuidade das técnicas secretarias e entramos nas disciplinas de línguas que seguem como pré-requisito para as posteriores.

A disciplina de Língua Portuguesa é mais que fundamental na graduação do profissional de secretariado, uma vez que, este irá trabalhar diretamente com redações comerciais, comunicação interna e externa, entre outras atividades que precisam de muita habilidade e domínio da língua materna. Sempre fui apaixonado pela disciplina de Língua Portuguesa e posso dizer que os conhecimentos adquiridos nesta área sempre estarão presentes no desenvolver de minhas atividades.

Temos também disciplinas de línguas Língua Inglesa e Língua Espanhola, quanto a elas, posso dizer que de modo geral que o conhecimento foi superficial.

Se o objetivo dessas disciplinas é fazer com que o aluno saia do curso falando fluente o inglês ou espanhol, infelizmente falou. No entanto, as disciplinas oferecem uma base, um caminho a ser seguido para aqueles que querem de fato se dedicar a conseguir algo mais quanto a fluência dos idiomas. Um dos motivos de eu ter escolhido o curso de Secretariado Executivo é o fato de, em sua grade curricular, ter cadeiras de Língua Inglesa, como eu gosto muito do idioma, me dediquei e fiz uma seleção para fazer extensão em Língua Inglesa e pude complementar os conhecimentos da graduação com a extensão.

Quanto a disciplina de Língua Espanhola, cursei apenas na graduação e adquiri uma base, mas com limitações.

Nesse semestre vimos também a disciplina de Comunicação Empresarial, esta, nos fez entender os meios que as empresas usam para conseguir seus objetivos, entendemos o principal foco das organizações e percebemos que no meio das grandes negociações somos apenas peças "usadas" para as empresas conseguirem atingir o alvo. Os conhecimentos que adquiri nesta disciplina me fez entender o meio empresarial, como funciona o mercado, o papel da população e o papel dos profissionais de Secretariado Executivo nos processos dentro do mercado.

No terceiro período, temos as disciplinas: 1 - Língua Inglesa II; 2 - Língua Portuguesa II; 3 - Língua Espanhola II; 4 - Teorias de Administração I; 5 - Pesquisa Aplicada a Secretariado; 6 - Introdução a Informática.

A disciplina de Teoria da Administração nos traz um embasamento do surgimento dos meios de produção, os processos até a chegada da estrutura organizacional que hoje conhecemos.

Quanto a disciplina de Pesquisa Aplicada a Secretariado, eu diria que é uma disciplina de preparação para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Esta cadeira dá ao graduando a oportunidade de se familiarizar ainda mais com as áreas específicas de secretariado e de conhecer de forma mais aprofundada o profissional, além de exercitar os conhecimentos sobre metodologia do trabalho científico.

Neste período temos também Introdução a Informática, sem sombra de dúvida é uma disciplina que está diretamente ligada ao profissional de secretariado visto que este profissional deve ter domínio das novas tecnologias a fim de ser mais qualificado no mercado.

No quarto período, estudamos as disciplinas: 1 - Informática Aplicada a Secretariado; 2 - Redação Comercial em Português I; 3 - Língua Inglesa III; 4 - Língua Espanhola III; 5 - Gestão Organizacional; 6 - Matemática Elementar.

A disciplina de Informática Aplicada a Secretariado é continuidade da Introdução a Informática, é indiscutível sobre a importância dessa disciplina para o

profissional de secretariado, sem sombra de dúvidas é fundamental o domínio das técnicas relacionadas à tecnologia.

Neste período vimos também a disciplina de Redação Comercial em Português, estudamos os gêneros textuais, aprendemos sobre oratória, polifonia, impessoalidade nas redações oficiais e outros assuntos fundamentais para a formação do profissional de secretariado. Essa disciplina contribuiu muito para minha formação, pois pude ver as ferramentas de trabalho do profissional, nessa disciplina pudemos praticar vários conhecimentos estudados nas disciplinas de Língua Portuguesa, exercitamos também os conhecimentos referentes ao domínio da informática, pois trabalhamos com E-mail, Ofício, Ata, Memorando e outras atividades que necessitaram do domínio dos programas de computador.

Desse modo, comecei a perceber a maneira como as disciplinas interagem entre si, eu diria que somos como um depósito que acumula conhecimento e em determinado momento utilizamos as habilidades das mais diversas áreas a fim de alcançar um único objetivo.

Na Disciplina de Gestão Organizacional vimos uma continuidade dos conteúdos vistos na disciplina de Teorias da Administração.

A disciplina de Matemática Elementar trouxe vários questionamentos na nossa turma (2011.2), ficávamos nos perguntado o porquê de estudar matemática no Curso de Secretariado. No entanto, com o passar do tempo percebemos que existe de fato a necessidade desse conhecimento por parte dos profissionais de secretariado executivo, uma vez que esse profissional também pode ficar responsável por transações financeiras que exijam conhecimento específico da contabilidade. O mesmo serve para a disciplina de Matemática Financeira, estudada no quinto período.

No quinto período, estudamos com as disciplinas: 1 - Redação Comercial em Português II; 2 - Língua Inglesa IV; 3 - Língua Espanhola IV; 4 - Matemática Financeira; 5 - Planejamento Estratégico para Secretariado; 6 - Arquivo e Documentação.

Temos nesse período a disciplina de Planejamento Estratégico para Secretariado. Essa disciplina vem mostrar o profissional atuante dentro de uma empresa, seja pública ou privada, e nos ensina a criar métodos para alcançar melhorias, fazer

estudos dentro da empresa, verificar os pontos fortes e fracos, planejar, executar e acompanhar o processo de mudança a fim de saber se o objetivo foi de fato alcançado. Foi muito satisfatório estudar essa disciplina e poder absorver algum conhecimento. Não há dúvidas de que uso e continuarei usando os ensinamentos oferecidos pela matéria.

Estudamos também neste período Arquivo e Documentação, uma disciplina que foi de extrema importância para o desenvolvimento do meu estágio supervisionado. Todos os conhecimentos adquiridos nessa disciplina foram executados na prática na disciplina de estágio. Apesar de que o método de ensino poderia ter sido melhor, foi muito bom conhecer sobre as técnicas de arquivamento, tipos de documentos, manuseio desses documentos bem como a forma correta de arquivar cada um conforme sua especificidade.

No sexto período, estudamos com as disciplinas: 1 - Língua Espanhola V; 2 - Psicologia das Relações Humanas; 3 - Redação Comercial em Inglês; 4 - Gestão Contábil para Secretariado; 5 - Estágio Supervisionado I; 6 - Instituição de Direito Público e Privado.

Neste período nos deparamos com Psicologia das Relações Humanas, uma disciplina que nos ofereceu uma complementação das disciplinas estudadas no primeiro período. A disciplina de Gestão Contábil está relacionada as disciplinas de Matemática, já comentadas anteriormente, a disciplina de Direito Público e Privado nos deu a oportunidade de estudar sobre direito constitucional, administrativo, penal, público, direito civil, comercial e do trabalho.

Nesse semestre inicia as disciplinas de Estágio Supervisionado Obrigatório que tem seu primeiro momento apenas em sala de aula como uma preparação para o campo de estágio. É a oportunidade de saber quais empresas são conveniadas à UFPB, conhecer a documentação que deve ser preenchia e os processos para regularização do estágio. Uma das maiores preocupações dos graduandos nessa fase é o campo de estágio que, de certa forma, é limitado, ficando muitos alunos sem escolha, tendo que cumprir com a carga horária em escolas públicas ou até mesmo na própria UFPB.

Nesse momento eu já havia tomado minha decisão de não fazer meu estágio em escolas, nem na UFPB. Escolhi estagiar em um empresa privada por motivos

óbivios, estudamos disciplinas específicas da área da adiminstração, muitos conceitos que vimos é realcionado as empresas, e, sobretudo, eu queria colocar em prática tudo o que eu tinha visto na teoria. E como eu já ouvia os alunos falarem sobre as falhas dos estágios realizados em escolas e na universidade, eu decidi procurar dentre as empresas conveniadas a que mais me seria viável, levando em consideração as oportunidades de relacionar os conhecimentos adquiridos na teoria com a prática.

Dentre a lista das empresas estava a Cerâmica Salema□, uma empresa que fabrica tijolos, lajotas e derivados. Então tentei meu estágio nesta empresa, no entanto, o convênio com a universidade já havia vencido. Desse modo tentei estagiar na Usina Monte Alegre, entrei em contato com a empresa para saber a respeito do convênio, eles não souberam informar se o convênio estava ativo, desse modo fui no Campus I a fim de verificar. O convênio estava ativo e consegui realizar o estágio com a empresa. Descreverei mais sobre esse assunto posteriormente.

No sétimo período, estudamos com as disciplinas: 1 - Técnicas de Tradução em Espanhol; 2 - Ética Profissional; Estatística I; 3 - Técnicas de Tradução em Inglês; 4 - Introdução a Marketing; 5 - Estágio Supervisionado II.

Neste período damos continuidade com línguas estrangeiras, sendo agora com a disciplina de Técnicas de Tradução. Foi um momento muito oportuno visto que já havíamos cursado cinco disciplinas utilizando os idiomas. As técnicas de tradução são essenciais, sobre tudo para aqueles profissionais que trabalham em empresas que fazem negócios internacionais, é um conhecimento que só tem a acrescentar na nossa formação. Mesmo que de forma superficial, ao menos pudemos ter o contato com algumas técnicas.

A disciplina de Ética Profissional também vem complementar algumas disciplinas já cursadas, pudemos perceber e trabalhar de forma mais familiarizada com a matéria uma vez que já tínhamos um certo conhecimento.

Ao estudar Estatística, percebi a importância dos métodos utilizados para o desenvolvimento do TCC. Pudemos trabalhar com coleta de dados, organização e elaboração de gráficos com esses dados a fim de ter as informações mais acessíveis e legíveis. Pude exercitar esse conhecimento no desenvolvimento do meu estágio supervisionado obrigatório e creio que vou levar para toda vida.

A disciplina de Introdução a Marketing trouxe, também, uma complementação de algumas disciplinas estudadas. No entanto, pudemos nos aprofundar mais na área, aprendemos técnicas de marketing pessoal, aprendemos a fazer pesquisa de marketing para que tenhamos a capacidade de saber em que tipo de negócio o mercado é promissor. Isso contribuiu muito não só para minha formação dento da universidade, mas me ajudou também no meu negócio. Sou proprietário de uma lanchonete e com os estudos em sala pude relacionar às práticas da minha realidade e constatei que trouxe melhorias para meu empreendimento.

Como dito anteriormente, tentei realizar meu estágio supervisionado obrigatório na Usina Monte Alegre, foi marcado o dia da minha entrevista com a Gerente de Recursos Humanos a Sr. ª Cicília Gonçalves. Durante a entrevista para solicitação do estágio falei em qual curso estou me graduando, a Sr. ª Cicília falou: “mas nem recepcionista nós temos”. Com essa expressão, lembrei imediatamente das orientações das Professoras. Aprendemos que ao solicitar estágio nas empresas deveríamos apresentar a profissão de Secretariado e suas atribuições, então comecei imediatamente a falar das atividades que esse profissional está apto a realizar.

A Gerente afirmou que ficaria muito feliz se eu contribuísse com a empresa. Segundo ela, o estágio é uma oportunidade para os graduandos mostrarem seus conhecimentos e com isso a empresa tem chance de absolver conceitos específicos sobre determinada área.

Cumpri com a carga horária referente aos estágios II, III, IV na empresa. Posso dizer que essa foi umas das melhores experiências que universidade me proporcionou, tudo que eu aprendi em sala, tive a oportunidade de colocar em prática. No término das atividades de estágio, devemos entregar um relatório na Coordenação de Estágio referente ao período das atividades práticas dentro da empresa. Ao elaborar o meu relatório fui muito cuidadoso para que ficasse da melhor forma possível, a partir das instruções da orientadora do estágio, a Prof.ª Maika Zampier, desenvolvemos o relatório de tal forma que a ela, por também ser a coordenadora do curso, quis utilizá-lo para servir de modelo aos outros alunos. Isso foi muito gratificante.

A partir desse estágio, a empresa fez um contrato de Estágio Não Obrigatório, o que me permitiu ficar na empresa durante um ano, e no término ainda

tive a proposta de contratação, não aceitei por motivos pessoais, mas isso me levou a crer que todo o conhecimento adquirido valeu a pena, todo esforço foi válido.

No oitavo período, estudamos com as disciplinas: 1 - Legislação Social e Direito do Trabalho; 2 - Estágio Supervisionado III; 3 - Relações Públicas; 4 - Redação Comercial em Espanhol.

Nesse período também cumpri com a carga horária referente a duas disciplinas optativas: 1 - Direito empresarial; 2 - Organização de Eventos.

A primeira trouxe-me vários ensinamentos referentes as normas disciplinadoras da atividade negocial do empresário, das empresas entre outros. A segunda pôde ser trabalhada de forma intensa pela nossa turma, criamos o ÔXE EXECUTE – Estudantes Executando Eventos mostramos a execução de uma festa junina. Foi uma oportunidade ímpar em que pudemos relacionar os conteúdos teóricos com a prática. Consequentemente, adquirir mais experiência referente ao assunto, contribuindo assim, para um profissional mais qualificado, visto que através da nossa formação, teremos autonomia de coordenar eventos.

Quanto as disciplinas obrigatórias, estudei Relações Públicas, com ela pude observar mais um campo de atuação para o profissional de secretariado. Percebemos que também temos a capacidade de dominar as técnicas relacionadas à profissão de relações públicas. O que contribui muito para nossa formação e qualificação no mercado de trabalho.

Na disciplina de Legislação Social e Direito do Trabalho, aprofundamos nosso conhecimento acerca das classes de trabalhadores, direitos, deveres, tipos de contrato, rescisão, demissão, entre vários outros assuntos que contribuíram para minha formação. De um modo geral, posso afirmar que todo conhecimento adquirido em cada disciplina me trouxe uma visão crítica e ampla, me deu mais autonomia, e contribuiu para eu ser quem sou hoje.

1.2 OUTRAS ATIVIDADES CURRICULARES

1. 2. 1 EXTENSÃO

Como dito anteriormente, fiz a seleção para participar da Extensão em Língua Inglesa e fui aprovado, a coordenadora do projeto era a professora Ruth Marcela

Bown Cuello. As aulas iniciaram no período 2012.1, as aulas eram presenciais nas terças e quintas das 17:00h às 19:00h totalizando carga horária de 60h por período letivo. Foram 6 módulos: Básico I, Básico II, Pré-intermediário I, Pré-intermediário II, Intermediário I e Intermediário II. Em todos eu obtive aprovação e conclui com sucesso.

1. 2. 2 MONITORIA

No período letivo de 2013.1 foi aberta seleção para monitoria em Língua Inglesa no projeto da professora Barthyra Cabral Vieira de Andrade Claudino, fiz a seleção e fui aprovado em primeiro lugar. Ser aprovado na monitoria foi uma conquista muito gratificante, pois eu realizei as provas no dia 13 de maio e no dia 5 do mesmo mês eu havia passado por uma cirurgia de retirada de apêndice.

A monitoria contava com uma bolsa no valor de R$ 400,00 recebido mensalmente durante o semestre letivo. Essa bolsa foi mais um incentivo para minha permanência na graduação, pois além de contar com o auxílio financeiro, pude pôr em prática e aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos na extensão em Língua Inglesa. Fui monitor durante os períodos 2013.2 e 2014.1 com carga horária semanal de doze horas. As atividades propostas pela professora responsável da disciplina em seu Plano de Ação foram:

 Plantão de monitoria – os plantões aconteciam de acordo com os horários dos discentes. Nas terças e quintas das 17 as 19 horas. Esses atendimentos tinham como objetivo reforçar o assunto visto nas aulas e tirar dúvidas dos alunos além de realizar revisões para as provas escritas e orais.

 Newsletter – jornal escrito em Língua Inglesa, elaborado pelos monitores, voltado para o ambiente acadêmico dos alunos do curso de Secretariado Executivo. Trazendo temas atuais da área secretarial e outros temas interessantes. Os alunos também podem participar da produção deste material enviando matérias que julguem interessantes e relevantes para seu aprendizado. O Newsletter é distribuído entre os alunos a cada dois meses. Apresentarei um exemplar no anexo.

 Auxilio na sala de aula – essa atividade tem o objetivo de levar o monitor para sala de aula junto com o professor responsável. O monitor auxilia na aula ao mesmo tempo que tem a oportunidade de desenvolver atividades para facilitar o processo de aprendizagem. Atraindo, assim, a atenção dos alunos para se entrosarem mais com os monitores e a

monitoria. Esse exercício era possível sempre que os monitores tivessem aulas vagas, visto que, ambos graduam no mesmo curso e horário.

A experiência como monitor de Língua Inglesa foi muito importante para meu crescimento pessoal e profissional. Me trouxe mais confiança e me fez perceber que estar em uma universidade não é só estudar e sair com um diploma na mão. Costumo dizer que o importante não é o aluno passar pela universidade e sim, a universidade passar pelo aluno. Por que dessa forma ele vai poder enxergar as várias oportunidades de ensino que a instituição pode lhe proporcionar. Bastar ter interesse e buscar.

O papel do monitor segundo a lei de 1969 (lei nº 5692/ 69) é exercido por alunos de graduação que tenham bom desempenho na disciplina em questão. Sua inclusão no processo educativo visa fazer uma ponte entre alunos (levando sugestões deles para o professor da disciplina) e professores (expondo as dificuldades dos alunos).

O programa de monitoria apresenta-se atualmente como um importante espaço no qual se pode conceber os alicerces iniciais de uma formação voltada para a docência. A monitoria é uma forma de iniciação à docência que, desde cedo, desenvolve, em uma parcela dos alunos da graduação, o gosto pela atividade docente.

Quando monitor, eu atuava de forma mais próxima dos estudantes. Pelo fato de ser também estudante, os alunos se sentiam mais à vontade comigo.

Essa experiência foi de extrema importância para minha formação e ficará guardada em meu coração. Pude ver a universidade de uma forma diferente. Consegui transpassar o conhecimento que adquiri para os novos alunos e isso me fez perceber a universidade como um órgão que produz e reproduz conhecimento. No desenvolver das atividades observei que meu conhecimento era cada vez mais aprimorado, ou seja, sempre que eu compartilhava o saber, estava aprendendo mais e isso despertou em mim o prazer de pela docência.

No mês de março de 2016, comecei a lecionar língua inglesa nas séries de 6º ao 9º ano na Escola Municipal Antônio Azevedo, que está situada na Rua Osvaldo Trigueiro na cidade de Baia da Traição. Para mim é uma alegria imensa poder compartilhar meus conhecimentos na mesma escola em que eu estudei.

Como forma de comprovação de experiência lecionando, utilizei o certificado da monitoria e passei na seleção proposta pela escola. Com isso, percebi que a universidade tem o poder de abrir caminhos àqueles que realmente querem trilhar uma jornada de compromisso com seus objetivos.

1. 2. 3 ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO

Na grade curricular do curso de Secretariado Executivo Bilíngue há quatro disciplinas de estágio, a primeira é uma preparação em sala de aula sobre as posteriores que devem ser desenvolvidas de forma prática em alguma organização. A empresa que eu desenvolvi as atividades de estágio supervisionado obrigatório foi a Usina Monte Alegre SA - Mamanguape. Após o término da carga horária das disciplinas de estágio obrigatório a empresa me fez a proposta de um estágio não obrigatório, eu aceitei cumpri com a carga horária devida.

A atividade foi desenvolvida na Usina Monte Alegre S/A CNPJ: 090.946.32/0002-17 no período de 04 de novembro de 2015 à 04 de maio de 2016 com carga horária semanal de 30h, totalizando 780 horas de atividades práticas. Tendo como supervisora do campo de estágio a Sr. ª Cicília Maria Gonçalves da Silva, Gerente de Recursos Humanos e como orientadora a Professora Maika Bueque Zampier.

As atividades desenvolvidas durante o estágio foram:

- Prestação de suporte geral nas atividades administrativas
- Organização de arquivo – arquivos correntes e permanentes
- Elaboração de apresentação e comunicação interna
- Organização de evento coorporativo
- Atendimento telefônico
- Atendimento ao público
- Treinamento de pessoal.

A partir do desenvolvimento das atividades do estágio pude observar qual área de atuação do Secretário Executivo que mais me identifica. Tive a oportunidade de

testar meus conhecimentos e enxergar as condições para eu exercer a profissão, me fez perceber em que pontos eu sou forte e em quais aspectos preciso melhorar.

Durante esse período trabalhei a dimensão prática da profissão e posso dizer que foi uma preparação para ingresso no mercado de trabalho. Desenvolvi tarefas que relacionam e integram a formação acadêmica com a atividade prática-profissional em sua magnitude mercadológica.

2. ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

Atividades extracurriculares são atividades que realizamos no perído em que estamos nos graduando mas que não fazem parte do programa de estudos, tornando-se assim, um meio de ampliação dos conhecimentos oferecidos pela universidade. Durante a trajetória universitária surgem muitas oportunidades que proporcionam aprendizagem além dos conhecimentos específicos do curso de graduação, são experiências importantes para a vida profissional, fazendo com que o aluno seja diferenciado tanto na universidade quanto no mercado de trabalho.

Durante minha graduação busquei aproveitar as mais diversas oportunidades levando em consideração minha realidade, nesse percurso participei de vários eventos alguns como ouvinte e outros como participante da organização.

A seguir apresentarei alguns eventos que participei e que contribuíram de forma significativa na minha vida pessoal e profissional.

2. 1 REDE EDUCATIVA, EMPREENDEDORA E COLABORATIVA NO SECRETARIADO – RECOSEC

Participei do minicurso intitulado: Novos tempos, nova educação para o empreendedorismo na 1ª Semana de Educação Empreendedora. O evento foi realizado na UFPB CAMPUS IV – na cidade de Mamanguape nos dias 19 a 22 de novembro de 2013 com carga horária de 3 horas. Estive presente na qualidade de participante.

Participei do minicurso intitulado: Desafios da Educação empreendedora na 1ª Semana de Educação Empreendedora. O evento foi realizado na UFPB CAMPUS IV

– na cidade de Mamanguape nos dias 19 a 22 de novembro de 2013 com carga horária de 3 horas. Estive presente na qualidade de participante.

2. 2 V ASSEMBLEIA DO POVO POTIGUARA DA PARAÍBA

A Assembleia foi oferecida por universitários indígenas da Universidade Federal da Paraíba juntamente com as autoridades locais, realizada nos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2013, na Aldeia São Francisco, Terra indígena potiguara localizada na Baía da Traição/PB. Estive presente na qualidade de participante.

2. 3 NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DE SECRETARIADO

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é o órgão consultivo de coordenação didática integrante da Administração Superior, responsável pela concepção do Projeto Pedagógico do curso de Secretariado Executivo Bilíngue, e tem por finalidade elaborar, implantar, implementar, atualizar e complementar a política de ensino, pesquisa e extensão e acompanhar a sua execução, ressalvada a competência dos Conselhos Superiores, possuindo caráter deliberativo e normativo em sua esfera de decisão.

Fui membro discente do Colegiado do Curso de Secretariado Executivo durante um ano a partir do dia 03 de julho de 2014.

2. 4 I ASSEMBLEIA DOS UNIVERSITÁRIOS POTIGUARA

A Assembleia foi realizada pela Associação Universitária Potiguara (AUP), durante os dias 25 e 26 de julho de 2014, na UFPB - Campus IV- Litoral Norte em Rio Tinto/PB. Com carga horária de 18 horas. Estive presente na equipe organizadora do evento.

Foi uma experiência ímpar, o evento foi completamente organizado por nós, estudantes da UFPB, pudemos exercitar os conhecimentos adquiridos na graduação e exercitar principalmente o trabalho em equipe. Éramos cerca de 100 associados e nos dividimos em grupos de trabalho, cada grupo se dedicava às tarefas referentes ao curso em que se graduava.

Eu e algumas alunas do curso de secretariado: Josilene Maria e Dayse Soares ficamos responsáveis pela equipe de secretaria que se dedicou em redigir as Atas

e outros documentos oficiais como: Ofício, Memorando, Convite, Certificados e outros. Ficamos responsáveis pela divulgação do evento, credenciamento, cronograma do evento, dentre várias outras atividades.

Tudo o que fizemos antes, durante e depois do evento apenas acrescentou para meu crescimento pessoal e profissional.

2. 5 CENTRO ACADÊMICO DE SECRETARIADO EXECUTIVO – CASEC

Fiz parte do Centro Acadêmico do Curso de Secretariado Executivo no período de agosto de 2014 a agosto de 2015.

Um centro acadêmico é uma entidade estudantil que representa os estudantes do curso regulamentado pelo Lei Federal nº 7.395 de 31 de outubro de 1985, reconhecido pelo Código Civil Brasileiro como associação sem fins lucrativas, podendo representar estudantes de diversos cursos de uma mesma faculdade.

Suas funções podem ser, e em geral são diversas. Algumas delas são: a organização de atividades acadêmicas extracurriculares como debates, discussões, palestras, semanas temáticas, recepção de calouros e realização de projetos de extensão; encaminhamento, mobilização e organização de reivindicações e ações políticas dos estudantes; mediação de negociações e conflitos individuais e coletivos entre estudantes e a universidade; realização de atividades culturais como feiras de livros, festivais diversos, entre outros.

Desse modo torna-se fundamental a formação do centro acadêmico como também o movimento estudantil, pois a partir da união dos alunos é que podemos conquistar nossos direitos. A função que desempenhei no centro foi de secretário geral. Posso dizer que foi muito gratificante participar do centro acadêmico, este me fez perceber os processos da política interna da universidade, me provou mais uma vez que a universidade não se resume à sala de aula.

2. 6 7ª ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE SECRETARIADO - ENESEC

O Encontro foi realizado no período de 26 a 28 de novembro de 2014 na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador - BA. Com carga horária total de 25 horas. Estive presente na qualidade de participante, na ocasião

também participei do minicurso intitulado “Expertises para o diferencial competitivo”. Essa experiência foi uma das melhores proporcionadas pela universidade. Pudemos conhecer alunos de todo o território nacional e compartilhar experiências.

Como dito anteriormente, é fundamental a organização de uma representação estudantil em um curso superior. Para que nós, alunos de Secretariado, pudéssemos participar do evento citado acima, foi preciso a intervenção do Centro Acadêmico de Secretariado juntamente com o apoio da Coordenação do Curso na pessoa da Prof. ª Maika Zampier para conseguirmos um ônibus disponibilizado pela UFPB.

Eu, particularmente, acredito ser fundamental a assistência da universidade para os estudantes participarem de eventos fora do Estado da Paraíba. Participar desse evento apenas acrescentou no conhecimento intelectual, cultural e fortaleceu nosso curso no âmbito nacional.

2. 7 SECRETARIAR

O evento foi realizado no Centro de Convenções do Hotel Oásis Atlântico, na cidade de Fortaleza – CE, nos dias 18 e 19 de junho de 2016 com carga horária de 12 horas. Estive presente na qualidade de participante. E mais uma vez houve organização estudantil para que pudéssemos conseguir o ônibus da UFPB. O ônibus nos foi cedido e participamos do evento.

3. AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO ALUNO

O Campus IV foi implementado nas cidades de Rio Tinto e Mamanguape há 10 anos, desde então houve muitas modificações positivas na região. Para nós indígenas, o processo de interiorização da UFPB abriu portas que antes eram impossíveis de serem vistas.

Como falei no início, eu não tinha condições de ingressar na universidade no Campus I devido a distância e custo financeiro, imagino a quantidade de pessoas que não tiveram a oportunidade de ter acesso a um curso superior por esses motivos, mas com o Campus IV instalado nas cidades citadas houve acessibilidade para as pessoas que residem nas cidades vizinhas e que não têm condições de sair de sua região para estudar.

Na minha cidade, já podemos contar vários indígenas formados, temos também indígenas que estão no mestrado e doutorado. Isso é uma conquista para o povo potiguara, pois podemos ampliar nossos conhecimentos e contribuir de forma significativa com a comunidade.

O processo de implementação não beneficiou apenas os alunos, como também trouxe desenvolvimento econômico para a região, pois a universidade contribui de forma significativa para o desenvolvimento econômico da região na qual está inserida.

Ao longo da minha trajetória acadêmica posso dizer que sempre tentei fazer o melhor. Como dito no início deste documento, Secretariado não era minha primeira opção de curso. Houve vários momentos em que eu quis desistir por não me adaptar, no segundo período eu efetuei um trancamento total do curso, não só pela adaptação, mas também, por que as condições financeiras não eram favoráveis. No período seguinte eu voltei e tentei dar meu melhor em todos os aspectos.

Me dediquei intensamente nas disciplinas, atingia, na maioria das vezes, as melhores notas. Tentei me envolver nos projetos propostos: participei de extensão, monitoria, Centro Acadêmico, fui membro discente do Núcleo Docente Estruturante de Secretariado, dentre várias outras atividades.

Desenvolvi meu relatório de estágio de tal forma que a coordenadora do curso pediu para usá-lo como modelo pelos demais alunos a fim de facilitar a produção desse tipo de documento por parte dos graduandos.

Juntamente com os colegas conseguimos por meio do Cetro Acadêmico de Secretariado e Coordenação do nosso Curso na pessoa da Professora Maika Zampier a realização de uma viagem para o estado da Bahia a fim de participarmos do VII ENESEC. Essa foi a comprovação prática da força do Centro Acadêmico.

Já presenciei várias experiências e o conhecimento adquirido por meio da universidade, permite-me dizer não sou o melhor mas tenho certeza que tenho meu diferencial. Tudo que faço tento fazer com perfeição, mesmo que o meu melhor não seja o melhor de todos, mas posso dizer para mim mesmo: eu fiz tudo o que pude. Creio que isso é fundamental para a nossa vida como pessoa e como profissional.

4. TABELA DE PONTUAÇÃO

ATIVIDADES ACADÊMICAS DE PRODUÇÃO INTELECTUAL Nº DE CRÉDITOS

- Fiz Extensão em Língua Inglesa com carga horária de 60h por módulo: Básico I, Básico II, Pré-intermediário I, Pré-intermediário II, Intermediário I e Intermediário II. Totalizando carga horária de 360 horas. 2 créditos
- Fui Monitor de Língua Inglesa durante os períodos 2013.2 e 2014.1 com carga horária semanal de doze horas. 2 créditos
- Participei do Minicurso intitulado "Novos Tempos, Nova Educação para o Empreendedorismo, " realizado na I Semana de Educação Empreendedora. O evento foi realizado nos dias 19 e 20 de novembro de 2013, pela Rede Educativa, Empreendedora e Colaborativa no Secretariado (RECOSEC) na UFPB- Campus IV- Litoral Norte em Mamanguape/PB. Com carga horária total de 3 horas. 1/4 crédito
- Participei do Minicurso intitulado "Desafios da Educação Empreendedora" realizado na I Semana de Educação Empreendedora. O evento foi realizado nos dias 19 e 20 de novembro de 2013, pela Rede Educativa, Empreendedora e Colaborativa no Secretariado (RECOSEC) na UFPB- Campus IV- Litoral Norte em Mamanguape/PB. Com carga horária total de 3 horas. 1/4 crédito
- Participei da V Assembleia Do Povo Potiguara Da Paraíba realizada por universitários indígenas da Universidade Federal da Paraíba juntamente com as autoridades locais, realizada nos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2013, na Aldeia São Francisco, Terra Indígena Potiguara localizada na Baía da Traição/PB. 1/4 crédito
- Fui Membro Discente do Colegiado do Curso de Secretariado Executivo durante um ano a partir do dia 03 de julho de 2014. 1 crédito
- Participei como organizador da I Assembleia dos Universitários Potiguara Da Paraíba promovida pela Associação Universitária Potiguara (AUP), durante os dias 25 e 26 de julho de 2014, na UFPB - Campus IV- Litoral Norte em Rio Tinto/PB. Com carga horária de 18 horas. 1 crédito
- Fiz parte do Centro Acadêmico do Curso de Secretariado Executivo no período de agosto de 2014 a agosto de 2015. A função que desempenhei no centro foi de secretário geral. 1 crédito
- Participei do Minicurso intitulado "Expertises para o diferencial competitivo" no VII Encontro Nacional de Estudantes De Secretariado –ENESEC realizado no período de 26 a 28 de novembro de 2014 na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador/BA. Com carga horária total de 25 horas. 1/4 crédito
- Fiz um Estágio Supervisionado Não Obrigatório. A atividade foi desenvolvida na Usina Monte Alegre S/A CNPJ: 090.946.32/0002-17 no período de 04 de novembro de 2015 à 04 de maio de 2016 com carga horária semanal de 30h, totalizando 780 horas de atividades práticas. 2 créditos
- Participei do Secretariar. O evento foi realizado no Centro de Convenções do Hotel Oásis Atlântico, na cidade de Fortaleza – CE, nos dias 18 e 19 de junho de 2016 com carga horária de 12 horas. Estive presente na qualidade de participante. 1/4 crédito.
- Total de créditos 10,4 créditos

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Centro de Ciências Aplicadas e Educação
Campus IV-Litoral Norte
Coordenação do Curso de Secretariado Executivo Bilíngue

Memorial

Iranilza Cinesio Gomes Felix

Memorial submetido à coordenação do curso de Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue para obtenção de créditos relativos aos Conteúdos Curriculares Flexíveis.

Mamanguape- PB, 2014.

SUMÁRIO

1. Histórico do Aluno no Curso 2

1.1. Disciplinas Cursadas 3

1.2. Outras Atividades Curriculares 7

2. Atividades Extracurriculares 9

3. Avaliação e Desempenho no Curso 13

4. Tabela de Pontuação 14

5. Anexos 18

1. Histórico do Aluno do Curso

Sou indígena Potigura, de uma família humilde e batalhadora, trabalhadores do campo (agricultores). Trabalhei desde os onze anos de idade na roça com meus pais e meus irmãos para ajudar em casa.

Meus pais só estudaram até o 2º ano do ensino básico fundamental, mas sempre sonharam em ver agente avançando nos estudos, pois apesar de não terem tido oportunidades para estudar como gostariam, lutaram muito e até hoje lutam para dar uma boa educação para os filhos, principalmente na questão da educação, pois eles sabem a importância do estudo e do aprendizado para nós.

Para os meus pais é um orgulho muito grande ter filhos cursando o ensino superior, principalmente em universidade pública federal, além da minha irmã que hoje é Ecologa e meu irmão que está no 5º período de matemática, eu, também sou motivo de orgulho para os meus pais, no memento que minha família ficou sabendo que eu tinha sido aprovado no PSS foi uma festa enorme para toda a família, porque mais uma filha estava tendo a oportunidade de ampliar seus conhecimentos e ter uma vida melhor.

Meu ingresso no curso de Bacharelado em Secretariado Executivo Bilíngue da Universidade Federal da Paraíba, no Campus IV Litoral Norte, na cidade de Mamanguape, se deu através da realização do vestibular em 2009.

Apesar do curso ter sido a minha segunda opção para ingressar na universidade, já que a primeira foi Ciências Contábeis, posso afirmar que jamais me identificaria em outro curso como no de Secretariado Executivo, pois no dia 01 de fevereiro de 2010 foi o inicio de uma grande descoberta para a minha carreira profissional, onde se iniciou o período 2009.2.

Apesar das dificuldades encontrada no primeiro período, eu tinha a certeza que era o curso que eu queria, nunca pensei em desistir e jamais em transferir para outro curso,

Foram muitos os motivos pelo qual eu poderia ter desistido, a falta de base do ensino médio; as disciplinas desconhecidas; os professores de outras áreas que só criticavam o curso; a falta de

recursos financeiros por parte da minha família, para alimentação, transporte, moradia, acesso a internet, Xerox entre outros matérias didáticos. Tudo isso contribui para a minha desistência, mas eu nunca me deixei levar pelas dificuldade, pois elas só me faziam continuar lutando, além do mais pior que enfrentar todas estas dificuldades era trabalhar o dia todo na roça em baixo do sol quente pelando, e mesmo assim eu o fazia, pois meus pais sempre falavam que a gente só dá valor quando as coisas são difíceis.

Cada dia eu tinha mais certeza de que estava no curso certo, pode perceber isso quando comecei me envolver em outras atividades do curso, como participação em projetos de pesquisa e extensão e monitoria, entre outras ao longo da graduação.

1.1 Disciplinas Cursadas

As disciplinas cursadas até o momento totalizam uma carga horaria de 2460 horas e 164 créditos e 48 disciplinas cursadas e aproximadamente 92% do curso concluído.

As experiências vivenciadas ao longo do curso contribuíram para minha formação pessoal e profissional, muito além do que eu esperava, pois todas as oportunidades que eu aproveitei durante o curso só aumentaram a minha capacitação intelectual e humanística que levarei durante toda a minha jornada de vida.

CODIGO	NOME DA DISCIPLINA	CR	CH.	PERIOD
8108064	TÉCNICAS SECRETARIAS I	3	45	2009 2
8101107	METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTIFICO	4	60	2009 2
8101105	INTRODUCAO A SOCIOLOGIA	4	60	2009 2
8101104	INTRODUCAO A FILOSOFIA	4	60	2009 2
8108007	ECONOMIA I	4	60	2009 2
8108065	TÉCNICAS SECRETARIAIS II	3	45	2010 1
8101127	COMUNICACAO EMPRESARIAL	3	45	2010 1
8105022	LÍNGUA ESPANHOLA I -SECRT	3	45	2010 1
8105018	LINGUA PORTUGUESA I	4	60	2010 1
8105008	LINGUA INGLESA I - SECRETARIADO	4	60	2010 1
8101125	FUND. SOCIO-HIST. E POL. DO BRASIL	3	45	2010 1
8105009	LINGUA INGLESA II - SECRETARIADO	4	60	2010 2
8103129	INTRODUCAO A INFORMATICA	3	45	2010 2
8108066	TEORIAS DE ADMINISTRAÇÃO I	3	45	2010 2
8108073	PESQUISA APLICADA A SECRETARIADO	3	45	2010 2
8105023	LÍNGUA ESPANHOLA II - SECRET	3	45	2010 2
8105019	LÍNGUA PORTUGUESA II	4	60	2010 2
8105010	LINGUA INGLESA III - SECRETARIADO	4	60	2011 1
8105004	REDAÇÃO COMERCIAL EM PORTUGUÊS I	3	45	2011 1

8108067	GESTÃO ORGANIZACIONAL	3	45	2011	1
8103130	INFORMATICA ALICADA A SECRETARIADO	3	45	2011	1
8103108	MATEMATICA ELEMENTAR	4	60	2011	1
8105011	LINGUA INGLESA IV - SECRETARIADO	4	60	2011	2
8105005	REDAÇÃO COMERCIAL EM PORTUGUÊS II	3	45	2011	2
8108074	PLANEJAMENTO ESTRATÉG. PARA SECRETARIADO	3	45	2011	2
8108077	ARQUIVO E DOCUMENTAÇÃO	3	45	2011	2
8105025	LÍNGUA ESPANHOLA IV - SECRET	3	45	2011	2
8108068	GESTÃO CONTÁBIL PA RA SECRETARIADO	3	45	2012	1
8105026	LÍNGUA ESPANHOLA V - SECRET	3	45	2012	1
8108069	ESTÁGIO SUPERVISIONADO I	4	60	2012	1
8101122	PSICOLOGIA DAS RELACOES HUMANAS	3	45	2012	1
8105016	REDACAO COMERCIAL EM INGLÊS	3	45	2012	1
8108061	INST.DE DIREITO PÚBLICO E PRIVADO	4	60	2012	1
8105027	REDACAO COMERCIAL EM ESPANHOL	3	45	2012	2
8103124	ESTATISTICA I	4	60	2012	2
8101146	ETICA PROFISSIONAL	3	45	2012	2
8108063	INTRODUÇÃO A MÁRKETING	3	45	2012	2
8105017	TECNICAS DE TRADUCAO EM INGLES	3	45	2012	2
8108062	LEGISL.SOCIAL E DIREITO DO TRABALHO	4	60	2013	1
8108081	ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS	3	45	2013	1
8105028	TECNICAS DE TRADUCAO EM ESPANHOL	3	45	2013	1
8108078	RELAÇÕES PÚBLICAS	3	45	2013	1
8108071	ESTÁGIO SUPERVISIONADO III	4	60	2013	2
8108072	ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV	8	120	2013	2
8108070	ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	4	60	2013	2
8108089	DIREITO EMPRESARIAL	3	45	2013	2
8108079	COMÉRCIO EXTERIOR	3	45	2013	2
8108076	CERIMONIAL,PROT. E ETIQUETA EMPRESARIAL	4	60	2013	2

Deveria ter concluído o curso no período passado 2013.2, porém houve circunstâncias pelo qual não pude concluir, apesar de ter efetuado a matricula na disciplina de TCC, só agora neste período estarei com tempo disponível para produzir e apresentá-lo.

1.2 Outras Atividades Curriculares

No período de dezembro de 2010 à Dezembro de 2013, participei como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET Indígena), onde desenvolvi atividades voltada para a cultura Potiguara, nas aldeias e dentro da Universidade, com o intuito de fortalecer nossa identidade étnica.

Fui monitora voluntária da disciplina Pesquisa Aplicada ao Secretariado durante os períodos letivos de 2011.1, 2011.2 e 2012.1.

Esta experiência contribui e despertou o meu interesse para a área docência, destacando a importância da pesquisa para o profissional de Secretariado Executivo.

No período de fevereiro à dezembro de 2013, Participei como bolsista do Programa PROEXT 2013 "Assessoria a Associações de Beneficiários da Reforma Agraria- PB: Implantação da Gestão Solidaria e Rede Local" foi coordenado pela Professora Ms. MaikaBueque Zampier, onde levamos os conhecimentos acadêmicos para o campo, desenvolvendo as atividades respaldado pelos princípios da extensão popular. Essas atividades foram desenvolvidas em cinco Assentamentos, na Região da Borborema.

As experiências vivenciadas ao longo do curso, foi de extrema importância para minha formação pessoal e profissional.

2. Atividades extracurriculares

- Participei como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET Indígena), "O acesso e a Permanência do Universitário Indígena na Academia", no período de dezembro de 2010 à Dezembro de 2013.
- Participei da Palestra: O Secretário Executivo como Agente Empreendedor, realizado no dia 27 de Setembro de 2011, na UFPB-Campus IV em Mamanguape na qualidade de participante.
- Participei da Palestra Letramento Acadêmico: A Importância da Escrita na Formação Universitária, ministrada pela Profª Ms. Sylvia Coutinho Abbott Galvão – UFRN, com carga horaria de 4 horas, na condição de participante em 17 de novembro de 2011.
- Participei da V Oficina Pedagógica de Secretariado, realizada nos dias 24 e 25 de novembro de2011, na UFPB-Campus IV Mamanguape na qualidade de participante das oficinas de: Domínio das Técnicas Secretarias e Gestão Documental.

- Participei do VIII Encontro dos Sem Terrinha da Paraíba, realizado no período de 22 À 23 de outubro de 2011 no Ginásio Poliesportivo Ronaldão, com carga horária de 30 horas, desenvolvendo atividades de Assessoria Secretarial.
- Participei da I Semana Acadêmica de Secretariado Executivo, realizado no período de 19 à 20 de julho de 2011, na UFPB – Campus IV – Litoral Norte – Mamanguape – PB, na qualidade de participante.
- Participei da I Semana Acadêmica de Secretariado Executivo, realizado no período de 19 à 20 de julho de 2011, na UFPB – Campus IV – Litoral Norte – Mamanguape – PB, na qualidade de apresentador do Projeto de Pesquisa: Mercado de Trabalho para a área de Secretariado Executivo na Paraíba.
- Participei como ouvinte do IV Seminário do Laboratório de Estudos em Movimentos Étinicos e IV Mostra Leme de Fotografia e Filme Etnográficos, realizado de 12à 14 de setembro de 2011 no Campus IV da UFPB, em Rio Tinto/PB, com carga horária de 36 horas.
- Participei como voluntária do IV Seminário do Laboratório de Estudos em Movimentos Étinicos e IV Mostra Leme de Fotografia e Filme Etnográficos, realizado de 12à 14 de setembro de 2011 no Campus IV da UFPB, em Rio Tinto/PB, com carga horária de 36 horas.
- Participei da II Semana de Ciência, Tecnologia, Esporte, Arte e Cultura, no XIV Encontro de Iniciação a Docência, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação/UFPB, em João Pessoa – PB, no período de 19 à 21 de outubro de 2011, onde apresentei o Trabalho intitulado Entrada de Indígenas Potiguara na Universidade: Reflexão sobre uma Prática Educativa com Universitários e Vestibulandos Indígenas – PET/UFPB, teve como orientador o Professor Doutor Lusival Antônio Barcellos.
- Participei da II Semana de Ciência, Tecnologia, Esporte, Arte e Cultura, no XIV Encontro de Iniciação a Docência, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação/UFPB, em João Pessoa – PB, no período de 19 à 21 de outubro de 2011, onde apresentei o Trabalho intitulado O acesso e a Permanência do Universitário Indígena na Academia – PET/UFPB, teve como orientador o Professor Doutor Lusival Antônio Barcellos.

- Participei da I Feira de Extensão do Litoral Norte, realizada no dia 01 de dezembro de 2011, com carga horária de 12 horas, onde expôs o trabalho intitulado 'Entrada e Permanência do Universitário Indígena na Academia".
- Fui monitora voluntária da disciplina Pesquisa Aplicada ao Secretariado, durante os períodos letivos de 2011.1, 2011.2 e 2012.1.
- Participei da II Feira de Extensão do Litoral Norte, realizada no dia 20 de dezembro de 2012, com carga horária de 8 horas, onde expôs o trabalho intitulado " PET Indígena".
- Participei XVII ENAPET, realizada entre os dias 22 e 27 julho de 2012, com carga horária de 48 horas, na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luiz – MA.
- Participei do XI Fórum Paraibano dos Grupos PET, realizado no dia 10 de novembro de 20012, no Instituto Federal da Paraíba.
- Participei do Curso de Finanças Pessoais e Empreendedorismo Profissional, realizado no dia 12 de dezembro de 2012, na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Litoral Norte, com carga horária de 04 horas.
- Participei do IX Encontro dos Sem Terrinha da Paraíba- 2012 realizado no período de 12 a 14 de outubro de 2012 no Ginásio de Esportes do Lyceu Paraibano no total de 40 horas desenvolvendo atividades de assessoramento de Gestão em Eventos.
- Participei da Comissão de Organização do II Seminário de Praticas de Educação do Campo – II SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS – DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 04, 05 e 06 de dezembro de 2012, com carga horária de 32 horas.
-
- Apresentei o trabalho Relato de Experiências do Curso de Antropologia e Secretariado Executivo Atividade de Campo pelo PROEXT 2013 "Assessoria a Associações de Beneficiários da Reforma Agraria- PB: Implantação de Gestão Solidaria e Rede Local" de autoria de Iranilza Cinesio Gomes, Carla Priscila Gerôncio, Maika Bueque Zampir. Como comunicação oral no GT nº10- "Educação Popular" coordenado pela profºMs. MaikaBuenqueZampier- curso de Secretariado Executivo- DCSA-CCAE UFPB e HamonnyAngela- CA pedagogia- CCAE – UFPB, no 3º Seminário de praticas de

Educação do Campo- III SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS- DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 29, 30 e 31de dezembro de 2013.

- Participei como bolsista, do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PROEXT "Assessoria a Associações de Beneficiários da Reforma Agraria- PB: Implantação de Gestão Solidaria e Rede Local" coordenado pela profºMs. MaikaBuequeZampier, com duração de 11 meses, de fevereiro a dezembro sendo 20 horas semanais.
- Participei do III Seminário de Praticas de Educação do Campo – III SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS – DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 29, 30 e 31 de outubro de 2013, com carga horária de 24 horas.
- Participei da Sessão de Oficinas Educativa do 8º Circulo de Cultura – "Curriculum Lattes: Registrando o Capital Necessário na Vida Acadêmica do III Seminário de Praticas de Educação do Campo – III SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS – DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 29, 30 e 31 de outubro de 2013.
- Participei do III Festival da Juventude Paraibana, com o tema: "Empoderamento Juvenil no Campo e na Cidade", no período de 12 à 15 de dezembro de 2013, na cidade de Cabaceiras – PB.
- Participei da V Assembleia do Povo Potiguara da Paraíba, realizada nos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2013, na Aldeia São Francisco, Terra Indígena Potiguara, Baia da traição/PB.
- Participei da organização do Debate: A Influência da Tecnologia nos Relacionamentos, Coordenado pela Profª Maria Luzitana em 27 de Março de 2014 com carga horaria de 06 horas.
- Participação do IV Seminário Internacional de Praticas de Educativas – IV SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS – DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2014, com carga horária de 24 horas.

3. Avaliação do seu Desempenho no Curso

O curso me proporcionou um novo aprendizado, e novas oportunidades, conhecimentos essenciais para contribuir com meu Povo Potiguara, além de crescimento pessoal e profissional para a minha vida.

Apesar das dificuldades enfrentadas durante todo o curso, aproveitei todas as oportunidades que pude, e desta forma pude ampliar os meus conhecimentos que vão além da sala de aula, pois é na prática que aprendemos de verdade.

Minha participação em projetos de pesquisa, de extensão e na monitoria, foi fundamental para meu aprendizado, pois não devemos nos limitar apenas às teorias de sala de aula e sim buscar novos desafios e sobre tudo, novas possibilidades.

4. Tabela de Pontuação

1. Atividades Acadêmicas de Ensino, Pesquisa, Extensão e produção intelectual:

Tipo de Atividade	**Nº de Créditos**
Programa de Educação Tutorial (PET Indígena), "O acesso e a Permanência do Universitário Indígena na Academia", no período de dezembro de 2010 à Dezembro de 2013.	
Palestra: O Secretário Executivo como Agente Empreendedor, realizado no dia 27 de Setembro de 2011, na UFPB-Campus IV em Mamanguape na qualidade de participante.	
Palestra Letramento Acadêmico: A Importância da Escrita na Formação Universitária, ministrada pela Profª Ms. Sylvia Coutinho Abbott Galvão – UFRN, com carga horária de 4 horas, na condição	

de participante em 17 de novembro de 2011.	
V Oficina Pedagógica de Secretariado, realizada nos dias 24 e 25 de novembro de 2011, na UFPB-Campus IV Mamanguape na qualidade de participante das oficinas de: Domínio das Técnicas Secretarias e Gestão Documental.	
VIII Encontro dos Sem Terrinha da Paraíba, realizado no período de 22 À 23 de outubro de 2011 no Ginásio Poliesportivo Ronaldão, com carga horária de 30 horas, desenvolvendo atividades de Assessoria Secretarial.	
I Semana Acadêmica de Secretariado Executivo, realizado no período de 19 à 20 de julho de 2011, na UFPB – Campus IV – Litoral Norte – Mamanguape – PB, na qualidade de participante.	
I Semana Acadêmica de Secretariado Executivo, realizado no período de 19 à 20 de julho de 2011, na UFPB – Campus IV – Litoral Norte – Mamanguape – PB, na qualidade de apresentador do Projeto de Pesquisa: Mercado de Trabalho para a área de Secretariado Executivo na Paraíba.	
IV Seminário do Laboratório de Estudos em Movimentos Étinicos e IV Mostra Leme de Fotografia e Filme Etnográficos, realizado de 12à 14 de setembro de 2011 no Campus IV da UFPB, em Rio Tinto/PB, com carga horária de 36 horas.	

Voluntária do IV Seminário do Laboratório de Estudos em Movimentos Étinicos e IV Mostra Leme de Fotografia e Filme Etnográficos, realizado de 12à 14 de setembro de 2011 no Campus IV da UFPB, em Rio Tinto/PB, com carga horária de 36 horas.	
II Semana de Ciência, Tecnologia, Esporte, Arte e Cultura, no XIV Encontro de Iniciação a Docência, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação/UFPB, em João Pessoa – PB, no período de 19 à 21 de outubro de 2011, onde apresentei o Trabalho intitulado Entrada de Indígenas Potiguara na Universidade: Reflexão sobre uma Prática Educativa com Universitários e Vestibulandos Indígenas – PET/UFPB, teve como orientador o Professor Doutor Lusival Antônio Barcellos.	
II Semana de Ciência, Tecnologia, Esporte, Arte e Cultura, no XIV Encontro de Iniciação a Docência, promovido pela Pró-Reitoria de Graduação/UFPB, em João Pessoa – PB, no período de 19 à 21 de outubro de 2011, onde apresentei o Trabalho intitulado O acesso e a Permanência do Universitário Indígena na Academia – PET/UFPB, teve como orientador o Professor Doutor Lusival Antônio Barcellos.	
I Feira de Extensão do Litoral Norte, realizada no dia 01 de dezembro de 2011, com carga horária de 12 horas, onde expôs o trabalho intitulado 'Entrada e Permanência do Universitário Indígena na Academia".	

Monitora voluntária da disciplina Pesquisa Aplicada ao Secretariado, durante os períodos letivos de 2011.1, 2011.2 e 2012.1.	
Participei XVII ENAPET, realizada entre os dias 22 e 27 julho de 2012, com carga horária de 48 horas, na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luiz – MA.	
IX Encontro dos Sem Terrinha da Paraíba- 2012 realizado no período de 12 a 14 de outubro de 2012 no Ginásio de Esportes do Lyceu Paraibano no total de 40 horas desenvolvendo atividades de assessoramento de Gestão em Eventos.	
XI Fórum Paraibano dos Grupos PET, realizado no dia 10 de novembro de 20012, no Instituto Federal da Paraíba.	
Organização do II Seminário de Praticas de Educação do Campo – II SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS – DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 04, 05 e 06 de dezembro de 2012, com carga horária de 32 horas.	
Curso de Finanças Pessoais e Empreendedorismo Profissional, realizado no dia 12 de dezembro de 2012, na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Litoral Norte, com carga horária de 04 horas.	

II Feira de Extensão do Litoral Norte, realizada no dia 20 de dezembro de 2012, com carga horária de 8 horas, onde expôs o trabalho intitulado " PET Indígena".	
Apresentação de trabalho Relato de Experiências do Curso de Antropologia e Secretariado Executivo Atividade de Campo pelo PROEXT 2013 "Assessoria a Associações de Beneficiários da Reforma Agraria- PB: Implantação de Gestão Solidaria e Rede Local" de autoria de Iranilza Cinesio Gomes, Carla Priscila Gerôncio, Maika Bueque Zampir. Como comunicação oral no GT nº10- "Educação Popular" coordenado pela profºMs. MaikaBuenque Zampier- curso de Secretariado Executivo- DCSA-CCAE UFPB e HamonnyAngela- CA pedagogia- CCAE – UFPB, no 3º Seminário de praticas de Educação do Campo- III SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS- DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 29, 30 e 31de outubro de 2013.	
III Seminário de Praticas de Educação do Campo – III SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS – DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 29, 30 e 31 de outubro de 2013, com carga horária de 24 horas.	
Oficinas Educativa do 8º Circulo de Cultura – "Curriculum Lattes: Registrando o Capital Necessário na Vida Acadêmica do III Seminário de Praticas de Educação do Campo – III SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS – DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 29, 30 e 31 de outubro de 2013.	
V Assembleia do Povo Potiguara da Paraíba, realizada nos dias 21,	

22 e 23 de novembro de 2013, na Aldeia São Francisco, Terra Indígena Potiguara, Baia da traição/PB.	
Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão – PROEXT "Assessoria a Associações de Beneficiários da Reforma Agraria- PB: Implantação de Gestão Solidaria e Rede Local" coordenado pela profºMs. MaikaBuequeZampier, com duração de 11 meses, de fevereiro a dezembro somando 20 horas semanais.	
III Festival da Juventude Paraibana, com o tema: "Empoderamento Juvenil no Campo e na Cidade", no período de 12 à 15 de dezembro de 2013, na cidade de Cabaceiras – PB.	
Organização do Debate: AInfluência da Tecnologia nos Relacionamentos, coordenado pela Profª Maria Luzitana em 27 demarço de 2014, com carga horária de 06 horas.	
IV Seminário Internacional de Praticas de Educativas – IV SECAMPO, promovido pelo GEPeeeS – DED – CCAE – UFPB realizado nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2014, com carga horária de 24 horas.	
Total de créditos	

5. Anexos